

# O Senhor Engenheiro faz questão...

O PS e Guterres estão a ir muito mais longe do que alguma vez foram o PSD e Cavaco. Guterres está já a ter uma intervenção eleitoral descarada.



■ José Casanova Pág. 14

# O horror económico... do capitalismo

Confundir-se trabalho, qualidade humana intrínseca, libertadora, com a mercadoria força de trabalho, e seu emprego nas condições do modo de produção capitalista, leva a que se anatematize o trabalho por aquilo que é a perversa utilização da sua força.

■ Sérgio Ribeiro Pág. 15

# Um livro muito verde

A Comissão do Livro Branco da Segurança Social, nomeada pelo Governo, acabou de tornar público um documento a que chamou «Livro Verde». E pode-se dizer que «a montanha pariu um rato». E isto porque algumas das principais questões com que se debate a Segurança Social no nosso País não mereceram, por parte da Comissão, ou, pelo menos, por uma grande parte dela, grande atenção.

■ Eugénio Rosa Pág. 17

## INTERNACIONAL

# Ulster O renascer da esperança

O Ulster vive desde domingo o renascer da esperança no processo de paz, depois de o IRA ter anunciado «a suspensão completa das operações militares» e o «restabelecimento inequívoco» do cessar-fogo de Agosto de 1994.

Pág. 11

# Suplemento especial Festa do «Avante!»

**Músicas Diferentes Homens Iguais**

**Orquestra Metropolitana de Lisboa** com Jorge Moyano

**TIMBALADA** Os ritmos da rua de cidade mais negra do Brasil: S. Salvador do Baile

**RIO GRANDE** Tim

**O Auditório 1º de Maio**

**Mudou de sítio!**

**SÉRGIO**

# Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 24 de Julho de 1997 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1234 • Director: Carlos Brito

# Carvalhas visita Viana e Guimarães

# «TOTOLOTO para os Mellos»

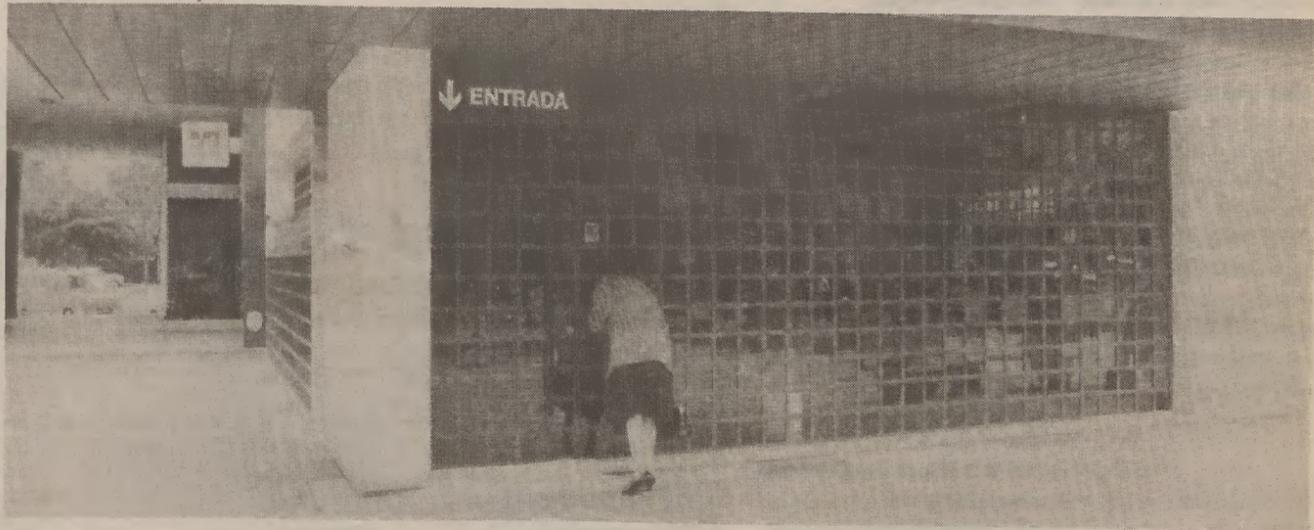


Enquanto para os Estaleiros de Viana do Castelo sobram as dificuldades, para os Mellos não faltam facilidades, até ao ponto de ser o Estado a arcar com as dívidas ao fisco e à segurança social.

Pág. 5

## Privatizações no sector bancário

# A riqueza de todos feita dinheiro de uns poucos

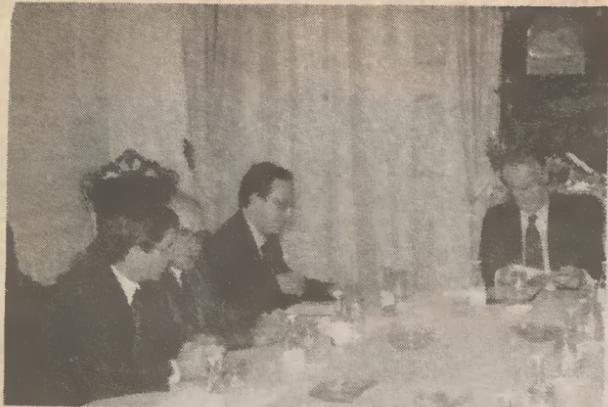


Ainda não há um mês, revelou o Banco de Portugal, no relatório da administração relativo a 1996, que cinco grupos financeiros arrecadavam mais de 90 por cento dos lucros gerados pelo sistema bancário português, que conta 51 instituições.

Centrais

## EDITORIAL

## Em «boas mãos»



O Presidente da República recebe uma delegação do PCP

## RESUMO

16  
Quarta-feira

Sousa Franco admite o adiamento da colecta mínima de IRS e IRC ■ Fernanda Ribeiro e Carla Sacramento estabelecem as melhores marcas do ano em 3000 metros e na milha, no Meeting de Nice ■ As autoridades espanholas proíbem as manifestações de sábado do Herri Batasuna ■ O secretário-geral das Nações Unidas, Koffi Anan, anuncia uma reforma global para a organização ■ A Coreia do Norte e a Coreia do Sul trocam tiros junto a um posto fronteiriço.

17  
Quinta-feira

O Conselho de Ministros aprova as linhas gerais do Orçamento de Estado para o ano de 1998 ■ Inicia-se a reunião do Conselho de Ministros da CPLP, no Brasil ■ Ocorrem confrontos entre os polícias em greve e soldados do exército ■ Cerca de cinco mil pessoas manifestam-se junto ao palácio do presidente do Peru, gritando «abaixo a ditadura», no dia em que o ministro dos Negócios Estrangeiros se demite ■ Quatro engenheiros de fraca intensidade explodem numa base britânica da Sfor em território sérvio bósnio ■ O Governo britânico anuncia que os referendos sobre a autonomia da Escócia e País de Gales vão-se realizar em Setembro ■ Kocheril Raman Narayanan é proclamado presidente da Índia.

18  
Sexta-feira

O PCP denuncia casos de abusos de instituições privadas no acesso ao ensino superior ■ Carlos Carvalhas desloca-se ao distrito de Viana do Castelo ■ A Igreja Católica defende uma nova «reforma agrária» para a zona do Alentejo ■ A greve dos guardas florestais regista uma adesão de 90 por cento ■ O Ministério da Agricultura divulga o Plano Nacional de Saúde Animal ■ Timor-Leste é admitido como «observador participante» na CPLP ■ O líder do Sinn Féin, a ala política do IRA, apela a tréguas na Irlanda do Norte.

19  
Sábado

Carlos Carvalhas visita a cidade de Braga, onde participa num comício com os candidatos CDU às CM do distrito ■ O Primeiro-Ministro parte para o Brasil numa viagem de nove dias, que incluirá também visitas à Argentina e Uruguai ■ O IRA restabelece o cessar-fogo ■ O presidente da República, Sprska, lança um apelo a Kaadzić, o ex-líder dos

sérvios bósnios, para se entregar ao Tribunal Penal Internacional ■ No 18º aniversário da revolução da Nicarágua, os sandinistas fazem uma proposta de diálogo ao Governo para resolver a crise do país ■ Realizam-se eleições presidenciais na Libéria.

20  
Domingo

No encerramento das VII Jornadas de Timor, Jorge Sampaio apela à criação de uma «plataforma política» que una as várias sensibilidades da resistência timorense ■ Em Espanha, o coordenador da Esquerda Unida, Julio Anguita, e o novo secretário-geral do PSOE, Joaquim Almunia, iniciam o diálogo entre as duas formações políticas ■ Continuam as inundações na Polónia e na Alemanha ■ Realizam-se eleições gerais no Vietname.

21  
Segunda-feira

O Provedor de Justiça escreve a Maria João Rodrigues a pedir esclarecimentos sobre a aplicação das 40 horas de trabalho ■ António Guterres encontra-se com o presidente argentino em Buenos Aires ■ Em Espanha, duas granadas explodem junto a um quartel da Polícia Nacional em Oviedo, alegadamente obra da ETA ■ O Governo francês aprova um pacote de medidas orçamentais que prevê o aumento dos impostos ■ O primeiro-ministro britânico apresenta um plano de paz anglo-irlandês para o Ulster ■ Yasser Arafat recebe um relatório sobre o governo palestino que recomenda a demissão de vários ministros e altos funcionários por envolvimento em casos de corrupção.

22  
Terça-feira

Carlos Carvalhas é recebido pelo Presidente da República, numa ronda de audiências sobre a situação política, e participa em diversas iniciativas da CDU no Alentejo, Vila Nova da Borani e Ferreira do Alentejo ■ Rui Horta Carneiro, do PP, retira candidatura a Vila Franca de Xira, «por falta de empenho da direcção nacional» ■ Comissão Europeia impõe condições «inúteis e despropositadas», segundo fontes da instituição, para dar parecer favorável ao projecto do Alqueva ■ Portugal inicia nova fase de rendição das tropas em missão na Bósnia ■ A União Europeia promove encontro entre David Levy e Yasser Arafat, em Bruxelas, para relançamento do diálogo ■ De acordo com o relatório da Unicef, a violência contra as mulheres constitui a violação dos direitos humanos mais frequente no planeta.

O leitor que tenha passado uma vista de olhos aos jornais dos últimos dias há-de certamente achar que vive num país estranho, que subitamente acordou em lugar de insólitos costumes e de práticas menos conformes. De repente fica a saber que o Governo - pelo menos metade dele - partiu para os brasis. Com Guterres à frente, onze ministros e secretários de Estado lá foram, em visita oficial e missão desconhecida. Outros ministros estão de férias - caso de António Vitorino. O lugar de substituição de Primeiro-Ministro coube a Sousa Franco, um dos mais polémicos membros do executivo, que já suscita reticências e antagonismos no interior do Governo, na bancada parlamentar socialista e dentro do PS, do qual não faz parte. Ainda há dias veio a lume o diferendo que o opõe ao Secretário de Estado da Energia, este a defender a baixa do imposto sobre os combustíveis no momento em que o Ministro das Finanças avança com o seu aumento.

Os portugueses perguntar-se-ão sobre o significado a atribuir à promoção de Sousa Franco à condição de Primeiro-Ministro «substituto». Ainda mais quando é voz corrente que o homem das Finanças é tão independente que raramente toma lugar em Conselho de Ministros com a desculpa de que é surdo ao que por lá se diz.

Remoendo sobre as razões de tal partida, o leitor há-de concluir que não há memória de uma tão numerosa comitiva a demandar a estranja; recordará que os Magriços eram doze, mas que nenhum foi a Inglaterra em missão governativa; que as equipas de futebol são compostas por onze membros efectivos e que o treinador costuma dirigi-las, mas não fazem parte do governo; que D. Manuel, há quase quinhentos anos, enviou uma luzida embaixada ao Papa, com vários bichos, mas nenhum fazia parte do ministério. Com um baque no coração, o leitor lembrará, por fim, que D. João VI abandonou Lisboa com a corte em peso, ao anúncio das invasões francesas.

A comparação, porém, revela-se forçada. É que João VI fugiu com medo das invasões, enquanto Guterres é um dos obreiros da maior invasão de que há memória na história do País - a grande invasão dos interesses estrangeiros que, via Maastricht, entrou em Portugal e solidifica as suas posições. A «França» já cá está.

O que terá levado Guterres a partir, em tão imponente companhia, para tão longínquas paragens? Decerto não esperará conseguir, à força do número, convencer os homólogos brasileiros do que quer que seja. Tal embaixada, aliás, terá deixado perplexos os governantes do Brasil, da Argentina e do Uruguai, onde não deve haver memória de tão espantosa visita, que cheira mais a vassalagem que a aproximação de interesses.

A melhor razão a encontrar para justificar a estrondosa partida de boa parte do executivo, enquanto outra se ausenta de férias, deixando a um polémico ministro a tarefa de assegurar os negócios correntes, é a de que Guterres terá

achado que é mesmo tempo de descanso. O essencial da governação, por agora, está feito. E, no que toca à Assembleia, ocupada com a revisão constitucional, funciona uma operativa maioria. Exceptuando os comunistas, não há oposição.

O chefe do Governo parece mesmo subestimar não apenas «o desencanto e a frustração» que na passada semana os comunistas, pela voz do Secretário Geral do PCP, discerniam em cada vez mais largas massas do eleitorado que levou o PS ao poder, mas também as vozes que no interior do seu partido se levantam contra a prática e o projecto de direita que Guterres lidera, apoiado no PSD e no PP. Entretanto anunciam-se a cada dia novas demissões e promessas de demissão, como se uma demissionite aguda tivesse tomado conta do PS após o Primeiro-Ministro ter ele próprio ameaçado demitir-se se as coisas lhe não corressem de feição. A juntar-se aos deputados que anunciaram a sua saída da bancada socialista, e após o presidente da bancada ter brandido o espectro da demissão se a disciplina não

fosse a que ele entende, há agora, segundo o «Expresso», um Secretário de Estado - o dos Assuntos Fiscais - a revelar a intenção de «bater com a porta».

A situação - a do País, a do Estado, a do seu partido - não parecem comover Guterres. A política de direita que tem aprofundado - em íntima convergência com o PSD e com o PP - vai de vento em popa. E o futuro dessa política fica em «boas mãos».

Até as análises de comentadores razoavelmente distantes dos pontos de vista do PCP confluem no sentido de demonstrar a identidade das posturas deste Governo e do anterior, das suas políticas, dos seus chefes. Referindo que a «condição de gémeos partilhada por PS e PSD no apoio à meta da moeda única e da União Europeia esbate, irremediavelmente, as velhas diferenças», uma jornalista do «Expresso» assinala os esforços do PS e do PSD para «reforçar a sua identidade própria». «Mas os resultados», afirma, «acabam por esbarrar muito mais em questões de estilo do que propriamente no conteúdo das políticas concretas».

Por seu lado, Victor Cunha Rego, no «Diário de Notícias», inquieta-se com a «indiferença» dos portugueses perante os problemas que se agravam e as perspectivas que faltam: «Aposta-se tudo no "desígnio nacional" da moeda única e abre-se uma crise com a promessa de eleições antecipadas poucos meses antes da decisão europeia. Comprova-se a existência da pobreza e faz-se uma privatização como a da EDP. As contradições e as dúvidas sucedem-se, mas o País vai entrar ou já está de férias sem querer pensar nisso.»

É claro que, quanto a nós, concluímos diversamente. O País quer e pensa. Quem foi de férias foi Guterres e o seu Governo. Depois de ter tomado, de cumplicidade com o PSD e o PP, as medidas mais gravosas; continuando a governar-se dando entrada a mais boys, às centenas, batendo o recorde de Fernando Nogueira; assegurando-se de que a revisão constitucional, com o PS dependente de Marcelo e de Monteiro, está em «boas mãos». De direita.

## Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português  
Rua Soares Pereira Gomes  
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:  
Rua Soares Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.  
Tel. 796 97 23/796 97 22. Telex 18390  
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:  
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,  
7º-A, 1100 Lisboa.  
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricula: 47058.  
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO ADE's  
DISTRIBUIÇÃO ADE's  
Editorial «Avante!» — Av. Almirante Reis, 90, 7º-A,  
— 1100 Lisboa  
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11  
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:  
Até às 17 horas de cada sexta-feira:  
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:  
Tapada Nova  
Copa Rota — Linho — 2710 Sintra  
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B L 227 — 4470 Maia  
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A, 1100 Lisboa  
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7º-A, 1100 Lisboa  
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e impressão  
Heska Portuguesa, SA  
R. Elias Garcia, 27  
Venda Nova — 2700 Amadora  
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS\*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 46 100\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 28 600\$00	50 números: 33 850\$00

\* IVA e portes incluídos

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código Postal \_\_\_\_\_ Telef. \_\_\_\_\_

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

## ACTUAL

## Ah ganda Professor!

Ao Professor Marcelo pode aplicar-se um célebre dito de Herman José: «É danado para a brincadeira». E mesmo que, neste caso, a brincadeira seja outra, a verdade é que a vida do Professor tem sido uma brincadeira pegada. Marcelo é assim uma espécie de Professor Pardal, sempre a inventar invenções. Aqui há uns anos inventou «os factos políticos». É certo que más línguas invejosas disseram, na altura, que os «factos políticos do Professor» não passavam do desenvolvimento da teoria de um tal Goebbels, ou coisa assim, cujo dizia, mais coisa menos coisa, que uma mentira repetida muitas vezes passa a ser uma verdade. Mas a verdade o que é? A verdade é que Marcelo foi o grande inventor dos «factos políticos» e o resto são tretas.

Depois o Professor inventou os «exames»: semanalmente avaliava comportamentos e práticas de figuras várias da política nacional e, regra geral de acordo com as suas opções político-partidárias, dava-lhes notas - notas académicas, entenda-se; por que, ao que se diz, as notas - notas, *argent, money*, essas iam abarrotar os bolsos do inventivo inventor.

Continuando a brincadeira, o Professor inventou, depois, «o desafio». Trata-se de uma invenção dedicada ao engenheiro Guterres: Marcelo desafia-o todos os dias para qualquer coisa, não importa o quê, e o engenheiro, ai dele, para não dar parte de fraco, ajeita a madeixa que não precisa ser ajeitada, sorri aquele sorriso de plástico e aceita o desafio. Depois não se passa mais nada até ao desafio que se segue.

Foi assim, de brincadeira em brincadeira, que Marcelo atingiu o pico: inventou o referendo! E, qual criança com o brinquedo sonhado nas mãos, passou logo a inventar-lhe utilizações: referendo sobre isto, referendo sobre aquilo, referendo sobre tudo e sobretudo. Mas, em primeiro lugar, o referendo sobre «as questões europeias», outra coias «seria inconcebível».

Antes de partir para férias o Professor pensou, pensou, pensou e inventou três questões para o referendo europeu: «duas concretas e uma mais vasta». A «mais vasta» é «suficientemente aberta para nela se poder perguntar tudo no campo político sobre a integração

europeia», ou seja: não sabe, não responde - respondeu o eleitorado. As «concretas» são, além de concretas, igualmente geniais. Importatíssimas. Decisivas mesmo. E utilíssimas. Não duvido que em torno da resposta que o eleitorado lhes dará há-de criar-se um enorme, profundo, pesado e ansioso suspense. Ei-las: «Concorda com o reforço da cooperação policial europeia no combate ao tráfico de droga, às mafias», etc., etc.? E: «Concorda com o reforço da cooperação europeia no combate ao desemprego», etc., etc.?

É para isto que um pai cria um filho!

Mas consta que o Professor ficou de tal modo entusiasmado com a qualidade das questões que inventou que, a desoras, saiu de casa e correu, correu até à residência do engenheiro Guterres, tocou, tocou, tocou e quando o engenheiro abriu travou-se entre os dois um profundo diálogo assim iniciado: «Inventei: o referendo-melga, Mike!». «O referendo-melga, Melga? Espantoso!...» E prontos.

■ José Casanova

## Apocalipse-now?

Vem aí o fim do mundo? Após o «fim das ideologias» e o «fim da História», será esse o nosso futuro próximo?

Sim, concluiria quem ouvisse a intervenção do Prof. Ian Angel, da London School of Economics, no Seminário Europeu para a Imprensa, ou lesse o seu resumo no «Público» de sábado passado. Senão, vejamos: «O mundo está cheio de pessoas assustadas». «Os ricos serão menos e cada vez mais ricos, os pobres serão mais e cada vez mais pobres». «Dos 6 mil milhões de pessoas que existem na Terra, 5 mil milhões não são empregáveis nesse futuro». «Estamos a entrar numa nova Idade Negra, uma época sem esperança, de ressentimentos: a Idade da Raiva».

Fosse o «Avante!» a dizer isto e bem nos chamariam de catastrofistas... Sintomático é que, nos últimos tempos, vozes alarmadas como esta estejam a romper na bruma gelatinosa em que «o pensamento único» tem querido abafar o espírito crítico.

Afirmando «não querer ficar refém do pensamento único», E. P. Coelho cita, nesse mesmo número do «Público», o que ele chama «uma sólida revista de Direita» («Commentaire», fundada por Raymond Barre) - e lá surge também o libelo: «O neoliberalismo está a destruir a prosperidade ou os meios de existência de centenas de milhares de pessoas. Tornou-se uma máquina de empobrecimento de vastos grupos sociais e de destruição do emprego», «em benefício apenas de uma exigua classe de gestores e de uma mais ampla classe de accionistas».

Angústias crescentes também surgem quanto à evolução da chamada construção europeia: «Em Setembro é que vai começar a valer a luta pelo valor das moedas» («D. Notícias», 21/7). «Até quando a economia alemã poderá suportar a valorização da sua moeda?» («Púb.», 21/7).

Alguns, não negando as desastrosas consequências da «mundialização» neocapitalista, procuram ainda contrapor um «modelo» europeu, «social», ao modelo anglo-saxónico tipo «Reagen/Tatcher» (furiosamente defendido por outros como saída para a crise). «Há quem diga - com óbvia injustiça - que o modelo anglo-saxónico resolve o proble-

ma do desemprego metendo as pessoas na prisão, o que não sendo verdade, nos deve contudo fazer meditar» - diz J. Ferreira do Amaral no «D. Económico» de sábado último, para concluir: «Devemos rejeitar o simplismo bacoco de meia dúzia de teóricos iluminados que vendem o modelo anglo-saxónico como se as suas supostas vantagens fossem verdades irrefutáveis.»

A coincidência desta avalanche de posições (vindas à luz na última semana) é talvez sinal de que sopros de lucidez começam a revelar como vai nu o bacoquismo simplista dos tais «teóricos iluministas» que têm vindo a debitar até à exaustão as cassetes do neoliberalismo, usadas como música de fundo da grande ofensiva capitalista dos últimos anos.

«Talvez o mundo se encaminhe inexoravelmente para um desses momentos trágicos que levam os historiadores a perguntar por que nada foi feito quando ainda era tempo» - concluía a «sólida revista de Direita» citada por E.P. Coelho.

Mas serenem um pouco, senhores da direita «sólida», ou da política de direita com fachada de esquerda (como a do «centrismo radical» à Tony Blair também neste fim-de-semana evocado na revista «D.N.»).

Há ainda gente (de esquerda) que, a sério, tudo fará para não caminharmos às cegas para o fim do mundo, para o apocalipse. Mas registemos desde já como, em poucos anos, as promessas do neoliberalismo, da globalização, do fim da História, se revelaram, elas sim, como um logro em que o mundo foi lançado, para depreciação do homem e dos seus direitos em benefício dos balancetes do grande capital, sem nada de válido, útil, benéfico, positivo, ter dado ao mundo.

A isso poderia aplicar-se, aqui com toda a propriedade, a designação de «monumental embuste» de que o Dr. Mário Soares registou *copy right*.

■ Aurélio Santos

ESPAÑHA  
Aznar ao ataque

Ninguém contesta que existe um problema no país basco. Um problema de carácter nacional, pois os bascos indiscutivelmente constituem um povo com uma língua própria num espaço concreto e real. Que se conheça, ninguém ousa pôr em causa esta constatação.

É evidente que na Espanha actual há feridas que vêm de longe. A ditadura franquista foi violentíssima para todos os povos de Espanha, e que o diga o povo basco que sofreu uma terrível opressão e repressão.

É sabido que há uma força política que defende a independência do país basco. O problema não resulta do facto de a ETA defender a independência do país basco, mas sim de utilizar o terrorismo para alcançar aquele objectivo.

A ETA entende que, no quadro democrático espanhol, não tem condições para lutar por aquele objectivo e lança mão da luta terrorista.

São conhecidos inúmeros exemplos de atentados terroristas etarras que não têm a menor justificação e só podem ser condenados.

No final do século passado e início do século XX os clássicos do comunismo fizeram a separação das águas entre a luta revolucionária das massas populares e o terrorismo. Mantêm-se integralmente válidas as suas análises e conclusões pelo que os comunistas nesta matéria têm uma orientação clara.

É linear, entretanto, que se a ETA ao longo de todos estes anos se vai mantendo é porque encontra, por muito residuais que sejam, bases para poder prosseguir a sua acção.

O criminoso assassinato do jovem vereador de Ermua insere-se nessa estratégia de terror que a ETA utiliza.

Contra esse atentado levantaram-se os povos de Espanha. E com razão. Só que há quem se aproveite desse movimento para tentar impor novas restrições democráticas a Espanha.

A Espanha não tem democracia a mais. A democracia, aliás, nunca é de mais. Mas registre-se desde já o frenesim com que o governo de Aznar lançou mão de um conjunto de propostas de lei nas Cortes cujo objectivo é policiar o país.

Na passada quinta-feira, dia 17 do corrente, as Cortes aprovaram uma lei que permite a instauração de câmaras de vídeo nas ruas tidas como mais propícias à delinquência para vigiar os cidadãos.

É evidente que se trata de uma medida gravíssima de policiamento contra a qual só votou a Esquerda Unida.

A própria proibição da manifestação de um partido legal, como é o caso da HB, é de molde a suscitar a mais viva inquietação. Uma coisa é a condenação do terrorismo etarra, outra coisa é aproveitar o clima emocional criado com o assassinato do vereador do PP para lançar mão de um conjunto de medidas autoritárias. E ainda fazer crer que no país basco tudo está bem. Não. No país basco há um problema nacional. O Partido Comunista de Espanha e a Esquerda Unida defendem o máximo de autonomia num Estado federado, mas reconhecem ao povo basco o direito à autodeterminação.

E se crimes são crimes, certas medidas do governo de Espanha não têm explicação e são gravosas, como seja a de terem os presos bascos espalhados por todo o país, ou de recorrerem a medidas de terror ou de recorte antidemocrático.

Em Espanha não há democracia a mais, e sem o pleno exercício das liberdades democráticas mais difícil se torna resolver os problemas do país basco e outros.

■ Domingos Lopes



Foto: Jorge Cabral

A Festa - Mãos à obra!

## SEMANA

## Armando de Castro homenageado

Armando de Castro foi alvo de uma homenagem, no dia do seu 79º aniversário, por parte de mais de uma centena de intelectuais da cidade do Porto.

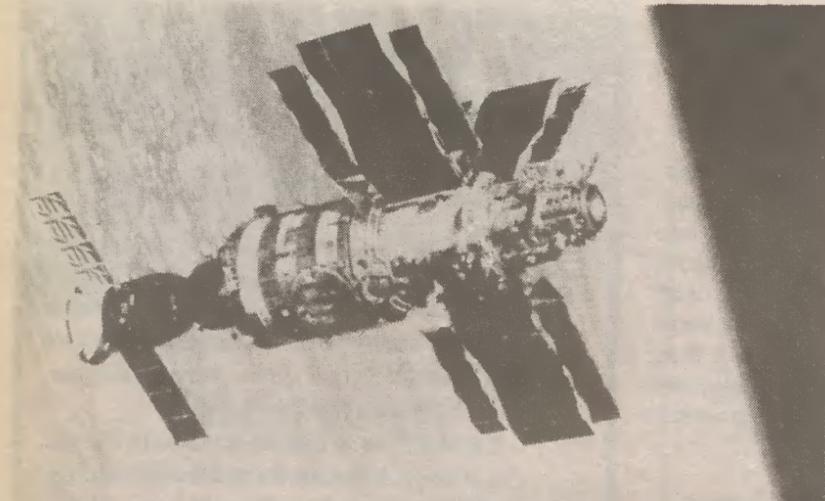
Os signatários - entre os quais se contam muitos escritores, artistas plásticos, professores universitários, personalidades da vida cultural portuguesa, companheiros de luta e dirigentes do PCP, partido em que o homenageado milita desde os anos 30 - manifestam, na mensagem que lhe é dirigida, o «reconhecimento pela sua verticalidade moral, a sua intervenção cívica, o seu trabalho de investigação científica, o seu amor pelo povo e pátria portuguesa».



Armando Castro foi recentemente galardoado com a medalha de ouro da cidade, atribuída pela Câmara Municipal, e homenageado pela Universidade Popular

do Porto, que o designou membro honorário.

Ainda no ano corrente, vai realizar-se no Porto um Seminário sobre a sua obra científica.



## Dia do Espaço

Dia do Espaço decorreu este ano entre as novas imagens de Marte e os trabalhos de reparação da estação espacial Mir.

Em perspectiva, a criação da nova nave espacial Alpha, que se prevê esteja completamente funcional no ano 2002.

Em Julho de 1998, deverá ser lançado o primeiro bloco da Alpha, fabricado pelos norte-americanos, enquanto, duas semanas antes, os russos terão posto em órbita a "pri-

meira pedra" da estação, o componente que irá alimentar os primeiros sistemas de energia e propulsão da nova estação espacial.

A acoplagem destas duas componentes irão seguir-se uma série de missões espaciais, com a participação de russos, norte-americanos e europeus, para preparar a estação para os primeiros tripulantes, em 1999.

A estação Alpha virá a ser uma base de trabalho para investigações nas mais diversas áreas.

## Trabalho clandestino

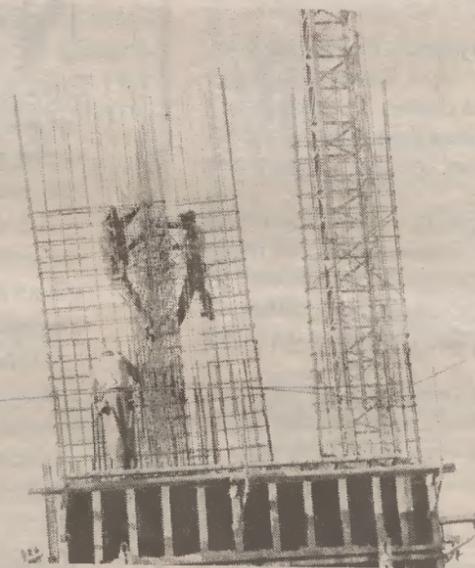
O trabalho clandestino é uma realidade comum em diferentes sectores de actividade no nosso país, segundo dados que têm vindo a ser divulgados pela Inspecção-Geral de Trabalho (IGT). É o caso, nomeadamente, da banca e seguros e da construção civil.

Os empregados dos bancos e seguradoras trabalham, em geral, muito mais que as 35 horas semanais estipuladas pelo Contrato Colectivo de Trabalho. Uma conclusão divulgada pela IGT, na sequência de uma acção de fiscalização ao trabalho suplementar não remunerado, em que foram detectados 1743 casos de trabalhadores, destes sectores, a fazer horas extraordinárias sem remuneração.

Nenhum grande banco escapou a sanções. A IGT considera mesmo que o trabalho suplementar não remunerado clandestino faz parte das práticas correntes do sector a todos os níveis de gestão.

No sector da construção civil, o grande problema é o da segurança no trabalho. Uma acção de fiscalização da IGT detec-

tou algumas centenas de casos a exigir a introdução de medidas de segurança em situação de risco grave. Nos estaleiros foram mesmo aplicadas 24 medidas de suspensão de trabalhos, ficando o recomeço das actividades dependente de um plano que integre as adequadas medidas de segurança.



## Cheias na Europa

As cheias na Europa Central já causaram 107 mortos na Polónia, Áustria, Cáucaso e Alemanha. Mais de 62 mil pessoas ficaram sem casa e 140 mil tiveram que ser retiradas para zonas mais seguras.

Os prejuízos materiais são incalculáveis e a

situação é considerada muito crítica pelos responsáveis da defesa civil da Polónia e da Alemanha.

Os animais mortos, já em fase de decomposição, são a principal preocupação das autoridades sanitárias, porque comportam um risco real e imediato de epidemias.

## É a vontade que falta

"É a vontade que falta". Esta a razão de fundo na sucessão de obstáculos com que tropeça o desenvolvimento económico e social, como ressalta do relatório "O Progresso das Nações", agora divulgado em Londres pela Unicef, e que este ano dá particular realce à situação das mulheres, à violência de que são vítimas por todo o mundo.

O relatório, que anualmente apresenta um balanço dos avanços de carácter social registados nos vários países, sublinha que a violência contra as mulheres, de que se destaca a violência doméstica, é "a violação dos direitos humanos mais frequente em todo o mundo".

Contraditoriamente, os anos 90 assistiram a avanços sem precedentes no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres, enquanto se mantém, na prática, as reticências dos Estados em implementar medidas concretas.

Uma contradição que traduz falta de vontade política, e se repete em vários outros domínios.

É o caso do saneamento básico, problema que poderia ser em grande medida resolvido com apenas um por cento do que anualmente é destinado a despesas militares.

Entretanto, segundo as estatísticas das Nações Unidas, 63 por cento dos habitantes dos agregados urbanos, nos países em vias de desenvolvimento, não dispõem de sane-

amento básico. Ou da educação, em que - apesar do compromisso assumido de escola para todos no ano 2000 - 140 milhões de crianças continuam sem ir à escola.



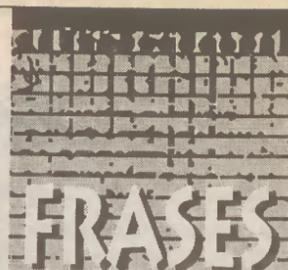
## Emprego desvalorizado

Os números sobre o emprego divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) e pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) indicam que os novos empregos surgem fundamentalmente na agricultura e em sectores e postos de trabalho com mais baixos salários.

O emprego regista algum crescimento entre grupos mais idosos e mais jovens, enquanto o grupo dos 25 aos 49 anos - em princípio o que tem maior peso em termos de produtividade de trabalho - perdeu 25 mil empregos.

Um outro dado significativo - diminuiu o número de desempregados sem instrução primária, enquanto cresceu o dos que têm habilitações escolares médias ou superiores.

Um inquérito do departamento de estatística da UE, agora divulgado, indica que o desemprego é a maior preocupação dos jovens europeus.



“Cavaco passou à história.”

(Mota Amaral - «Semanário», 19.07.97)

“A partir do momento em que o actual Governo fez suas, no essencial, as políticas do anterior, o PSD ficou sem espaço político.”

(Manuel Villaverde Cabral - «Diário de Notícias», 21.07.97)

“A possibilidade de voltar a ganhar chorudas avenças nas empresas poderá encorajá-lo (a António Carlos Santos, secretário de Estado dos Assuntos Fiscais) a decidir-se (a abandonar o Governo).”

(«fonte» do «Expresso», citada na edição de 10.07.97)

“Surdez explica ausências do ministro”

(manchete a propósito das «repetidas ausências» do Ministro das Finanças ao Conselho de Ministros, segundo «fonte governamental» citada em «Expresso», 19.07.97)

“Autódromo do Estoril nunca dará lucro.”

(Frase atribuída a Vitalino Canas, secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, em manchete do «Público», 21.07.97)

“(seria melhor ter uma) «posição de controlo do que ter cem por cento de um elefante branco.”

(Vitalino Canas - «Público / Economia», 21.07.97)

“A verdadeira esquerda só tem um lado da barricada: o do Governo. (...) O PCP não tem respeito pela individualidade política dos seus militantes.”

(Sérgio Sousa Pinto, JS - «Semanário», 19.07.97)

“Assis desafia Alegre a enfrentá-lo”

(manchete - «Expresso», 19.07.97)

“PS ao rubro. Assis ameaça dimitir-se.”

(manchete - «Público», 22.07.97)

“Assis deixará hoje claro aos deputados do PS que não continua à frente da bancada se não existirem regras.”

(desenvolvimento da notícia no interior - «Público», 22.07.97)

“No PS não pode haver pessoas isentas de obediência”

(Francisco Assis, líder parlamentar do PS, citado em «Público», 22.07.97)

Carlos Carvalho em Viana do Castelo

# «Um autêntico perdão de dívidas»

**C**arlos Carvalho esteve no último fim-de-semana no distrito de Viana do Castelo, onde participou na apresentação de candidatas a diversas câmaras e juntas de freguesia, tendo contactado com moradores de vários bairros da cidade de Viana, com professores e alunos, agricultores e pescadores, pequenos e médios empresários, guardas florestais... que lhe expressaram os seus problemas e anseios.

À noite, no Comício, Carlos Carvalho, num discurso de que transcrevemos extractos, realçou a importância dos Estaleiros de Viana do Castelo para a economia do concelho e do país e analisou o acordo do Governo com os Mellos acerca da Lisnave, tendo afirmado que ele configurava um autêntico perdão de dívidas e era objectivamente uma negociata à custa do erário público e à custa dos trabalhadores.

«... De facto, enquanto para os Estaleiros de Viana do Castelo sobram as dificuldades, para os Mellos não faltam facilidades...». No dia 1 de Abril do corrente ano foi assinado o Protocolo de Acordo (Reestruturação da Lisnave) entre o Estado português e o Grupo Mello. **Em que consiste tal acordo e a reestruturação dos recursos humanos?**

«Deverão ser integrados nos quadros da operadora 1339 trabalhadores oriundos da Lisnave e Setenave que constituíram o contingente permanente da operadora,

«A Gestenave, empresa de capitais públicos agora criada, ficará com o pessoal remanescente (cerca de 2400 trabalhadores). A operadora obriga-se apenas a adquirir aqueles serviços equivalentes a 1 milhão e 400 mil horas de trabalho/ano.

«Quanto às dívidas ao fisco e à segurança social de 12 milhões de contos, mais o empréstimo obrigacionista de 1991 que é de 6 milhões de contos e ainda o empréstimo obrigacionista de 1992, que é de 4 milhões de contos, todos serão tomados pelo Governo! Um fatote...

«Mas não fica por aqui, pois será igualmente do Estado, isto é, da responsabilidade da empresa de serviços Gestenave (de capitais públicos), o pagamento de quaisquer complementos de reforma, incluindo aqueles que vierem a ser integrados no quadro da operadora.

«É mais um totoloto para os Mellos... com os dinheiros públicos!

## A farsa da regionalização

(...)

«O PS deixou-se aprisionar por vontade própria pelo PSD e PP, acerca da regionalização com o vergonhoso e indecoroso acordo da revisão constitucional.

«Com o acordo da revisão constitucional que o PS fez com o PSD, a marcha da eventual regionali-

zação está nas mãos do PSD e do PP. A lei do Referendo terá de ser aprovada por maioria absoluta e a lei das Regiões só poderá ser aprovada também, por maioria absoluta e só depois da promulgação da Constituição revista. Acresce ainda que as perguntas dos referendos necessitam de fiscalização prévia. A tudo isto os "Fernandos Gomes" e os "Narcisos Miranda" dizem ámen.

«O PS anda na prática do "faz de conta". Diz-se disposto a aprovar agora a lei das regiões em Comissão parlamentar para dar a ideia que está interessado em avançar com a regionalização e poder acenar com tal bandeira até às eleições autárquicas, para depois a pretexto das dificuldades com os referendos a meter na gaveta tal como o fez em relação ao socialismo...

«Mas mais, o PS ao pretender aprovar em Comissão a lei das regiões, que só subirá a plenário depois da promulgação da Constituição revista, quer também dar a ideia de que está no "meio" isto é, que aprova a revisão da Constituição com a direita e a regionalização com o PCP. Não, não é verdade. A regionalização está nas mãos do PSD e do PP. E nas questões mais fundamentais e estruturantes o PS prossegue a política cavaquista e é com a direita que se alia, umas vezes com o PSD outras com o PP que tem sido o seu parceiro estratégico.

(...)

## As promessas, o aparelho de Estado e os boys

«...Como o descontentamento aumenta são também cada vez mais as vozes, mesmo dentro do PS, que criticam a actuação do Governo que em vários domínios demonstra uma total descoordenação. Ele é o ministro da Agricultura a desautorizar o secretário de Estado das Pescas, ele é o secretário de Estado da Energia em desacordo com o ministro das Finanças, por causa do imposto petrolífero, ele é o ministro das Finanças em desacordo com o ministro da Economia por causa da Autodril...

«Agora, diz a comunicação social que o ministro das Finanças vai ficar a substituir o Primeiro-Ministro. Mas como ele não vai às reuniões do Conselho de Ministros, das duas uma, ou o Conselho de Ministros se

reúne no Ministério das Finanças ou então deixa de haver Conselho de Ministros. Os ministros irão para férias e o país não perderá nada. Pelo contrário, até se evita que daqui por algum tempo o sr. Primeiro-Ministro venha de novo dizer que o "Governo só tem feito asneiras..."

(...)

«...Como as coisas correm mal o PS pretende assegurar o futuro, quer com a Revisão Constitucional abrindo a porta à alteração das leis eleitorais para obter vitórias na secretaria, quer através dos "tachos" para a rapaziada, os tais "jobs for the boys".

Na oposição o eng. Guterres dizia: "Com o PS no governo vai haver uma redução das nomeações directas do Governo". E acrescentava: "As duas principais razões que levaram à derrota do PSD foram a arrogância e o clientelismo. Dois pecados que o PS não pode repetir. No jobs for the boys."

É o que se vê, quanto à arrogância basta ver o comportamento do ministro das Finanças e quanto aos jobs basta ler o Diário da República". Na verdade até agora não houve uma única nomeação por concurso e todos os dias têm saído nomeações com o expediente de terem datas anteriores à aprovação da Lei. Estamos em Julho e as nomeações continuam apesar da lei já ter sido aprovada em Março. É uma vergonha para o Partido Socialista.

«Dou-vos alguns exemplos de nomeações feitas após a aprovação da Lei, isto é, entre 20 de Março e 7 de Julho:

- na área da Agricultura, ministro e secretários de Estado fizeram um total de 365 nomeações, das quais 290 pelo menos foram de directores de serviço e chefes de divisão;

- o ministro da Cultura, por sua vez, nomeou neste período um total de 96 pessoas. Destas pelo menos 74 deveriam ter sido feitas por concurso. Nomeou um chefe de divisão do Instituto Português do Património Arqueológico por um despacho datado de 28 de Maio, data da entrada em vigor da Lei nº 13, de 23 de Maio de 1997 «Revisão do Estatuto do Pessoal Dirigente»;

- na área das Finanças, os secretários de Estado do Orçamento e dos Assuntos Fiscais fizeram neste período 83 nomeações. Destas, pelo menos 70 deveriam ter sido feitas por concurso...

(...)

... e em Guimarães

# «40 horas, uma reivindicação justa»

No comício que culminou, em Guimarães, a visita de Carlos Carvalho ao Minho, António Salgado Almeida, cabeça de lista à Câmara Municipal de Guimarães, falou da situação no concelho, «dos grandes atrasos que ainda se verificam na implantação de infra-estruturas básicas» e do andamento da preparação das listas da CDU, cujo objectivo é concorrer às 73 freguesias do concelho.

Interveio a seguir Carla Alexandra, candidata à Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, que saudou o rejuvenescimento da CDU e apelou aos jovens para confiarem na Coligação Democrática Unitária como força transformadora, capaz de concretizar os anseios da juventude portuguesa.

Por sua vez, o coordenador da Direcção da Organização Regional de Braga e membro do Comité Central, José Antunes, falou dos objectivos da CDU, dos problemas sociais e da luta dos trabalhadores no distrito. E informou que a CDU irá concorrer às 13 Câmaras e Assembleias Municipais e a 270 freguesias, ou seja mais 50 que nas eleições de 1993.

## PS não cumpriu

Numa intervenção constantemente interrompida por aplausos da assistência, Carlos Carvalho, depois de manifestar a sua confiança num bom resultado eleitoral, referiu o descontentamento dos milha-

res de mulheres e homens que há dois anos confiaram o seu voto ao Partido Socialista - na esperança de verem alterada a política de direita executada pelo PSD -, que hoje verificam não ter havido qualquer alteração.

Analisando a situação política e a chamada lei das 40 horas, o Secretário-Geral do PCP dirigiu-se a António Guterres, dizendo «Senhor Primeiro-Ministro, não venha com mistificações e artimanhas jurídicas (...). A conquista das 40 horas e o não trabalho ao sábado é uma reivindicação justa das trabalhadoras e dos trabalhadores a que o PS se comprometeu e que agora dá o dito pelo não dito».

«Se já há milhares de trabalhadores que a conseguiram», prosseguiu, «isso deve-se à sua luta e não a qualquer dádiva do Governo».

Mas também a integração europeia e a revisão constitucional estiveram no centro da intervenção.

«Estamos no pelotão da frente, infelizmente, nos baixos salários, nas baixas reformas, na pobreza e nas desigualdades e, ainda, no analfabetismo», ironizou o Secretário-Geral do PCP.

Em relação à revisão constitucional, Carlos Carvalho afirmou que o PS estava a satisfazer as velhas exigências da direita, que vinham do tempo de Soares Carneiro, salientando que até as palavras "povo" e "trabalhadores" incomodam o PS, e lembrou também a eliminação da obrigatoriedade constitucional da

existência de um sector público da economia, «que tem em vista dar total cobertura à escandalosa e brutal ofensiva em curso de privatização de património público».

«A possibilidade de extradição para países onde vigora a pena de morte e a prisão perpétua, ao arrepio de princípios e valores que sempre têm marcado a legislação portuguesa, e a consagração constitucional dos "serviços mínimos" durante as greves - que só pode ter em vista favorecer novas e futuras restrições ao exercício do direito à greve - são outros exemplos do carácter desta revisão.»

«Portugal é certamente o país da Europa onde, nos últimos vinte anos, a Constituição foi revista mais vezes e mais profundamente» recordou ainda Carlos Carvalho. «Esta continuada fúria de revisão não resulta de qualquer mania de perfeição mas sim do facto de Portugal ter tido uma revolução democrática que provocou profundas transformações políticas, económicas e sociais que a Constituição aprovada em 1976 acolheu e consagrou. Mas o Governo PS sente-se incomodado com uma Constituição que estabelece orientações e valores contrários à política de direita que tem realizado!»

Por fim, Carlos Carvalho apelou a todos os democratas e mesmo aos deputados socialistas para que ergam a sua voz contra esta revisão.

## Carlos Carvalhas no Alto Minho

Na sua deslocação do passado fim-de-semana ao Alto Minho, o Secretário-Geral do PCP participou em inúmeros contactos com as populações da Ribeira e Bairro dos Pescadores na cidade de Viana do Castelo, sendo de destacar que é a primeira vez que o secretário-geral de um partido o faz. Os moradores desta zona ribeirinha expressaram as graves preocupações pela miséria das reformas dos pescadores - em grande número nesta freguesia -, pela degradação da qualidade de vida, expressa nas habitações sem condições, nos problemas do ambiente.

Nesta freguesia intervieram também os cabeças de lista da CDU para a Câmara, Alberto Midões, e para a freguesia de Monserrate, João José Vieira.

Nos Caboços - populoso agregado habitacional da freguesia de Areosa -, Carlos Carvalhas foi recebido por uma largada de pombo. Interveio aqui o cabeça de lista para a junta de freguesia, José Costa Dias, que expôs brevemente ao Secretário-Geral do PCP as preocupações da CDU pela situação que se vive nesta freguesia da cidade: carências de zonas verdes, de infra-estruturas de apoio, problemas de saneamento e de crescimento autárquico. Questões que a CDU se propõe resolver.

Já no concelho de Caminha, o Secretário-Geral do PCP inaugurou a primeira sede de candidatura da CDU, em Vila Praia de Âncora, onde interveio o cabeça de lista para a Câmara de Caminha, Cerqueira Rodrigues.

Uma paragem no Terreiro de Caminha, seguida de contactos com a população de Vilar de Mouros - onde se realizou o almoço -, fechou esta movimentada manhã.

Em Vilar de Mouros - freguesia conhecida internacionalmente pelos seus festivais de música -, interveio o presidente da Junta CDU e actual candidato, explicando as razões por que a CDU, nas últimas eleições, em sete elementos elegeu seis. É que o trabalho realizado por esta junta excedeu as expectativas, tendo sempre ultrapassado os objectivos dos ambiciosos planos de actividade anuais. Carlos Carvalhas visitou também nesta freguesia o lugar de Azenhas, verdadeiro paraíso paisagístico que está a merecer toda a atenção da Junta de Freguesia, no sentido de o tornar mais acessível e com condições para os seus milhares de frequentadores.

Na parte da tarde, Carlos Carvalhas e activistas da CDU subiram de barco o Rio Lima, de Viana a Darque, momento em que os candidatos da CDU da freguesia de Darque aproveitaram para expor a grave situação do Rio Lima, nomeadamente o atentado que se pretende fazer às suas insuas e a sua ligação com a população desta freguesia. Com a continuação do novo acesso ao porto de mar de Viana, pretende-se destruir o casco velho da freguesia de Darque e o que de mais belo ela tem. Sem planos de pormenor, com uma construção anárquica e desenfreada, Darque é o paradigma das más políticas autárquicas do PSD e do PS.

A candidata da CDU, Zaida Garcês, na sua intervenção junto ao cais de Darque, e depois de uma vibrante intervenção do camarada Iglésias do actual executivo da Junta, assumiu o compromisso solene dos candidatos da CDU prosseguirem a obra realizada pela CDU na freguesia e lutar intransigentemente pela defesa do rio. Assim, apelou à população para que se solidarize e intervenha activamente nesta luta.

Na Meadela, Carlos Carvalhas visitou duas zonas da freguesia com graves problemas de ordenamento, onde se chega a ser necessário cortar árvores e levantar candeeiros de iluminação pública, por estarem a entrar dentro dos prédios, já que a construção abrange o domínio público. Neste autêntico caos, sem espaços de lazer e zonas verdes, o cabeça de lista da CDU, António Silva, expôs as ideias e propostas que tem para intervir nesta situação.

Fechado o percurso nos concelhos de Caminha e Viana, Carlos Carvalhas contactou populares em Ponte de Lima, altura em que o candidato da CDU à Câmara, Abílio Vieira, referiu a importância de a CDU eleger neste concelho um vereador.

O Secretário-Geral do PCP finalizou a visita ao Alto Minho com a paragem em Ponte da Barca, onde visitou o Centro de Trabalho do PCP, que alargou agora as suas instalações. Aí, João Lobo, o mandatário de candidatura, referiu o importante trabalho que tem sido desenvolvido na formação das listas.

Seguiu-se um jantar-convívio onde usou da palavra o cabeça de lista para a Câmara, Abel Amorim Silva.

Em todas as paragens, e no jantar-convívio de Ponte da Barca, o Secretário-Geral do PCP interveio sempre, expressando o empenhamento do Partido, dos seus deputados na Assembleia da República e no Parlamento Europeu e o seu próprio no apoio à resolução dos problemas com que foi confrontado. Expôs ainda as preocupações sobre a situação política e valorizou o espaço dos comunistas no Alto Minho, região difícil onde tem havido grande capacidade de trabalho e vontade de intervir e transformar.

## Ensino Superior

# É necessário cumprir legislação

**O Ministério da Educação não respeita nem faz respeitar a legislação referente aos regimes de trabalho dos docentes do Ensino Superior e às condições em que podem acumular serviço, denuncia a Comissão Nacional do Ensino Superior do PCP.**

A existência de professores que se «desmultiplicam ilegalmente» por diferentes escolas e cursos constitui, assim, «um dos factores que condiciona de forma mais negativa a qualidade do ensino superior».

O desrespeito pelo Estatuto de Carreira Docente Universitária (ECDU) e legislação que estabelece «condições e limites à prestação de serviço» em outras instituições, para docentes tanto em tempo integral como em dedicação exclusiva, leva à «proliferação de situações ilegais» que «têm servido de suporte formal e operacional à multiplicação» de estabelecimentos de ensino superior e cursos sem qualidade, «viabilizados por docentes do ensino superior público em regime de acumulação excessiva e ilegal de funções».

Um estado de coisas que contribui para «a degradação do estatuto social e remuneratório dos docentes» e da qualidade do ensino e é tanto mais incompreensível quanto o actual Governo reconheceu que «a dignificação da actividade docente», o «conhecimento público da situação real dos estabelecimentos» e

a «necessidade de transparência das relações dos docentes» de uma instituição noutras instituições, estão na base da publicação do diploma que obriga à «publicitação anual da composição do corpo docente de todas as instituições de ensino superior».

Ora, apesar de caber ao Ministério da Educação «fazer publicar as listas nominativas» de cada instituição até 31 de Março de cada ano, em 1997 não foram ainda publicadas quaisquer listagens.

E como o mesmo diploma estabelece «que compete ao Departamento do Ensino Superior proceder ao controlo do cumprimento» do diploma e à Inspeção Geral da Educação «proceder... ao controlo das listas (nominativas)...», está-se perante uma situação de ilegalidade da responsabilidade do Ministério da Educação.

A alegada falta de verbas, inaceitável «num Estado de direito democrático», leva, segundo o PCP, à presunção de que muitas instituições não cumpriram o preceito a que a lei as obriga. Aliás, prossegue, «é esclarecedor que o próprio Inspector Geral da Educação afirme exis-

tirem «estabelecimentos de ensino superior particular e cooperativo a funcionar sem autorização» e sem conhecimento da tutela que, «por vezes, só os identifica quando surge a denúncia».

Assim, a Comissão Nacional do Ensino Superior do PCP «exige, nomeadamente, a rápida publicação das listagens produzidas, a identificação das instituições em falta e dos docentes em situação de acumulação irregular, e a efectiva aplicação das medidas legalmente estabelecidas».

### Escândalo no acesso

Também sobre o acesso ao ensino superior, a Comissão tomou na quinta-feira passada posição, designadamente em relação ao facto de o Ministério da Educação não ter ainda publicado o número de vagas para a primeira matrícula nas instituições de ensino superior privado.

Apesar disto, diz o PCP, muitos destes estabelecimentos «já deram início a processo de candidatura e a provas de selecção», com o pagamento de elevadas taxas de candidatura, aproveitando-se, desta maneira, da incerteza de muitos estudantes que aguardam o desfecho do concurso nacional para, caso não sejam colocados, tentarem, em segunda escolha, o ensino privado.

Escandaloso é também, para os comunistas, o facto de o Ministério da Educação não intervir para limitar as absurdas provas de pré-requisitos para cursos como ciências sociais, direito e gestão, quando estas foram criadas apenas para cursos em que as aptidões físicas, funcionais ou vocacionais assumem particular relevância, como é o caso do ensino artístico e o da educação física.

Por outro lado, a maioria dos estabelecimentos do ensino privado não fixou nota mínima, tornando pouco transparente e até ilegal o modo como se realiza o preenchimento de vagas.

Lembrando que, para tornar mais justo e transparente o sistema de acesso ao ensino superior, propôs há mais de um ano que tivessem lugar dois concursos nacionais - um para o ensino superior público, outro para o privado -, a Comissão Nacional do Ensino Superior do PCP afirma que é tempo de o Ministério da Educação «deixar de fingir que desconhece estes comportamentos abusivos e ilegais» e de tomar medidas eficazes para a defesa dos direitos dos milhares de estudantes que, face à prometida e não cumprida abolição do sistema de *numerus clausus* se vêem obrigados a recorrer ao ensino privado.

## Semana de «4 dias»

# Um perigoso precedente

A intenção divulgada pelo Governo de introduzir a designada semana de quatro dias na Função Pública, respondendo a um antigo anseio do patronato de introdução do trabalho a tempo parcial, representaria, a ir para a frente, um perigoso precedente, diz o Organismo de Direcção do Sector da Função Pública da ORL do PCP.

Subjacente a esta medida está

o conceito da «partilha do emprego», cujo objectivo é, obviamente, pagar menos pelo mesmo número de horas de trabalho. Uma lógica de exploração que fica demonstrada pela recusa do Governo em uniformizar para cinco dias a semana de trabalho na Função Pública, onde existem inúmeros serviços que praticam cinco dias e meio.

Tratando-se uma medida que,

pelos baixos níveis salariais praticados, nunca teria o acordo dos trabalhadores - pois implicaria uma redução de 20 por cento -, a acção de propaganda agora desencadeada, segundo os comunistas, só pode produzir efeitos «através de acções de chantagem e de coação».

A semana de trabalho de quatro dias está inserida na linha política de direita do

Governo PS, de diminuição das funções sociais do Estado, de revisão da legislação laboral e de ataque aos direitos dos trabalhadores, pelo que o PCP apela aos trabalhadores da Função Pública para que combatam a propaganda governamental e recusem «ser usados como cobaias para novas experiências de ataque ao direito ao emprego e ao salário».

## Câmara de Braga tem actuação ditatorial

«Feridos» com a contestação às obras do Campo da Vinha, o presidente e a maioria socialista da Câmara de Braga decidiram «abrir uma guerra» ao PCP e à CDU, retirando-lhes faixas aéreas,

pendões e placards de propaganda, denuncia a Comissão Concelhia de Braga do PCP.

Para tal procedimento, a Câmara invoca um Regulamento Municipal aprovado em 89

na Assembleia Municipal, cujas normas, como a vereadora da CDU na Câmara e os eleitos seus na Assembleia Municipal já denunciaram são inconstitucionais, pelo que têm de ser alteradas.

Mas, como se este abuso não bastasse, a aplicação do Regulamento é «completamente arbitrária», bastando dizer, por exemplo, que «afecta a estética», para que a afixação seja proibida, ou impondo regras e procedimentos que a Lei não obriga.

Entretanto, a Câmara ocupa

um canteiro de jardim na Praça da República, arranca relva e monta um Pavilhão de propaganda, que se mantém desde as vésperas do S. João, fazendo claramente a campanha do PS, cujo slogan, inclusive, utiliza.

Chamando ainda a atenção para a publicidade comercial que é consentida na cidade, o PCP considera a actuação da Câmara uma «grave violação do direito e liberdade de propaganda» que, a ser tolerada, representa a aceitação de «um princípio de poder ditatorial».

### CAMARADAS FALECIDOS

#### Arlindo José Moreira Bonança

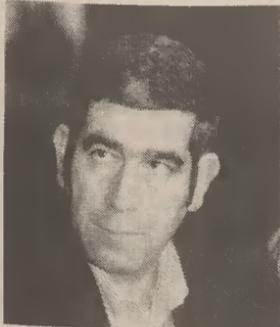
Faleceu no passado dia 10 de Julho, com 57 anos de idade, o camarada Arlindo José Moreira Bonança. Foi membro do Executivo da Junta de Freguesia da Ajuda e desempenhava muitas outras tarefas no Partido.

Aos familiares e amigos do comunista falecido o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

# Candidatos CDU

A CDU prosseguiu esta semana, de Norte a Sul, a apresentação pública dos seus candidatos às próximas eleições autárquicas. Apesar de, por falta de espaço, nem sempre ter sido possível ao «Avante!» noticiar atempadamente essas iniciativas, o certo é que, até ao momento, já foram divulgados os candidatos à presidência de cerca de centena e meia de Câmaras e Assembleias Municipais.

## AVIS



António Bartolomeu

Mais de uma centena e meia de pessoas participaram na iniciativa realizada pela CDU, com a presença de Jerónimo de Sousa, membro da Comissão Política do PCP, para divulgação dos seus cabeças de lista à Câmara e Assembleia Municipal de Avis.

António Raimundo Bartolomeu, 52 anos, engenheiro técnico agrícola, membro do PCP, é o candidato à presidência da Câmara Municipal. Eleito vereador no mandato de 76/79, foi eleito presidente da Câmara de Avis em 1980, cargo para que, até hoje, tem sido eleito.

O candidato à Assembleia Municipal de Avis é Francisco da Silva Ramos, 45 anos, motorista, membro do PCP. Foi eleito vereador da Câmara Municipal nos mandatos de 83/85, 86/89 e 90/93, sendo no actual mandato 1º secretário da Assembleia Municipal.

Na apresentação das suas candidaturas, os candidatos da CDU, afirmando que os homens e as mulheres das várias freguesias do concelho os conhecem bem, disseram que avançavam para as próximas eleições «conscientes da obra realizada e do projecto» que pretendem continuar a desenvolver.

## FUNDÃO



Isabel Coelho

No dia 9 de Julho, no Fundão, foram divulgados os nomes dos cabeças de lista aos órgãos municipais do concelho.

A candidata da CDU à presidência da Câmara Municipal do

Fundão é Maria Isabel de Paiva Gonçalves Coelho, de 47 anos, licenciada em Matemática e Mestre em Ciências da Educação. É professora na Escola Básica 2/3 do Fundão e membro do Executivo Distrital de C.B. do Sindicato dos Professores da Região Centro. Pertence à Comissão Concelhia do Fundão e à Direcção da Organização Regional de Castelo Branco do PCP.

O candidato à Assembleia Municipal do Fundão é Joaquim Reis Nunes, de 48 anos, médico cirurgião, director e director clínico do Hospital Distrital do Fundão. É membro da Assembleia Municipal do Fundão eleito pela CDU, como independente, desde o mandato de 1985.

## IDANHA-A-NOVA



António Bentes Gil

No dia 13 de Julho, em Idanha-a-Nova, a CDU apresentou também os cabeças de lista à Câmara Municipal e à Assembleia Municipal.

O candidato à presidência da Câmara é António Francisco Bentes Gil, professor do Ensino Secundário, natural e residente em S. Miguel de Acha. Já desempenhou diversos cargos autárquicos, nomeadamente como membro da Assembleia Municipal de Idanha-a-Nova, presidente da Assembleia de Freguesia de S. Miguel de Acha e membro da Junta de Freguesia da mesma localidade. Foi, durante mais de uma década, presidente da Casa do Povo de S. Miguel de Acha e esteve ligado a diversos organismos associativos.

João Fazenda é o cabeça de lista da CDU à Assembleia Municipal de Idanha-a-Nova. Empresário da construção civil, natural e residente em Idanha-a-Nova, tem participado activamente nos trabalhos da Assembleia Municipal, para além de diversos cargos associativos que já desempenhou no Clube União Idanhense e na Filarmónica.

## VENDAS NOVAS



João Teresa Ribeiro

Recentemente divulgado foi também o nome do candidato da CDU à Presidência da Câmara Municipal de Vendas Novas, João Teresa Ribeiro. Membro do PCP, 51 anos de idade, licenciado em economia e pós-graduado em Administração Pública e Desenvolvimento Regional na Perspectiva das Comunidade Europeias, João Teresa Ribeiro é presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas desde Janeiro de 1980. É ainda vice-presidente do Conselho Regional do Alentejo, membro do Conselho Geral da Associação Nacional de Municípios Portugueses, membro do Comité de Acompanhamento do Programa Operacional da Região do Alentejo, presidente da Assembleia Geral da Sociedade Parque Industrial de Vendas Novas, membro da Assembleia Intermunicipal da Associação de Municípios do Distrito de Évora, da Comissão Regional de Turismo de Évora e da Assembleia Distrital de Évora.

Os eleitos da CDU não se têm limitado a cumprir as suas responsabilidades legais, «têm, também, cooperado, ajudado, contribuído ou resolvido problemas da competência legal do Governo, designadamente nas áreas do ensino, da habitação,

do desporto, da saúde e de outras». E ao longo dos mandatos João Teresa Ribeiro tem desempenhado as suas funções com honestidade e competência, defendendo intransigentemente os interesses da população de Vendas Novas, razão por que a CDU está confiante em que continuará a merecer o seu voto.

## VINHAI



Manuel Dinis Lousada

Em 12 de Julho foram igualmente divulgados os candidatos que concorrerão pela CDU à presidência da Câmara e Assembleia Municipal de Vinhais.

Manuel Dinis Lousada, 39 anos, técnico fabril, natural da freguesia de Vila Verde, Vinhais, é o candidato à Câmara Municipal. Amândio Edmundo Carvalho Pereira, 61 anos, bancário (reformado), natural da freguesia de Mofreita, Vinhais, é o cabeça de lista à Assembleia Municipal.

Na apresentação pública da sua candidatura, Manuel Dinis Lousada, depois de criticar a política seguida primeiro pelo CDS e depois pelo PSD, afirmou candidatar-se «precisamente para combater essa política». Caso a população do concelho dê o seu apoio à CDU, este candidato propõe-se lutar «com toda a determinação» para projectar o concelho para o futuro.

## Setúbal debate Cultura

Mobilizar a opinião pública para a criação de um Centro de Estudos Bocageanos na cidade foi um dos reptos lançados no debate «Setúbal - o concelho e a cultura» que a CDU levou a cabo na quinta-feira passada, na Capricho Setubalense, com a participação de Rúben de Carvalho, candidato à Presidência da Câmara Municipal por esta coligação. Valdemar Santos chamou a atenção para o papel reivindicativo que cabe ao cidadão e assinalou, a este propósito, a re dinamização da Universidade Popular de Setúbal e a disponibilização de um espaço para a futura Biblioteca-Museu Sebastião da Gama, em Vila Nova de Azeitão.

O debate, com a presença de uma centena de pessoas, teve, segundo João Trigo, da Coordenadora da CDU, o propósito de recolher opiniões e propostas a ponderar para o programa eleitoral. Rúben de Carvalho, por seu lado, destacou o estilo de trabalho da CDU, que teve já aplicação na série de debates iniciada com os temas «Setúbal no eixo das acessibilidades» e «A problemática do Ambiente em Setúbal».

## Um zelo tardio

A CDU de Oeiras estranha a projecção mediática e o «zelo de última hora» das diversas forças partidárias em relação ao loteamento da Quinta dos Acipestes, lembrando não ter sido agora que a CDU descobriu os problemas daí decorrentes, tendo, aliás, votado contra este projecto que, sublinha, só foi viabilizado mediante a abstenção do PS.

Na terça-feira passada, a CDU assinalou este e outros exemplos, numa visita às freguesias de Linda-a-Velha e Camaxide, com a presença dos deputados Corregedor da Fonseca e Bernardino Soares e dos candidatos da CDU à presidência da Câmara Municipal de Oeiras, Arnaldo Pereira, e às presidências das Juntas de Freguesia de Linda-a-Velha e Camaxide, respectivamente Adélia Goulart e Henrique Gonçalves.

## Exclusão Social em debate

Para discussão do problema da «Exclusão Social», a Juventude CDU levou a efeito um debate com a participação de Antero Pires, actual vereador e candidato da CDU à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia que, depois de uma apreciação geral do fenómeno, apontou a segregação cultural e económica como estando na base de problemas como a marginalidade e toxicod dependência.

No debate participaram ainda João Pires, activista da Juventude CDU, Francisco Crista e Amélia Azevedo, psicóloga, candidata à presidência da Junta de Freguesia de S. Pedro da Afurada.

Quando da apresentação desta candidata, Francisco Crista sublinhou o principal objectivo da CDU: retirar a maioria absoluta ao PS na Junta e aumentar o número de eleitos CDU na Assembleia de Freguesia.

## Ao sabor de interesses

Quando da discussão do Orçamento do Estado para 1997, os deputados comunistas João Amaral e José Calçada, eleitos pelo círculo do Porto, visando a melhoria de condições em zonas de pesca, rerepresentaram a proposta de criação de um porto de abrigo em Angeiras (Lavra), cuja aprovação havia sido impedida, em 1995, pelo PSD.

Desta vez a proposta foi reprovada pelo PS e PP, deixando à vista as contradições e demagogia destes três partidos. De facto, o PS, que em anos anteriores havia aprovado esta proposta, agora no Governo chumbou-a e o PSD, que quando no Governo sempre votou contra, agora votou a favor. O PP ficou-se pela abstenção, inviabilizando a proposta e a atribuição de verba para a construção do porto de abrigo que Manuel Monteiro que, na «semana do mar», havia prometido em Angeiras. Para estes políticos «o descaramento não tem limites», diz a CDU de Lavra que, ao mesmo tempo que denuncia estes comportamentos, lembra a apresentação pelo PS, em Abril passado, na Assembleia Municipal de Matosinhos, de uma moção - «eleitoralista?» - apelando ao Governo para a construção de um porto de abrigo.

Correspondendo aos anseios dos pescadores de Angeiras, a CDU de Lavra informa que vai propor de novo ao Grupo Parlamentar do PCP que, em 1998, apresente mais uma vez esta proposta.

## Urge estudar problemas

Na sua última reunião, a Coordenadora Concelhia de Oliveira de Bairro da CDU discutiu o cruzamento do Faxe, em Oiã, local onde o número de acidentes e mortes continua a aumentar, numa situação de «laxismo» a que, em sua opinião, é preciso «dizer basta!»

Congratulando-se com a quantidade de estradas e ruas alcatroadas «neste ano de eleições», a CDU chama, entretanto, a atenção para o descuido com que são tratadas as valetas, originando frequentemente a destruição das margens das estradas por falta de escoamento das águas fluviiais. Na análise aos problemas do concelho - que deve ser aprofundada -, colocou-se ainda à CDU a necessidade de criação de estruturas de apoio a doentes em fase terminal, em que se encontram muitos idosos, e da falta de uma verdadeira política de saúde pública.

## CDU confraterniza em Ílhavo

Cerca de centena e meia de activistas e apoiantes da CDU encheram o Restaurante Carabobo, em Ílhavo, num jantar realizado no dia 14 de Julho, em que participaram João Almeida e Zita Costa, respectivamente candidatos à Câmara e Assembleia Municipal, e ainda Mário Anjos, candidato à Assembleia de Freguesia de S. Salvador.

Mário Anjos, a quem coube a primeira intervenção, garantiu que a CDU, com um novo estilo de trabalho, concretizará a mudança «de que a cidade necessita». Zita Costa, respondendo à interrogação sobre o que leva tantos independentes e pessoas de outras áreas políticas a fazer parte das listas da CDU no concelho, afirmou que «é simplesmente, e só, porque se ama». Porque se ama a terra à qual é preciso franquear as portas do desporto, da arte, da cultura, da descoberta da natureza.

Depois de João Almeida ter enumerado um conjunto de problemas que urge solucionar, interveio João Amaral que referiu os municípios CDU como exemplo de capacidade de resolução dos problemas das populações e abordou aspectos da situação política.

A finalizar o jantar-convívio, foi cantado o hino da CDU feito exressamente para Ílhavo, com letra de Zita Costa e música de João Bilelo.

## ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

# PS falta à palavra e engana vizelenses

Ainda não foi desta que os vizelenses viram cumprida a aspiração de elevar a sua terra à categoria de concelho. Muita mágoa e frustração voltaram a constituir-se no sentimento dominante após a inviabilização do projecto de lei do PP propondo a criação do concelho de Vizela. Independentemente das sérias reservas suscitadas pelas motivações dos seus promotores - João Amaral não hesitou mesmo em desmascarar o "oportunismo da iniciativa" -, nada justifica, porém, que se tenha voltado a enganar mais uma vez os milhares de vizelenses que tinham as suas esperanças depositadas na Assembleia da República.

"Nada com seriedade política pode justificar a rejeição do projecto e nada pode justificar a omissão de honrar os compromissos assumidos, como os que o PS assumiu em 82, 83, 86 e 95", sublinhou no debate o parlamentar do PCP, antes de recordar, a propósito, declarações do deputado socialista Carlos Lage, em 11 de Maio de 1982, quando este afirmou: "desenha-se neste momento nesta Câmara uma monumental hipocrisia".

A incoerência na questão de Vizela não é, todavia, um exclusivo do PS. Reportando-se à chamada "lei travão", que impede a criação de novos municípios,

João Amaral considerou tratar-se de "um balde de água fria, uma traição e um acto de manhosos", citando a forma como a certa altura o ex-deputado da UEDS, António Vitorino, classificou o comportamento do PSD e do CDS em 1983.

Depois de fazer notar que o PCP "esteve sempre em coerência a favor da criação do concelho de Vizela" e que em nenhum momento andou aos ziguezagues, João Amaral fundamentou este apoio da sua bancada, sustentando-o, por um lado, "em sólidas razões históricas", e, por outro, na decisiva importância que um poder municipal próprio represen-

tará para o "desenvolvimento e para a melhoria das condições de vida" das populações de Vizela.

Nesse sentido, "atirar mais uma vez para o futuro a decisão sobre Vizela é inaceitável e injustificável", concluiu João Amaral. Lucília Ferra, do PSD, afirmou por sua vez que "em matéria de demagogia, o PS e o PP estão bem um para o outro: o PS propõe em vésperas de eleições legislativas e o PP em vésperas de eleições autárquicas".

## Os compromissos do PS

A delegação da Junta de Freguesia e do Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela distribuiu entretanto aos jornalistas, no dia do debate, fotocópias de documentos que, no seu entender, provam a existência de compromissos do PS para a elevação de Vizela a concelho.

Uma carta do chefe de gabinete do grupo parlamentar do PS, assinada por Henrique Manuel Marques dos Santos e datada de

29 de Junho de 1983, garante que "o PS cumprirá o compromisso assumido de, no início da nova sessão legislativa (de então), elevar a Concelho a Freguesia de Vizela".

A carta é dirigida ao Secretariado da secção de Vizela do Partido Socialista, e reporta-se a um ofício, da mesma secção do PS, dirigido ao Grupo Parlamentar do PS, em 10 de Junho de 1983.

Entre as fotocópias distribuídas está uma do jornal "Notícias de Vizela", com declarações de António Guterres, e outra do "Correio do Minho", com recortes de declarações avulsas de vários elementos do PS, todas garantindo o desejo dos socialistas em contribuírem para a elevação de Vizela a concelho.

"Se eu for primeiro-ministro criarei de imediato o concelho de Vizela", disse António Guterres aos jornalistas e perante os presidentes das Câmaras de Guimarães, S. Tirso, Famalicão, Fafe e Vieira do Minho, na Associação de Municípios do Vale do Ave, em 23 de Março de 1993, segundo o jornal "Notícias de Vizela".

# Revisão constitucional a mata-cavalos

O plenário da Assembleia da República iniciou na semana transacta a votação na especialidade da revisão constitucional. São 171 artigos de alteração à Lei Fundamental que estão a ser votados em pacote - tema a tema - em 20 sessões plenárias até o final deste mês. A votação final global da revisão constitucional deverá ocorrer a 3 de Setembro.

A primeira sessão plenária foi entretanto marcada logo no início pela intervenção do deputado comunista João Amaral, que pediu a suspensão dos trabalhos para que pudesse ser analisado o guião entregue pouco antes.

O deputado do PCP protestou pelo facto do guião da segunda leitura da revisão constitucional só ter sido entregue aos grupos parlamentares cerca de uma hora antes do início da discussão em plenário, situação que qualificou de "inaceitável", pedindo por esse motivo mais tempo para que o documento fosse apreciado.

Nas restantes reuniões plenárias realizadas na passada semana destaque ainda para a discussão das alterações à parte económica da Constituição, com a bancada comunista a alertar para a inversão dos princípios constitucionais e para a fragilização dos mecanismos de defesa de uma economia pública.

## Metodologia dos blocos

A votação em curso, de acordo com a decisão da última Conferência de líderes parlamentares - que não mereceu a concordância do PCP -, segue uma metodologia de discussão artigo a artigo, no quadro de cada um dos 19 blocos de alterações. O primeiro bloco refere-se aos princípios fundamentais, distribuídos do 1º ao 23º artigo.

O segundo bloco vai até ao artigo 47º, o terceiro até ao artigo 57º, o quarto bloco até ao artigo 79º (reportando-se este bloco aos direitos e deveres económicos, sociais e culturais), o quinto bloco até ao artigo 90º (organização económica) e o sexto bloco vai até ao artigo 103º.

O sétimo bloco, dedicado ao sistema financeiro e fiscal e aos princípios gerais do poder político, vai até ao artigo 122º, enquanto o estatuto e eleição do Presidente da República cabe no oitavo bloco, que vai até ao artigo 135º, sendo que as respectivas competências e as do Conselho de Estado estão no nono bloco.

O décimo bloco pertence à Assembleia da República, bem como os blocos 11 e 12.

O Governo entra no bloco 13, os Tribunais no bloco 14, as Regiões Autónomas no bloco 15 e o Poder Local no bloco 16 e 17.

O bloco 18 é dedicado à Administração Pública e, por último, o bloco 19 prende-se com a própria revisão constitucional, abrangendo ainda as disposições finais e as transitórias da lei de revisão.

# Parlamento evoca vida e obra de Padre António Vieira

A Assembleia da República assinalou com uma sessão solene o terceiro centenário da morte do Padre António Vieira. Jorge Sampaio, que presidiu à comemoração, considerou que "honrar a memória do Padre António Vieira é um dever nacional", classificando o acto como uma "manifestação de reconhecimento e louvor a quem fez do engrandecimento de Portugal independente a razão fundamental da sua acção incansável, o tema principal da sua palavra arrebatada".

"Que grande deputado teria sido", comentou, por sua vez, Almeida Santos, recordando depois que "infelizmente, o Padre António Vieira só marca presença nos Passos Perdidos, através da obra inacabada de Mestre Columbano". Para o Presidente do Parlamento, "nunca o perfeito domínio da Língua Portuguesa havia sido levado tão longe, nem depois dele voltou a ser".

José Calçada, em nome da bancada comunista, definindo o traço que do seu ponto de vista

melhor sintetiza a vida e obra de António Vieira, elegeu a "sua unidade de contrários", testemunhada, observou, "numa dialéctica de coragem quotidianamente assumida".

"É um homem dividido, ao mesmo tempo presa do passado e visionário de futuros e, apesar disso, ou talvez por isso, cometido voluntária e profundamente com o seu tempo", lembrou José Calçada, exemplificando, a este respeito, com a defesa da «liberdade dos índios do Brasil ou com a independên-

cia do Portugal restaurado de após 1640.

Teixeira Dias, do PS, sublinhou que "comemorar o Padre António Vieira é, sem dúvida, viver a vida, como ele o fez, em combate permanente em prol dos direitos humanos".

"Vieira hoje é um vencedor", acentuou Pedro Roseta (PSD), uma opinião corroborada pela líder da bancada do PP, Maria José Nogueira Pinto, pelo deputado comunista José Calçada e por Isabel de Castro, do Partido "Os Verdes".

## Sociedades desportivas

# Teimosia do Governo conduz a soluções erradas



Governo quer sacrificar o desporto para todos no altar do desporto profissional

O PS deverá inviabilizar hoje, em votação plenária, as propostas do PCP de alteração ao regime jurídico das sociedades desportivas. Recentemente debatidas em sessão plenária e na comissão, no quadro do pedido de ratificação do diploma apresentado pela bancada comunista, aquelas alterações visavam corrigir alguns aspectos considerados não apenas inaceitáveis como de difícil aplicação.

Contestada é desde logo, como oportunamente salientou o deputado comunista António Filipe, a participação dos municípios e das regiões autónomas

no capital social das sociedades desportivas.

O que o Governo pretende com esta medida, no entender da bancada do PCP, é superar a eventual falta de interesse dos clubes na constituição das sociedades desportivas, viabilizando-as à custa do dinheiro dos contribuintes.

"O que este diploma consagra é a transformação dos clubes em verdadeiros serviços municipalizados de futebol profissional, é o sacrifício do desporto para todos no altar do desporto profissional", acentuou António Filipe no debate recentemente realizado sobre esta matéria.

Por si verberado foi igualmente o chamado "regime especial de gestão", o qual prevê, recorde-se, que os dirigentes dos clubes que não constituam uma sociedade desportiva, e só nesse caso, passarão a ser responsáveis pela gestão das respectivas secções profissionais, respondendo, pessoal, ilimitada e solidariamente, pelas quantias que os clubes deixarem de entregar para pagamentos ao fisco ou à segurança social.

"É claro que nós entendemos que quer os clubes quer as sociedades desportivas devem pagar tudo o que devem ao fisco e à segurança social; agora o que

não é admissível a título nenhum é que um dirigente de uma sociedade desportiva não assuma nenhuma responsabilidade pessoal, mas se for um dirigente de um clube passe a ser responsável pessoal e ilimitadamente pelas mesmas dívidas", comentou o parlamentar comunista.

Entre as críticas formuladas pelo PCP ao diploma governamental destaque ainda para a proibição do clube fundador da sociedade desportiva deter mais de 40 por cento do respectivo capital social, bem como, noutro plano, para a regra da irreversibilidade nele prevista.

## TRABALHADORES

# Conflito laboral na GDP Intransigência da administração leva a novas formas de luta

### Subsídio de férias em peixe congelado

A empresa do sector alimentar Gelibérica, de Palmela, pretende "substituir o pagamento dos subsídios de férias" de 1996 e 1997 "pela entrega do seu valor em peixe congelado", acusa a União dos Sindicatos de Setúbal (USS).

De acordo com fonte sindical houve já contactos com a empresa no sentido de a demover da ideia, mas, como "a entidade patronal mantém a sua posição", o Sindicato vai agora "exigir à Inspeção de Trabalho que actue rapidamente relativamente a esta ilegalidade".

Para a USS este é "um caso exemplar do que, na prática, se pretende com a polivalência e do ponto a que chega, impunemente, a prepotência patronal", pois "obriga os trabalhadores a fazer seja o que for, nomeadamente a fazer a limpeza das instalações ou a arrancar ervas do terreno da empresa".

"Não bastando esta estranha forma de relações de trabalho, o patrão, que desde há três anos se recusa a aplicar o Contrato Colectivo de Trabalho, pretende impor a total precarização da situação dos trabalhadores, em completa ilegalidade, querendo fazer contratos a prazo de um ou dois meses a todos os trabalhadores que já há muitos anos são efectivos na empresa", sublinha a USS em comunicado assinado pela sua Comissão Executiva.

### Guardas florestais em greve

A adesão à greve de 24 horas dos guardas florestais na passada semana foi superior a 90 por cento, "havendo muitos locais onde se verificou paralisação total, como Lousã, Manteigas e Sabugal", informou fonte sindical.

Segundo o comunicado da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública (FNSFP), "os guardas florestais estão assim a demonstrar de forma inequívoca o seu repúdio pelo protelamento a que está a ser votado o processo negocial que encetaram com a Direcção-Geral de Florestas e que chegou a bom termo".

A Federação considera "incompreensível que o Conselho de Secretários de Estado não tenha ainda aprovado o texto que mereceu a concordância do ministro da Agricultura e por três vezes o tenha agendado e devolvido".

Manuel Ramos, da direcção nacional da FNSFP, em declarações à agência Lusa, afirmou que os pouco mais de 700 guardas florestais existentes exigem apenas "respeito pelo texto que negociaram com a Direcção-Geral de Florestas e que foi acordado em Janeiro". Caso o diploma não seja rapidamente aprovado, os guardas florestais "voltarão a utilizar formas de luta em Agosto", adiantou o sindicalista, admitindo que estas poderão passar por "uma greve superior a 24 horas ou por uma nova deslocação dos trabalhadores à residência oficial do primeiro-ministro".

Para além da greve prevista para ontem e de uma outra já marcada para o próximo dia 29, a Federação dos Sindicatos da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás (FEQUIFA) está a estudar "novas e mais marcantes formas de luta" como forma não apenas de apoio às reivindicações dos trabalhadores mas também para trazer de novo à mesa das negociações a administração da GDP (Gás de Portugal).

Esta posição foi tomada em resultado do impasse nas negociações para a revisão do acordo colectivo de trabalho nas empresas do Grupo GDP e na sequência de dois dias de greve cumpridos nos dias 11 e 17 de Julho.

Aquela Federação sindical acusa os administradores de se remeterem a "uma posição de silêncio e de aparente inércia", não dando sinais de quererem regressar à mesa das negociações com vista a dar resposta às reivindicações dos trabalhadores.

Pelo contrário, faz notar a

FEQUIF em nota à imprensa, os administradores "empenham-se unicamente na criação de melhores condições que sirvam as ambições do ou dos grupos financeiros que espreitam a privatização".

No comunicado a Federação informa ainda ter solicitado reuniões com carácter de urgência aos órgãos de soberania e aos ministérios que tutelam as empresas do Grupo GDP com vista a analisar o presente conflito e o clima de degradação que se regista no relacionamento laboral.

## Trabalhadores contestam privatização da BRISA

A Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços (FEPACES) exige que o Governo esclareça a situação dos trabalhadores da Brisa em risco de perder o posto de trabalho devido à "privatização e desmembramento" da empresa.

Nesse sentido, a Comissão Executiva da FEPACES decidiu na passada semana solicitar nova reunião ao ministro do Equipamento, responsabilizando o Governo e a administração da Brisa por "eventuais alterações no foro social que se possam verificar, tendo em conta a defesa de todos os postos de trabalho existentes".

Em comunicado, a Federação diz ter concluído haver "razões de grande preocupação para a manutenção dos postos de trabalho existentes" depois de uma reunião com o adjunto do secretário de Estado das Obras Públicas sobre a desagregação da Brisa de dois troços já em funcionamento, na A8 e na A7.

Isto porque "o Governo apenas prevê imputar aos futuros concessionários destes troços a assunção de 71 portageiros principais e de cabina, enquanto o número actualmente existente é de 132", adianta o documento dirigido aos órgãos de comunicação social.

Aquele funcionário terá ainda informado que "apenas estão a ser considerados para a A8 17 portageiros principais e 18 de cabina, com o vínculo contratual sem termo, na data de 31 de Dezembro de 1996. Os restantes 26, a termo ou sem termo, a sua manutenção ou não ao serviço da empresa é da responsabilidade da administração da Brisa".

Quanto à A7, a FEPACES diz ter sido informada de que o processo está mais atrasado, "mas prevê-se que os novos concessionários apenas assumam 36 trabalhadores (20 portageiros principais e 16 de cabina), enquanto o número existente é de 61 trabalhadores".

A administração da Brisa, por seu turno, disse à FEPACES que "a privatização da empresa, cumulativamente com a desagregação da A8 e da A7, são da responsabilidade do Governo".

Segundo a Federação, a administração referiu ainda não haver "razões para serem considerados excedentários outros trabalhadores fora da área das portagens", mas "com os portageiros com o vínculo contratual a termo e mesmo sem termo, que eventualmente não aceitem a sua transferência para os novos concessionários, o mesmo já não se poder dizer".

A FEPACES refere também que confrontado com a oposição dos trabalhadores à privatização do capital da Brisa e com o seu desmembramento, o adjunto do secretário de Estado afirmou que "essa é a vontade política do Governo e, se tudo correr bem, será em cerca de 30 por cento, imediatamente após o Verão e não no ano de 1998 como está anunciado".



Trabalhadores da GDP estudam novas formas de luta em resposta à falta de diálogo da administração

## Em causa Lei das 40 horas CGTP quer aplicação mais célere

A CGTP defendeu na semana transacta, perante o Presidente da República, Jorge Sampaio, uma aceleração do processo da Lei das 40 horas de trabalho semanal. O coordenador da central sindical, Carvalho da Silva, no fim de uma audiência de mais de uma hora com Jorge Sampaio, em Belém, dedendeu que o processo de aplicação da Lei das 40 horas precisa de uma aceleração, uma vez que, enfatizou, "é uma injustiça e uma crueldade enorme o que continua a fazer-se a dezenas e dezenas de milhar de trabalhadores".

Para Carvalho da Silva, o processo de aplicação da Lei "continua a degradar as relações laborais, a eliminar direitos dos trabalhadores", pelo que, defendeu, "urge pôr cobro a isso".

"Esperamos que haja uma dinâmica nova na negociação por parte do Governo e uma chamada à responsabilidade dos patrões, que se abram negociações", acrescentou o dirigente sindical,

antes de fazer votos para que, "num futuro próximo, se realize o debate sobre a dignificação das pausas no trabalho, com vista à protecção dos trabalhadores e ao aumento da competitividade".

O dirigente da CGTP esclareceu ainda que parte da audiência com Sampaio serviu para proceder a uma reflexão acerca das questões ligadas à negociação colectiva. "O país precisa da negociação - os níveis salariais e de rendimento das famílias é muito baixo - e há um boicote generalizado do patronato à negociação colectiva, o qual tem encontrado nos esquemas da concertação social um refúgio para a sua não concretização", comentou Carvalho da Silva.

E concluiu: "a situação actual de uma chamada comissão de acompanhamento do acordo estratégico é a peça que nega a existência de um diálogo social claro e concreto".

## Correios e Telecomunicações Conflito à vista

Em comunicado, o Secretariado Nacional do Sindicato informa que se estão a realizar sessões de esclarecimento e plenários em todo o País, depois de a empresa ter abandonado as negociações sem que nenhum sindicato tenha dado o seu acordo.

"As negociações da matéria salarial do Acordo de Empresa dos CTT para 97 foram encerradas unilateralmente pela Empresa ao fim de somente três sessões", refere o comunicado, adiantando que, "pela primeira vez na história dos CTT, a empresa recusou-se a actualizar as diuturnidades e a maioria dos subsídios".

O SNTCT considera que, atendendo ao facto de a produtividade ter aumentado 7,8 por cento e a empresa ter tido um resultado positivo de 10,8 milhões de contos, parte das retribuições

são congeladas para "enterrar" o dinheiro no buraco do Fundo de Pensões que tem um défice de 185 milhões de contos".

Segundo o Sindicato, a empresa recusou-se a negociar uma sua proposta que garantia a igualdade de direitos para todos os trabalhadores no caso de doença e acidentes, já que desde Maio de 1992 os novos trabalhadores recebem menos que os antigos.

"Além da recusa de negociar, do congelamento das diuturnidades e da discriminação dos jovens, está também em causa o nosso regime privado de saúde", refere o sindicato, que alerta para a acelerada "degradação do serviço", exemplificando com o facto de não haver sequer, "em muitos pontos do País, médicos de clínica geral".

## Trabalhadores despedidos regressam aos Apartamentos do Mar

Os nove trabalhadores que em 30 de Abril deste ano foram objecto de despedimento colectivo do Hotel Apartamentos do Mar compareceram terça-feira no seu posto de trabalho, de acordo com uma informação do Sindicato.

Este retomar da actividade resulta da circunstância de o Tribunal do Trabalho do Funchal ter decretado no passado dia 02 de Julho a

suspensão do respectivo despedimento colectivo. Em nota à imprensa o Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares da Madeira afirma que a decisão judicial baseou-se no facto de a entidade patronal não ter procedido ao pagamento das indemnizações a que os trabalhadores têm direito, nos termos da legislação vigente.

## NACIONAL

## Agricultores do Alto Tâmega exigem medidas de emergência

«Se há 70 milhões de contos para dar a meia dúzia de grandes senhores proprietários absentistas, então, tem que haver dinheiro para acudir ao drama de milhares de agricultores e suas famílias», afirmam os agricultores do Alto Tâmega, em documento - aprovado por unanimidade - dirigido ao Primeiro-Ministro e Ministro da Agricultura.

Cerca de mil agricultores - produtores de batata, vinho, fruta e cereal - reuniram-se em plenário, a semana passada, em Chaves, para exigir «medidas financeiras de carácter excepcional», face a uma situação agrícola preocupante, consequência de «profundas alterações climáticas» entretanto registadas.

O plenário, convocado pelo Conselho Agrícola do Distrito de Vila Real, com o apoio da CNA, lembra que o Seguro Agrícola se mantém «fora do alcance da maioria dos agricultores» e denuncia a linha de crédito ao desendividamento como «feita de encomenda para a agro-indústria e para as grandes explorações».

Face a esta situação, os agricultores e presidentes de Juntas de Freguesia concentrados em Chaves decidiram: dar um prazo de 20 dias úteis para levantamento dos prejuízos registados; exigir o reconhecimento oficial do Alto Tâmega como «região de calamidade agrícola»; ajuda financeira em função dos prejuízos havidos.

A falta de resposta, os agricultores responderão com «uma grande concentração de agricultores e máquinas agrícolas» de todos os concelhos da região, durante «o tempo que for necessário».

## Seixal Apresentação pública de candidatos CDU

A CDU divulgou os seus onze candidatos à Câmara Municipal do Seixal, no passado dia 19, durante uma cerimónia presidida por Edison Dias, mandatário da lista.

Os grandes objectivos da coligação «para continuar a cumprir Abril neste concelho» foram enunciados por Edison Dias: reforçar as maiorias absolutas nas freguesias de Amora, Arrentela, Corroios, Paio Pires e Seixal; obter maioria absoluta na freguesia de Fernão Ferro; eleger o sétimo vereador para a Câmara Municipal; apostar na eleição de mais uma mulher para a vereação.

Alfredo Monteiro, candidato à presidência da Câmara, garantiu que será dada continuidade ao trabalho colectivo da CDU que «nestes 23 anos de Abril, e na qualidade de poder local democrático no concelho do Seixal, transformou qualitativamente este município, colocando-o nos mais elevados níveis de desenvolvimento do país».

## Protestos de emigrantes na África do Sul

Várias dezenas de jovens da comunidade portuguesa na África do Sul, manifestaram-se no aeroporto, na despedida do secretário de Estado das Comunidades, Lello Ribeiro de Almeida.

Os jovens protestavam assim pelo facto de o representante do Governo se ter recusado a recebê-los (apesar de promessas nesse sentido) durante a sua estadia na África do Sul, que se prolongou por quase uma semana, entre 1 e 5 de Julho.

O objectivo do encontro, pedido pelos jovens, era debater com o representante do Governo vários problemas por resolver.

Como reflexo desses problemas, nas recentes eleições para os Conselhos das Comunidades, dos cerca de duzentos mil portugueses inscritos nos consulados da África do Sul, nem um por cento votou. Não houve nenhuma apresentação dos candidatos aos eleitores, nem esclarecimento da comunidade ou apoio aos escassos meios de comunicação social local em língua portuguesa.

Segundo um estudo empírico feito o ano passado, só portugueses com mais de 40 anos mostram ainda algum interesse em ouvir rádio em português. Entre as camadas mais jovens a percentagem seria de 12%.

## Utilização indevida da designação Porto

Na recente VINEXPO-97, salão mundial de vinhos e de espirituosos realizados em Bordéus, tornou-se evidente a utilização indevida da designação Porto, por produtores das mais diversas origens, nomeadamente dos EUA (Califórnia), África do Sul e Austrália. Uma situação denunciada por Honório Novo, deputado do PCP no Parlamento Europeu, como «uma clara contrafacção que viola os direitos de propriedade intelectual e as regras da denominação de origem».

O deputado comunista dirigiu à Comissão Europeia a questão de que medidas se pensa adoptar para impedir estes factos e combater esta fraude.

# «Os Verdes» denunciam licença para poluir

Os interesses imobiliários e outros grupos de pressão continuam a condicionar a implementação de uma política de defesa do ambiente.

Esta uma denúncia do Partido Ecologista «Os Verdes», em reunião do seu Conselho Nacional, recentemente realizada no Porto.

«Os Verdes» consideram que o actual Governo «não cumpriu nenhuma das prioridades estabelecidas a nível ambiental» e que lhe falta «ousadia política» para defrontar os interesses particulares. É o caso - refere concretamente o partido ecologista - da Lei do Ordenamento do Território, que deixou de fora as zonas ribeirinhas e da lista das áreas a proteger pela Rede Natura 2000, que ignorou «locais onde há grandes interesses imobiliários». E que se repete em muitas outras situações.

## Licença para poluir

Há longos anos que a população residente no lugar de Santo Estêvão, Arrifana, Santa Maria da Feira, no distrito do Porto, protesta contra problemas ambientais provocados pelo funcionamento inadequado de duas fábricas de aproveitamento de subprodutos cárneos.

Os protestos da população não obtiveram entretanto qualquer resposta. Pelo contrário. As fábricas em questão receberam entretanto licença para laborar, apesar de uma delas não dispor sequer de equipamento nem licença de descarga de efluentes, o que pressupõe que a entidade coordenadora está a caucionar descargas ilegais de efluentes, que se efectuam no ribeiro mais próximo.

## Deputados portugueses no PE

### Um apelo por Timor

O envio de uma delegação do Parlamento Europeu a Timor Leste (decisão que se vem a arrastar desde Novembro de 1991), a suspensão de qualquer ajuda ou assistência militar e venda de armas à Indonésia - são decisões «já tantas vezes aprovadas em resoluções do Parlamento», que deputados portugueses no PE, dos diferentes partidos políticos, pretendem ver efectivadas e nesse sentido dirigem um pedido ao Presidente do Parlamento Europeu.

Em causa está, neste momento, «a prisão e morte em condições mais que suspeitas do líder das FALINTIL, David Alex, e muitas outras prisões».

Os deputados portugueses lembram que «a questão de

Uma situação que «Os Verdes» denunciam como uma verdadeira licença para poluir.

Face a esta realidade, o partido ecologista dirigiu um



Os efluentes de fábricas que vão parar directamente aos rios são uma forma de poluição ainda muito generalizada

requerimento aos ministérios do Ambiente, Agricultura, Economia, Saúde e também à Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, questionando sobre critérios de licenciamento e fiscalização e medidas a tomar «para garantir a qualidade de vida das populações, que é um direito dos cidadãos, e a qualidade ambiental da região».

«Os Verdes» apresentaram também nestes dias um outro

requerimento, dirigido à comissão parlamentar de Ambiente, sobre os «escandalosos casos de acumulação de resíduos hospitalares potencialmente contaminados, como o de Mangualde, agora transferidos para Coimbra, e o do Porto no Hospital de Santo António».

O grupo parlamentar ecologista denuncia que «a situação dos resíduos hospitalares em Portugal é insustentável» e

projectos turístico-imobiliários que aponta como outras tantas agressões ao litoral algarvio.

Os ambientalistas criticam sobretudo um despacho de Junho de 1994 do Ministério do Planeamento, que admite a atribuição do estatuto de «reconhecido interesse público» a projectos desse tipo que envolvam investimentos superiores a 10 milhões de contos.

Em tais casos, os projectos podem ser aprovados, ainda

exigem medidas concretas para «uma gestão e tratamento integrados deste tipo de resíduos».

## Em defesa do litoral

Também a Quercus, associação ambientalista, tem vindo a denunciar a actual política de ordenamento do território, que «está a destruir progressiva e irreversivelmente o litoral português», «com a colaboração do Estado».

A associação exige a revogação de legislação do anterior Governo; ao abrigo da qual estão em curso ou iminentes,

que se sobreponham aos instrumentos de planeamento e ordenamento do território já aprovados, designadamente os Planos Regionais de Ordenamento do Território (PROT) e Planos Directores Municipais (PDM).

A mesma aprovação é possível se os projectos ocuparem áreas de Reserva Ecológica Nacional (REN) ou da Reserva Agrícola Nacional (RAN).

Os ambientalistas estão a recolher adesões a um abaixo-assinado pedindo a discussão da política de ambiente na Assembleia da República.

## Luta contra o racismo

A luta contra o racismo e a xenofobia mantêm-se como uma preocupação no quotidiano, gerando diferentes iniciativas.

Este mês, a Frente Anti-Racista, a Torcida Verde, a Organização de Jovens e Estudantes de Timor Leste e a Resistência Nacional de Estudantes de Timor Leste assinaram um protocolo de participação tripartida, na luta contra o racismo, a xenofobia, a violência e pela causa maubere.

A assinatura do protocolo decorreu, no passado dia 11 de Julho, no Espaço Timor.

Em Loures realizou-se ontem, no salão nobre dos Paços do Concelho, a cerimónia de assinatura da «Declaração Europeia contra o Racismo».

Entretanto, no balanço das actividades do Ministério Público de 1996, o procurador-geral da República manifestou preocupação com as manifestações racistas de que têm sido vítimas os ciganos e referiu, em particular «as condutas marginais praticadas por grupos auto-organizados, quase sempre a pretexto da inércia das autoridades, e tendo com frequência motivações ou condicionantes étnicas».

## Ulster

## O renascer da esperança

O Ulster vive desde domingo o renascer da esperança no processo de paz, depois de o IRA ter anunciado «a suspensão completa das operações militares» e o «restabelecimento inequívoco» do cessar-fogo de Agosto de 1994. Aos partidos constitucionais cabe agora demonstrar, nas negociações iniciadas esta semana, que o desejo de encontrar uma solução para a Irlanda do Norte é mais forte do que as disputas partidárias..

«Queremos uma paz permanente e para isso estamos prontos a intensificar a procura de uma solução democrática através de negociações reais», incluindo todos os partidos, afirma o comunicado do IRA difundido no sábado e que interrompeu todos os programas na televisão irlandesa.

Irlandês é comandado por um «Conselho Militar» de sete membros, de que dependem um «Estado-Maior», comandos por grandes zonas de actividade e brigadas locais. Gozando de evidente apoio popular nos bairros católicos de Belfast e Londonderry (Derry, segundo os nacionalistas), o IRA conta igualmen-

pal obstáculo ao processo de paz.

O primeiro-ministro britânico, Tony Blair, que tem evitado falar na questão do desarmamento, declarou sábado que o restabelecimento do cessar-fogo do IRA cria «uma nova atmosfera de esperança para a paz e uma solução pacífica na Irlanda do Norte».

Segundo Blair, o cessar-fogo vai ser acompanhado «com muita atenção», dependendo a presença do Sinn Fein na mesa das negociações sobre o futuro do Ulster, em Setembro, «da autenticidade» desta trégua.

O cessar-fogo foi igualmente saudado pelo primeiro-ministro irlandês, Bertie Ahern, que afirmou considerar esta trégua «permanente».

«Espero que esta declaração do IRA seja bem acolhida e que se traduza por verdadeiras negociações significativas sem violência no futuro», disse Ahern.

## A oposição unionista

A resolução dos problemas do Ulster tem ainda que enfrentar a posição dos unionistas.

Os unionistas, na sua maioria hostis às propostas de paz feitas por Londres e Dublin, e nada interessados na participação do Sinn Fein nas negociações, continuam a esgrimir a questão do desarmamento do IRA como forma de pressão, ameaçando mesmo boicotar as conversações agendadas para Setembro.

Mo Mowlam, a ministra britânica para a Irlanda do Norte considera que os unionistas se encontravam numa posição difícil, mas é de opinião que ainda não estão «perdidos» para o processo de paz.

David Trimble, líder do Parti-

do Unionista do Ulster (UUP), defende que um cessar-fogo do IRA deve ser «completo, universal e permanente» e acompanha do «desarmamento e do desmantelamento das organizações terroristas».

Por seu turno, o Partido Unionista Democrático (DUP, unionista intransigente) diz rejeitar a «armadilha» montada, segundo ele, pelos seus adversários republicanos para permitir ao Sinn Fein participar nas negociações sobre o futuro do Ulster sem resolver previamente a questão do desarmamento do IRA, e acusa o Governo de Tony Blair de ter feito demasiadas concessões aos republicanos.

Também o Partido Unionista do Reino Unido (UKUP, independente) rejeita a importância do cessar-fogo: «isso não quer dizer nada. Faz parte das táticas do IRA e do Sinn Fein para participarem nas negociações sem terem que depor as armas», considera.

Mais moderado mostra-se o Partido Democrático do Ulster (UDP, próximo dos paramilitares lealistas), para quem «o IRA deve tomar medidas para reconstruir a confiança que se deteriorou devido a acções contra a comunidade lealista».

Por seu lado, o Partido Unionista Progressista (PUP, próximo dos militares lealistas) saudou as tréguas: «Se o IRA já apela a um cessar-fogo isso só pode ser bom para este país».

É neste contexto que vão decorrer as conversações, ontem iniciadas, entre os governos de Londres e Dublin e os representantes dos partidos constitucionais do Ulster, de que dependem as conversações multipartidárias de Setembro. A paz tem ainda um longo percurso a percorrer.



A paz é possível na Irlanda do Norte

Este cessar-fogo deverá permitir, após um período de seis semanas, a participação do Sinn Fein, ala política do IRA, nas conversações sobre o futuro do Ulster.

Braço armado do movimento nacionalista republicano, o IRA bate-se desde há 28 anos pela retirada das tropas britânicas da Irlanda do Norte e pela unificação da Irlanda. Herdeiro do «antigo» IRA criado em 1919, cuja luta resultou em 1921 na criação do «Estado livre irlandês» (a actual República da Irlanda), o Exército Revolucionário

te com a simpatia da maioria dos republicanos próximos do Sinn Fein, que nas últimas eleições, em Maio, recebeu o apoio de 17 por cento do eleitorado no Ulster.

Desde 1980 que o exército britânico (cerca de 17 500 efectivos no Ulster) foi obrigado a reconhecer que «o IRA não pode ser derrotado militarmente», tendo desde então as autoridades de Londres procurado a via do diálogo para o fim do conflito. A exigência de desarmamento do IRA como condição prévia à participação do Sinn Fein nas negociações tem-se revelado o princi-

## Agenda 2000

## PCP quer orçamento comunitário mais forte

O futuro da Europa foi discutido no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, na semana passada. A «Agenda 2000» apresentou como prioridades o alargamento da União Europeia, a realização de uma cimeira sobre o emprego e a criação de um espaço de liberdade e de segurança na comunidade.

Em declarações ao *Avante!*, o eurodeputado do PCP Joaquim Miranda afirmou que a Agenda 2000 «é insatisfatória para o nosso país como ponto de partida». Isto porque «define meios que são claramente insuficientes para responder às medidas concretas que se avizinham».

O Grupo Confederal Esquerda Unitária Europeia/Esquerda

Verde Nórdica, onde se integra o PCP, não tem objecções especiais e de princípio ao alargamento da União. Mas, para Joaquim Miranda é claro que este processo vai beneficiar os países mais ricos, como a Holanda, a Alemanha e a Dinamarca.

«O alargamento tem grandes implicações económicas», afirmou o eurodeputado. Aliás, «não é por acaso que os países escolhidos para integrarem a comunidade (Hungria, Polónia e República Checa) estão historicamente muito ligados à Alemanha». Há que sublinhar que os benefícios económicos nunca são contabilizados: «Fala-se exclusivamente das questões de natureza financeira e de quem paga ou quem não

paga esta adesão em termos financeiros».

«Os países beneficiados economicamente dizem “nós somos os que pagamos para o orçamento comunitário e não podemos pagar mais”. Mas o que pagam é muito inferior ao que recebem ao nível económico», explica o comunista. «A solução encontrada é manter este nível de orçamento e com este mesmo bolo, fazer as fatias do bolo mais pequenas». Por isso, os comunistas defendem um orçamento comunitário mais forte.

E Joaquim Miranda acrescenta: «Eles próprios ganham conosco também, porque se nós recebemos mais do orçamento comunitário do que aquilo que pagamos para ele, eles têm disso

grandes contrapartidas económicas que não são contabilizadas». O eurodeputado comunista Honório Novo exemplifica: «Em cada 100 ecus que entram em Portugal através dos fundos estruturais, cerca de 50 regressam aos países contribuintes em encomendas de equipamentos e de serviços necessários para promover as obras necessárias para a aplicação daquela quantia. Isto significa que reanimam, activam e beneficiam directamente a economia dos países contribuintes.»

Honório Novo acrescentou ainda que este plano «aponta para a diminuição drástica dos fundos de coesão e para a diminuição ainda não quantificada dos fundos estruturais».

## Mulheres europeias continuam a ser discriminadas

As mulheres continuam a viver situações de discriminação e desigualdade na sua vida profissional, social e familiar, e a ser penalizadas pelo «delito da maternidade» - alerta o Secretariado Europeu da Federação Democrática de Mulheres (FDIM), que recentemente organizou em Bruxelas uma reunião de Organizações Não Governamentais (ONG's) suas associadas para debater a situação das mulheres no emprego.

A reunião, que contou com a participação de delegações da Alemanha, Bélgica, Chipre, Espanha, Grécia, França, Portugal e Roménia, foi presidida pelo Movimento Democrático de Mulheres (MDD) e pela Union des Femmes Solidaires (UFF).

O debate e a troca de experiências permitiu concluir que, apesar da legislação criada nos últimos anos a favor da igualdade, na prática continuam a subsistir situações de discriminação das mulheres, agravadas com o encerramento de estruturas de apoio, nomeadamente para crianças, e a privatização de empresas públicas. Discriminadas na sua vida profissional, social e familiar, as mulheres são ainda penalizadas pelo «delito da maternidade».

A constatação desta realidade levou as ONG's participantes no encontro a concluir pela necessidade de desenvolverem o apoio directo à luta das mulheres criando formas de solidariedade recíproca, dando a conhecer as acções em desenvolvimento e criando um espaço de liberdade de palavra para as mulheres.

Neste contexto, decidiram dirigir a sua actividade contra as discriminações no trabalho: por uma maior diversificação profissional, pela igualdade no acesso ao emprego e aos postos de responsabilidade, contra as discriminações salariais, pela revalorização das profissões feminizadas, contra a imposição do trabalho a tempo parcial e a tempo determinado.

As ONG's concluíram ainda ser fundamental que as mulheres tenham conhecimento dos seus direitos para melhor lutarem pelo respectivo cumprimento, pelo que se propõem continuar a desenvolver a actividade de esclarecimento que têm vindo a levar a cabo na luta pela igualdade.

## Casos

**Alemanha (ex-RDA)** - O desemprego das mulheres oscila entre os 20 e os 25 por cento. Esta situação está a provocar graves desequilíbrios psicológicos nas mulheres que sempre trabalharam e se vêem agora no desemprego e sem perspectivas de futuro. Quanto aos jovens, cerca de 500 000 dos que anualmente terminam a escolaridade não conseguem arranjar emprego, o que leva ao aumento da delinquência e das tensões sociais.

O Governo lançou recentemente um plano para a criação de 800 000 postos de trabalho para... empregadas domésticas.

**Bélgica** - A privatização das empresas públicas agrava as discriminações. Na Bélgica, o subsídio de desemprego das mulheres depende da situação do «chefe de família», neste caso o homem.

**Suécia** - O país regista actualmente uma taxa de desemprego da ordem dos 12,7 por cento, contra apenas três por cento ainda há seis anos. Ao contrário do que sucedia no passado, a maioria dos desempregados são mulheres. De registar o facto de existir um Provedor de Justiça que fiscaliza os planos das empresas para a igualdade e que actua quando os sindicatos não respondem às queixas das suas associadas.

**Roménia** - Entre 60 a 70 por cento das mulheres estão no desemprego sem perspectivas de reciclagem. Actualmente, as mulheres, qualquer que seja a sua formação académica, suprem as suas necessidades como vendedoras em lojas ou na rua.

## Privatizações no sector bancário

# A riqueza de todos feita dinheiro de uns poucos

**A**inda não há um mês, revelou o Banco de Portugal, no relatório da administração relativo a 1996, que cinco grupos financeiros arrecadavam mais de 90 por cento dos lucros gerados pelo sistema bancário português, que conta 51 instituições.

Outros dados confirmam a acelerada concentração de capital neste sector, facto que traz à memória os tempos em que os defensores da abertura da banca à iniciativa privada argumentavam com as vantagens que traria a maior concorrência...

As transformações em curso afectam a economia nacional, agravam as condições de prestação do serviço aos clientes (e até de selecção da clientela) e aumentam a exploração dos trabalhadores da banca. Estas consequências são geralmente ocultadas da opinião pública por um pesado véu de silêncio, acompanhado por fortes campanhas publicitárias sobre os ilusórios benefícios que estarão ao alcance do comum dos mortais mal se dirija ao balcão de um banco. Sobre as modificações verificadas no sistema bancário português, as consequências das privatizações neste sector e os perigos da actual linha de evolução da banca conversámos com os camaradas José Dionísio, do secretariado sindical do Banco Espírito Santo, bancário há 23 anos; Gaspar Martins, da Comissão de trabalhadores do BES e da coordenadora das CTs do sector bancário, e também da comissão sindical do Espírito Santo na Zona Norte, que é bancário há 29 anos; João Lopes, da CT da Caixa Geral de Depósitos e da coordenadora das CTs da banca, bancário há 30 anos; e Sebastião Fagundes, vice-presidente da Direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, bancário há 28 anos, funcionário do Banco Nacional Ultramarino.

Antes das privatizações no sector bancário, houve oportunidades para analisar as eventuais consequências desse passo?

**João Lopes** - Várias tentativas de privatização do sector, levadas a cabo ainda pelo Governo de Pinto Balsemão, foram rejeitadas pelo Conselho da Revolução. Nessa época, algumas estruturas de trabalhadores apontaram consequências - umas nítidas, outras menos evidentes - que mais tarde se vieram a confirmar. E desde sempre se denunciou que a privatização da banca tinha motivos eminentemente políticos e não era justificada por nenhuma razão económica ou social.

Também é verdade que a banca foi nacionalizada por razões políticas, mas os resultados revertiam a favor do Estado. Com a privatização, os resultados voltam a reverter a favor dos banqueiros.

**José Dionísio** - Nesse debate, as discussões e as reflexões situaram-se muito mais a nível da própria banca, dos trabalhadores bancários, do que da sociedade em geral. As consequências da privatização para a sociedade não foram previamente debatidas nem analisadas. Agora é que se estão a notar, apesar do forte bombardeamento ideológico em torno dos bons resultados, da concorrência...

**Sebastião Fagundes** - Na altura da abertura do sector à iniciativa privada, quando da alteração da lei de delimitação dos sectores, com o Governo de Mário Soares, houve debate, houve posições das estruturas dos trabalhadores, houve alertas... Aprovada a legislação, o debate caiu muito e foram os comunistas e outros activistas que conosco estão nas listas unitárias quem manteve a discussão acesa. Recordo-me, por exemplo, dos cinco encontros nacionais de representantes dos trabalhadores bancários.

Mas as estruturas do PS e do PSD nos sindicatos ocupavam posições que lhes permitiam contrariar esta linha, colocando-se objectivamente do lado dos banqueiros, que na altura não eram ainda os que são hoje, mas que encaminharam tudo para a reconstrução dos grupos económicos e a concentração do capital, a entrada do capital estrangeiro para posições mais fortes do que

nunca - o momento em que nós estamos e um processo ainda não concluído.

A banca nacionalizada, como existiu, chegou a ser o tipo de estrutura mais favorável para os trabalhadores, para a economia, para a empresa e para os clientes dos bancos?

**JL** - A banca nacionalizada nunca foi aquilo que, do nosso ponto de vista, deveria ser. E nunca o foi, não por culpa dos trabalhadores e das suas organizações, mas por culpa dos inimigos das nacionalizações.

**SF** - As nossas propostas para a banca caíram sempre em saco roto...

**JL** - Propusemos, nomeadamente, acções de rees-

de apoio a pequenas e médias empresas, sistemas de incentivos ao investimento... O Estado contava com a banca como um forte instrumento para responder a necessidades económicas e sociais.

**JL** - O próprio Ramalho Eanes, quando Presidente da República, reconheceu por exemplo que, se não existisse banca nacionalizada, seria muito mais complicado responder às consequências do processo de descolonização.

**SF** - O BNU ainda hoje pertence ao único grupo financeiro do Estado. Tal como o ex-Banco de Angola, o BNU foi nacionalizado logo em Setembro de 1974, e não a 13 de Março de 1975, com a restante banca. Já era maioritariamente do Estado, foi o sustentáculo daquela primeira fase em que era necessário manter empregos, criar empregos, pagar a frota da TAP, pagar a Ponte sobre o Tejo - compromissos que vinham de trás e que, com os meios do banco, não era difícil assegurar. Com a descolonização e a transformação do BNU nos bancos centrais das ex-colónias (à excepção de Angola), o Ultramarino foi capaz de suportar a vinda de milhares de trabalhadores para o Continente, garantindo empregos e reformas; em determinada altura, saldadas as contas e cumprido o dever como banco nacionalizado, nomearam uma administração que foi levá-lo até ao fundo.

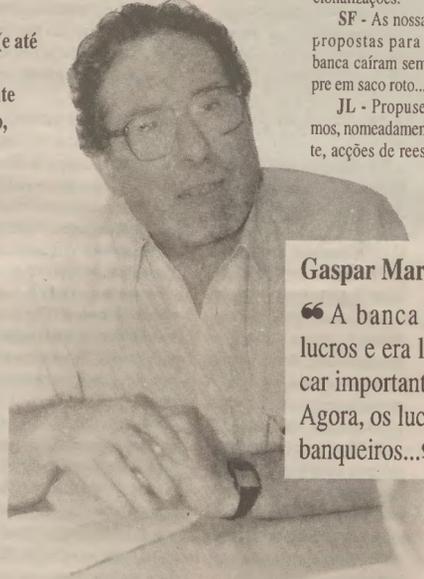
Este é mais um exemplo de como a nacionalização da banca serviu a economia nacional e os interesses dos trabalhadores. Com a reprivatização pioraram as condições de trabalho, os direitos foram reduzidos, diminuíram os postos de trabalho, as tabelas salariais vão-se degradando... Quem ganhou com a reprivatização foram apenas meia-dúzia de grupos económicos.

**GM** - Apesar de tudo, a banca nacionalizada dava lucros e era lá que

o Estado ia buscar importantes verbas. Agora, os lucros vão para os banqueiros...

### Gaspar Martins

“A banca nacionalizada dava lucros e era lá que o Estado ia buscar importantes verbas. Agora, os lucros vão para os banqueiros...”



### Outros interesses predominam

**JD** - A banca nacionalizada, enquanto motor do desenvolvimento, em termos económicos e sociais, tinha um tipo de relação quase familiar entre os trabalhadores e os clientes. Com a privatização, perdeu-se esta cultura e o contributo que desta forma se dava para o desenvolvimento regional. Os homens que agora dominam os bancos estão virados para uma selecção de clientela

para o desenvolvimento regional. Os homens que agora dominam os bancos estão virados para uma selecção de clientela

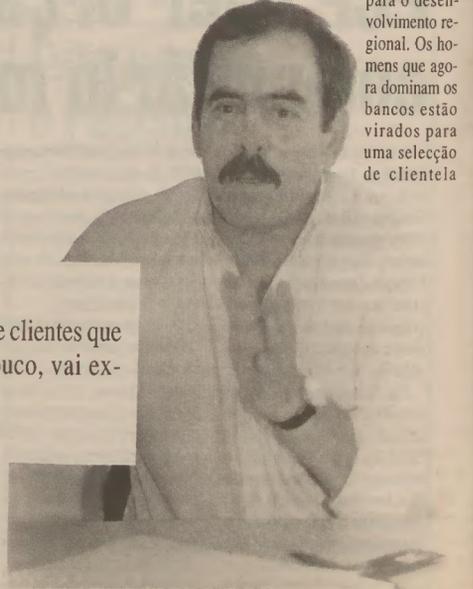
### José Dionísio

“Há uma vasta área de clientes que a banca, a pouco e pouco, vai excluindo de forma deliberada.”

Mesmo com o bode a guardar a horta....

Gaspar Martins - Apesar

de todas as deficiências e de terem posto o bode a guardar a horta - a entregarem a gestão a autênticos testas-de-ferro dos antigos banqueiros -, a banca nacionalizada foi muitas vezes o instrumento de que os governos se socorreram para atenuar alguns problemas que surgiram no tecido económico. Foi assim, por exemplo, com formas



Texto Domingos Mealha  
Fotos Jorge Caria



segundo critérios em que predomina o lucro esperado, enquanto a banca nacionalizada actuava procurando levar a sociedade a aceitar novas tecnologias e novas formas de pensar e agir. Não podemos esquecer o grande boom das pensões de reforma (cujo pagamento a banca privada tem vindo agora a procurar rejeitar), as facilidades no preenchimento de cheques... pensava-se no serviço bancário e na angariação de clientela com outras preocupações, que não a maximização dos lucros.

Há uma vasta área de clientes que a banca, a pouco e pouco, vai excluindo de forma deliberada, devido aos critérios adoptados de selecção de clientela, subordinados a tal lógica.

**GM** - Veja-se, ainda a propósito, o que sucede com o Plano Mateus: a viabilização dos projectos depende dos bancos, mas o Estado só tem a Caixa Geral de Depósitos, que não está vocacionada para esse tipo de operações, e os bancos privados não têm interesse em acorrer às empresas com dificuldades. Sem instrumentos de execução, um plano assim está condenado ao fracasso.

Mas a verdade

ou, no máximo, quatro. Isto vai ser feito à custa dos trabalhadores, que vão ser cada vez mais explorados, e dos clientes, que ficam sujeitos ao funcionamento dos bancos em cartel todo-poderoso.

Mas coloca-se aqui outro problema: a comunicação social silencia completamente tudo o que ponha em causa as privatizações. Em relação a outros temas, podem ser mais liberais, podem dar mais alguma atenção. Só que as privatizações são um tema sagrado: podem vir assistir a sessões, podem ouvir relatos de muitos escândalos, mas silenciam tudo. Sem acesso a esta informação, é muito difícil para a opinião pública despertar para estes problemas; pelo contrário, as pessoas são permanentemente bombardeadas com grandes doses de loas à iniciativa privada e às alegadas vantagens da banca privada.

Os resultados das eleições para o Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas também representam um reflexo das preocupações dos trabalhadores e da maneira como estão a preparar-se para enfrentar os problemas que pressentem vir aí. Ao votarem numa lista que integrava os comunistas e outros activistas unitários, escolheram aqueles que sabem, por experiência, que mais firmemente defendem os interesses dos trabalhadores.

**SF** - Esta atitude é ainda mais notória nas eleições para as comissões de trabalhadores. Agora as eleições no SBSI têm uma clara leitura política, que é a rejeição pelos bancários de uma aliança do Partido Socialista (cujo aparelho e dirigentes com altos cargos no PS e na UGT) com o PSD. Esta leitura foi confirmada nas reacções que nos chegaram já depois das eleições.

### Enganados e iludidos

**JL** - Isso é claro, tal como hoje é mais vasto o número de bancários com consciência da situação que se vive no sector e dos perigos que estão latentes. Mas o grosso dos bancários e dos clientes ainda não tem essa noção e, se as coisas continuarem assim, vai aperceber-se dos problemas já quando estiver muito encostado à parede.

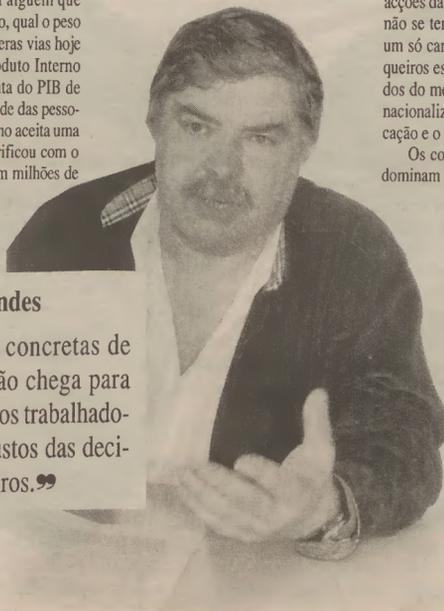
**JD** - Este é um problema que não se coloca só no nosso sector, mas na sociedade em geral.

Com o volume de desempregados que temos, que se faz na nossa sociedade para defender postos de trabalho? Há ameaças às reformas, mas que faz a generalidade dos reformados para defender os seus direitos? Em termos económicos, há alguém que saiba e dê a conhecer, por exemplo, qual o peso do crédito concedido (pelas inúmeras vias hoje utilizadas) relativamente ao Produto Interno Bruto? Estamos a gastar por conta do PIB de que ano? Como pode a generalidade das pessoas reagir, quando o próprio Governo aceita uma situação escandalosa como se verificou com o Plano Mateus, em que bancos com milhões de contos de lucros solicitam condições vantajosas para pagarem as suas dívidas ao fisco e à Segurança Social?

### Sebastião Fagundes

“Há já provas concretas de que o diálogo não chega para evitar que sejam os trabalhadores a pagar os custos das decisões dos banqueiros.”

**GM** - A clientela dos bancos é de tal maneira solicitada pela publicidade para acorrer aos serviços bancários, que fica



com a ideia de que há muito por onde escolher. Os anúncios oferecem crédito à habitação, crédito ao consumo, cartões, contas... Até para mim já me ligou um colega, sentado ao telefone uns andares mais acima, a propor-me negócio em nome do banco. As ofertas são feitas de tal forma que as pessoas nem se apercebem de que estão a ser sugadas.

Volto ainda ao caso da EDP: toda a gente foi levada a correr aos bancos, a comprar acções, porque iria ganhar dinheiro. Mas quando as pessoas forem ver quanto vão pagar ao banco pela operação irão aperceber-se de que não foram elas quem, na realidade, ficou a ganhar com a compra das acções.

**SF** - Há coisas pequenas em que as pessoas não podem deixar de reparar: pagam hoje serviços que antes eram grátis, aumentaram escandalosamente os preços de outros serviços e as taxas sobre as operações bancárias, debitam despesas de expediente no valor de contos de réis... Entretanto, os custos com pessoal continuam a ser, na banca, dos mais baixos na economia portuguesa e os bancários ainda são obrigados a trabalhar sem ganhar, para além da hora de serviço.

**JD** - Isto é um verdadeiro roubo aos bancários. Em vez da Inspeção do Trabalho, que de vez em quando aplica multas de cinco contos aos bancos que são apanhados com trabalho extraordinário não remunerado, quem devia visitar as agências era a polícia, à procura de quem está assim a roubar os trabalhadores de forma premeditada e organizada.

Há taxas que estão a ser aplicadas e acerca das quais o cliente nem sequer é previamente informado. É sacado.

Os bancos arrogam-se o direito de sacar aos clientes e de sacar aos trabalhadores, e entretanto convivem alegremente com o poder político, vão com ele em comitiva - mais, prestam-se a ajudar o poder político na corrida para a moeda única, que também lhes interessa.

**JL** - Gradualmente cria-se assim uma situação a que o 25 de Abril pretendia pôr termo, que é o domínio do poder económico sobre o poder político. Isso é visível na passagem - que para mim é um regresso - de ex-governantes para o quadro de grupos financeiros. Mas recordo também que houve uma série de áreas que estiveram vedadas à banca nacionalizada, estipulando a lei que os bancos só deviam tratar de dinheiro; agora deixou de ser assim, os bancos podem entrar noutras actividades e voltam a constituir-se os monopólios.

**JD** - Olhamos para as privatizações e vê-se como Champalimaud compra grandes empresas e se candidata a privatizações, leva milhões e milhões de contos... Viu-se como aumentaram de preço as acções da EDP e fica-nos a dívida sobre o que não se terá passado com bancos onde houve um só candidato à privatização. Hoje os banqueiros estão a funcionar, não com os resultados do mercado, mas com os frutos da banca nacionalizada a riqueza criada, o saber, a dedicação e o esforço dos trabalhadores.

Os comportamentos dos grupos que hoje dominam a banca é igual ao das empresas dos outros sectores, e isto não foi sempre assim. Mas chegam a ir mais longe na violência da exploração e no desrespeito das leis, com conhecimento de causa e com *staffs* de apoio: violam a legislação do trabalho, rompem com as regras tradicionais do mercado bancário...

Se antes havia alguma ideia do banqueiro que merecia confiança do mundo laboral e do mercado, hoje ele é o mais retrógrado dos patrões e aquele que mais suga a economia nacional, nas mais diversas áreas e não só no mercado financeiro, e que usa o seu poder económico para isso.

EM FOCO

■ José Casanova  
Membro  
da Comissão Política

# O Senhor Engenheiro faz questão...

**D**iz-nos o «Diário de Notícias» – jornal muito bem informado sobre tudo o que se diz e consta no interior do PS, especialmente sobre aquilo que ao PS interessa que seja divulgado – que «António Guterres faz questão de ter uma intervenção discreta na campanha (das autárquicas) para não ser acusado, enquanto Primeiro-Ministro, de favorecer o Partido.» (...) «A posição de Guterres, que no passado criticou Cavaco por uma postura diferente, pretende sublinhar essa diferença de comportamento.» Sobre a supra citada prosa havia um mundo de observações a fazer. Limitar-me-ei a meia dúzia delas, sublinhando, antes disso, uma curiosidade curiosíssima: o jornalista do DN que produziu a referida prosa assina P.S. O jornalista certo com o nome certo.

O jornalista P.S. não cita Guterres: atribui-lhe intenções (valorizando-as), explica as causas dessas intenções (valorizando-as) e supervaloriza-as, quando sublinha a diferença entre as ditas intenções e a passada prática concreta de Cavaco.

Acontece que, a ser verdade o que o jornalista P.S. diz sobre Guterres, estamos perante uma manifestação de enorme hipocrisia por parte do Primeiro-Ministro. Em primeiro lugar porque Guterres e todo o seu Governo estão, de facto, a favorecer descaradamente o PS, participando activamente na campanha eleitoral: utilizando dinheiros que são de nós todos na compra de votos para o PS; accionando ilegalmente «mecanismos legais» contra os seus adversários (especialmente contra a CDU); enfim, usando e abusando do aparelho de Estado num esforço desesperado para evitar ou atenuar as mais do que previsíveis perdas nas próximas eleições autárquicas. Na passada semana o «Avante!» publicou um artigo de António Filipe – «O Estado Rosa ao Serviço do PS» – no qual é divulgado um conjunto de casos concretos que atestam exemplar e insofismavelmente tudo isto.

Em segundo lugar, se é verdade que, no período cavaquista, Guterres e muitos dos seus colegas de partido criticaram severamente Cavaco por práticas deste tipo, é ainda mais verdade que se há diferenças entre a passada postura cavaquista e a actual prática guterrista, essas diferenças são de sentido oposto às que o jornalista P.S. os quer vender. Com efeito, o PS e Guterres estão a ir muito mais longe do que alguma vez foram o PSD e Cavaco. Imitando Cavaco, Guterres tenciona (segundo o jornalista P.S.) «ter uma intervenção discreta na campanha»: mas, superando Cavaco, ultrapassando-o largamente, feito até agora tido como impossível, Guterres está já a ter uma intervenção eleitoral descarada. Às vezes ridícula, diga-se, o que é natural visto que, como a História nos mostra, o abuso do Poder comporta sempre uma assinalável carga de ridículo. Há uma semana, Guterres foi a Almeirim «inaugurar» uma piscina que, infelizmente, não estava em estado de ser inaugurada pelo simples facto de não estar acabada. Mesmo assim, Guterres «inaugurou-a»: o importante era que a comunicação social divulgasse o evento, não é verdade? A semana passada foi a Faro «in角度

rar»... um helicóptero. Exacto: um helicóptero que deveria ser destinado ao Algarve «para efeitos de serviço de emergência na evacuação de doentes». Só que, ironias do guterrismo, o helicóptero está e vai ficar em Lisboa... E quando houver necessidade de, com urgência, deslocar um doente do Algarve para Lisboa, o helicóptero vai lá buscá-lo. Demora mais tempo, o doente pode até morrer, mas os helicópteros querem-se na capital, não é verdade? Há tempos, passando pelo Cartaxo, como não houvesse nada para inaugurar nem para «inaugurar», o Primeiro-Ministro descerrou uma lápide a assinalar o evento notável que foi a sua passagem pela referida localidade. A simples passagem de Sua Excelência por uma qualquer povoação é, por si só, uma benesse, uma espécie de bode à população local, não é verdade?

Dignos do Chefe, na quantidade e na qualidade das prestações, são os seus ministros e secretários de Estado e candidatos autárquicos, e etc. A transparência dos métodos que utilizam na caça ao voto e a profundidade, o rigor, a coerência das argumentações que produzem com o mesmo objectivo estão à altura da qualidade da governação que o PS vem praticando. E quando, por exemplo, o candidato do PS à Câmara Municipal de Évora é, por esse facto, nomeado para a CCR; ou quando o candidato do PS à Câmara Municipal de Alpiarça é, por via disso, nomeado para o Centro de Emprego de Santarém – nomeações que os posicionam em locais privilegiados para a caçada – estamos a assistir a uma demonstração concreta de utilização abusiva do Poder em benefício do partido do Governo, coisa inadmissível em democracia e que põe seriamente em causa a democraticidade do próximo acto eleitoral.

Mas deu gosto ouvi-los, em Beja, «demonstrando» as desvantagens e inconvenientes de um autarca se manter muito tempo no Poder – Carreira Marques é presidente da Câmara de Beja há 14 anos... – e enaltecendo as vantagens da «alternância do poder como estímulo renovador e um sinal de vitalidade democrática»... e, logo a seguir, ouvir o ministro Jorge Coelho – agora totalmente transformado em caixeiro viajante eleitoral – a fazer o elogio e a salientar as vantagens da recandidatura do presidente da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, que ocupa o cargo «desde as primeiras eleições autárquicas após o 25 de Abril de 1974.»

Tão divertido como isso foi ouvir Jorge Coelho (outra vez ele), em Vila Franca de Xira, atacado a candidatura de direita pro-

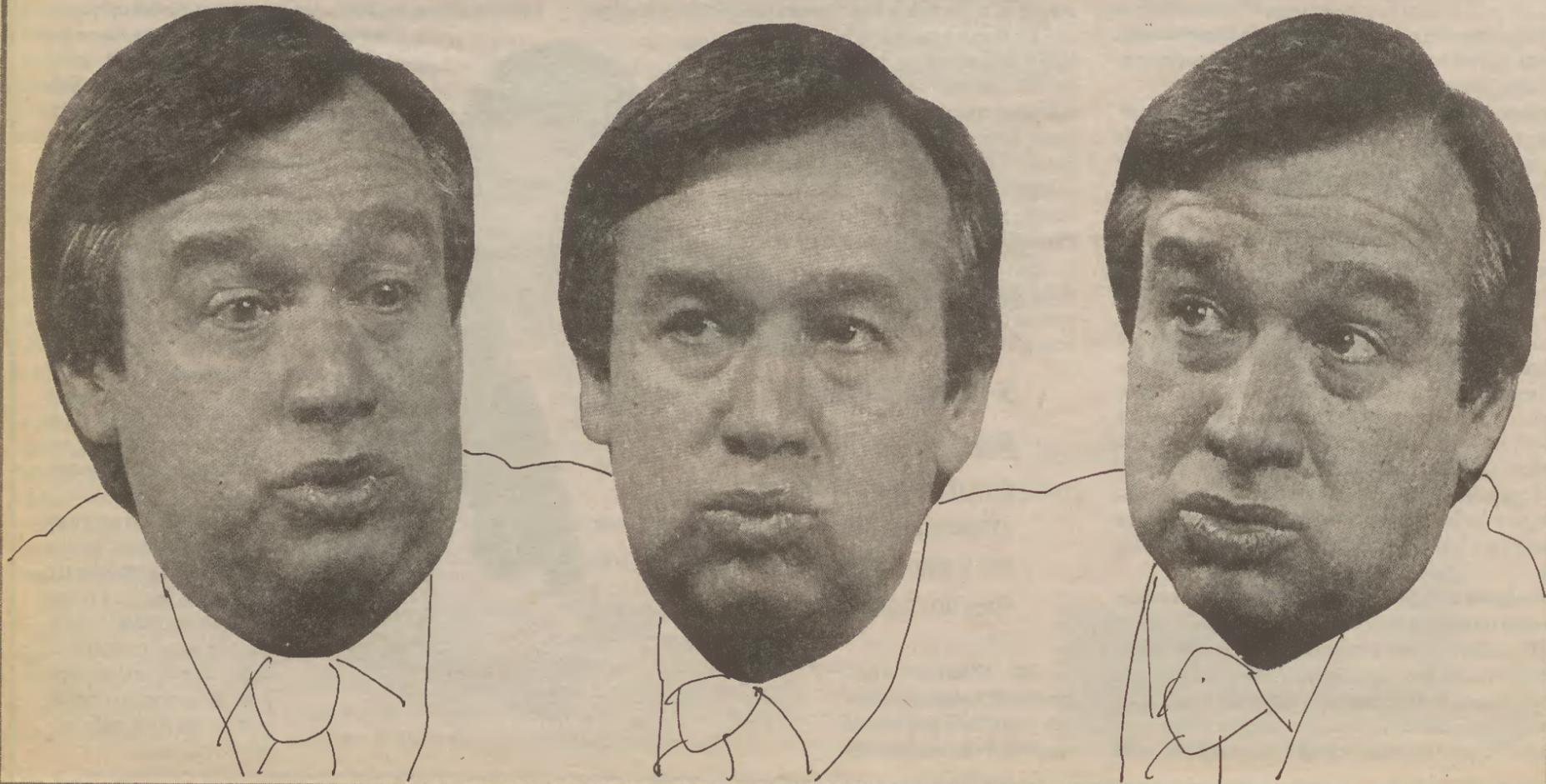
tagonizada por Zita Seabra e esclarecendo, todo pimpão, que – ouçam bem! – «O PS não precisou de ir buscar nenhum resto a nenhum lado para se candidatar à Câmara local.» O que torna tudo isto ainda mais divertido é que, pouco tempo antes, Jorge Coelho (sempre ele) estivera em Évora a apresentar como cabeça de lista do PS à Câmara local precisamente um «resto» tão «resto» como a candidata do PSD. Além de que, como toda a gente sabe, Jorge Coelho é dirigente de um partido que tem «restos» destes espalhados por tudo quanto é tacho: autarquias, Assembleia da República, Parlamento Europeu, Governo...

Interessante, também, é quando os puros e impolutos ecos de Guterres chafurdam deliciados na mentira e na calúnia. Diz-nos o «Diário de Notícias» que António Costa, secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, em campanha eleitoral na Vidigueira,

**Superando Cavaco, ultrapassando-o largamente, feito até agora tido como impossível, Guterres está já a ter uma intervenção eleitoral descarada.**

afirmou que o PCP votou contra a proposta de lei de Finanças Locais do Governo porque queria que Guterres travasse os processos às Câmaras CDU, nomeadamente o processo contra a Câmara da Amadora. Ao fazer tal acusação António Costa sabe que está a mentir e a caluniar, coisa que visivelmente lhe dá prazer porque continua assim: «O PCP acha que isso (inspecções às Câmaras) é só para os municípios dos outros e sobretudo os do PS» (...) «Então o PCP julga que está acima da lei? Julga que um homem sério e reconhecido como é o ministro das Finanças podia fazer um jeito ao PCP, evitar que as Câmaras comunistas fossem investigadas?» Um mérito há que reconhecer a este discurso de António Costa: o de demonstrar, de forma indubitável, que a desvergonha não tem limites.

Face a tudo isto – e a muito mais que fica por dizer – é, no mínimo, um insulto às nossas inteligências comunicarem-nos que o senhor Primeiro-Ministro manda dizer que «faz questão de ter uma intervenção discreta na campanha para não ser acusado, enquanto Primeiro-Ministro, de favorecer o partido».



# O horror económico... do capitalismo

T  
R  
I  
B  
U  
N  
A

**E**m vários momentos da leitura de "*L'horreur économique*", de Viviane Forrester, desejei ter sido eu a escrever o que lia. Não (só...) pelo sucesso que o livro tem mas pela denúncia, pela oportunidade, pela lucidez, pela indignação. Pela força e pela comunicabilidade da escrita. Essas razões todas juntas, que justificam o desejo sentido de ser capaz de escrever algo assim (em português, claro), justificam também o surpreendente êxito de um livro que, sendo um ensaio sobre política e economia, tem tido sucessivas traduções e edições (impresso na edição original há três meses, a tradução portuguesa já vai na sua 3ª edição!). É um livro de choque, de lucidez e coragem na denúncia do capitalismo contemporâneo.



■ Sérgio Ribeiro

apenas deixará consciências tranquilas, apaziguadas. Talvez a começar pela da autora, com o devido respeito (que é a tal palavra bela e justa)...

Porquê este tão gritante paradoxo em livro? Porquê o seu impacto e êxito?

Começemos por aí.

O êxito de "*O horror económico*" estará mesmo no facto do livro ser paradoxal. Aliás, tendo sido pedido à autora, pelo *L'Humanité*, para comentar a afirmação que essa denúncia não teria o sucesso que está a ter se tivesse sido assinada por Robert Hue, Viviane Forrester foi clara na fuga a dar uma resposta clara, a tomar posição... Ela pretende ser - apenas! - uma escritora que tem o direito a indignar-se.

Ótimo. Sadia indignação, sobretudo porque se está espalhando, porque alastra por muitos milhares de leitores. Porque, vencendo um receio de ridículo, face ao "pensamento único", se atreve a falar de vergonha e de medo. A vergonha de haver desemprego e de se estar desempregado, o medo do futuro. Que caracterizam o tempo que vivemos tantos de nós, em que tantos

cer seria a de se ser lucrativo, de se inserir numa lógica de lucro. Seria esta a única forma de termos o direito a estar vivos porque a única forma de o merecermos. O que vale para as empresas e sectores produtivos, a partir de critérios de competitividade "à la Maastricht", e para os homens.

É sobre os homens que Viviane Forrester escreveu o seu horror... à economia. E esse horror deriva da interpretação de que os homens só são lucrativos - só merecem viver... - se trabalharem, se tiverem emprego, numa sociedade em que se estão a acabar, a destruir os empregos. Ou seja, em que se destroem as condições para que os homens, quase todos os homens, mereçam viver.

Toda a denúncia de como *esta* economia conduz a esta situação e evolução previsível é (para usar palavra muito pertinentemente repetida) lúcida.

Mas *esta* economia, baseada na exploração da força de trabalho, é "única"? Curiosamente, recusando a sua abordagem o "pensamento único", VF trata a economia como se fosse só uma, *esta*, baseada neste tipo de relações de produção. Por isso, tendo estado mesmo à beirinha de detectar o fundo da questão, a contradição maior, passou-lhe ao lado. Porquê?

A nosso ver por duas razões.

## Trabalho e força de trabalho

VF não faz a distinção entre trabalho e força de trabalho. Porque na sua bibliografia não entram determinados autores que, sobre este tema, teriam sido apoios indispensáveis, sem que tal queira dizer argumentos de autoridade.

Aliás, esta distinção é perfeitamente essencial, e Marx e Engels, eles próprios, começaram por não a fazer e só tarde - mas a boas horas - a ela chegaram.

Por isso, a maior parte das vezes que VF escreve sobre trabalho está a escrever sobre força de trabalho e a maneira como esta é utilizada (empregada e não empregada ou desempregada) nas relações particulares de um modo de produção. O capitalista.

Confundir-se trabalho, qualidade humana intrínseca, libertadora, com a mercadoria força de trabalho, e seu emprego nas condições do modo de produção capitalista, leva a que se anatematize o trabalho por aquilo que é a perversa utilização da sua força.

Uma pergunta seria interessante: achará ou não VF que o tempo que dedicou à escrita do seu livro foi ou não tempo de trabalho, e achará ou não que o tempo que se dedica à leitura do seu livro "pode ser", também, tempo de trabalho, sem que, nesses tempos, haja emprego de força de trabalho, no sentido capitalista que é o único que considera?

## Pode o capitalismo sobreviver sem exploração de força de trabalho?

Esta é uma outra questão. Sendo um sistema contraditório, o capitalismo

supera as suas contradições. Ao ler VF fica-se com a ideia de que o "trabalho está a acabar", que tal é inevitável, que toda a evolução da "horível economia" vai no sentido de dispensar o emprego da força de trabalho.

Há aqui dois vícios ou equívocos. Um, muito "europeu" e, ainda mais, "francês". É o de se reflectir como se o mundo acabasse nas fronteiras da Europa e a França fosse o seu umbigo.

O facto de haver tanto desemprego em França, e na União Europeia, e da evolução previsível ser a de agravamento dessa situação, não é paradigma e não quer dizer que não esteja a haver massas de homens e mulheres a acederem ao "mundo do trabalho" e a passarem de fases de pré-capitalismo para uma assalarição - com a sua mercadoria força de trabalho a formar novos "mercados de trabalho" - em condições sociais infra-humanas.

Segundo equívoco será o de se pensar que o capitalismo, essa "horível economia", poderia sobreviver sem o seu alimento essencial que é a mais-valia, criada e apropriada através das relações de produção que o/a caracterizam. Os chamados "exércitos de reserva de mão de obra" - já foram crianças, mulheres, são sempre os desempregados - são, no capitalismo contemporâneo, as massas de trabalhadores recém-assalariados. O que só é possível porque os capitais circulam sem quaisquer peias, técnicas ou sociais. Libertinamente.

## Outra economia... não horrível

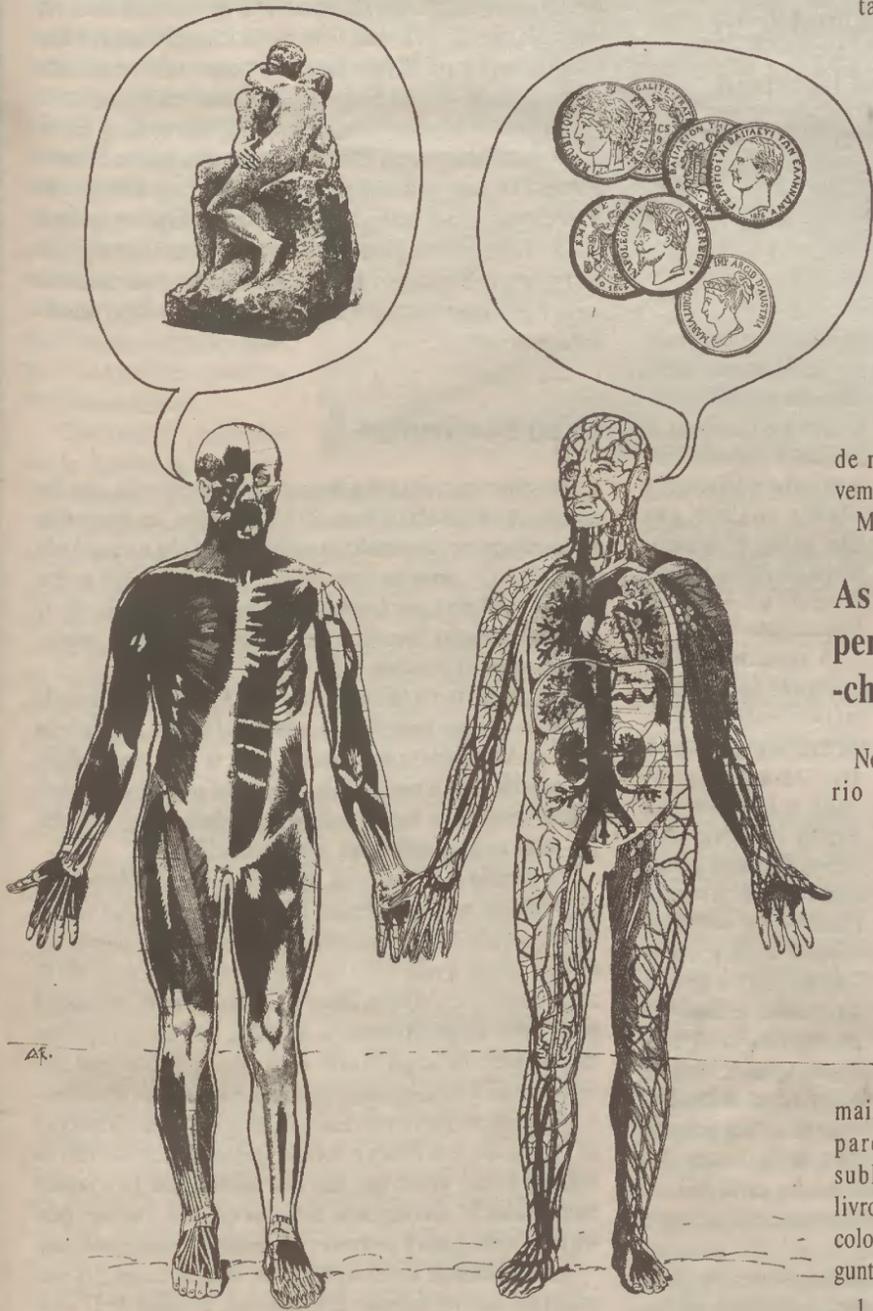
A economia poderá não ser horrível.

Parece-me evidente que sim. Baseada no trabalho e nos seus valores. Não na exploração da força de trabalho e na sua mercadorização.

Mas não é facto que, com a evolução tecnológica, menos trabalho vivo será necessário para se transformar a natureza e ter acesso aos bens e produtos (de todo o tipo) de que o homem necessita, porque há trabalho "morto", cristalizado em instrumentos que do trabalho vivo nasceram, que substitui cada vez mais o trabalho vivo necessário?

Também é evidente que sim. Mas isso só faz com que o homem fique mais livre, menos tenha de dedicar o seu tempo ao trabalho necessário, o possa reduzir, mais tempo ganhe para ler, escrever, pensar, fruir da vida. Organizar o seu tempo de vida menos condicionado pelo tempo em que tem de empregar - ou de vender - a sua força de trabalho para viver, como parte do colectivo. Porque tem o direito de viver sem ter de o merecer vendendo a sua força de trabalho!

O respeit(inh)o é muito bonito, mas os trabalhadores não são explorados por não os respeitarem mas porque criam mais-valia. E só a tomada de consciência de classe e a luta podem libertar-nos dos horrores da economia capitalista.



de nós sobrevivem.

Mas bastará?

## As duas perguntas-chave

Neste comentário - que não é

mais que isso -, parece-me de sublinhar que o livro começa por colocar duas perguntas-chave:

1. Para se ter direito a viver é

preciso "merecer" esse direito?

2. "É 'útil' viver se não se é lucrativo para o lucro?"

Todo o texto se pode considerar como uma resposta, desapontada e indignada, a estas duas questões.

Na sociedade em que vivemos, prova-se que é preciso "merecer" o direito a estar vivo. E a (única) forma de o mere-

No entanto... No entanto, a autora parece esgotar-se nessa denúncia e à brutalidade da situação que tão bem retrata responde com uma evidente falta de perspectiva (de classe, diria eu), tropeça numa quase estranha ausência de cultura ou referências marxistas, foge quanto pode de se comprometer, de "tomar partido", fecha o livro com a aparente audácia de uma palavra bela e justa mas que

Santiago Alvarez

# Em cinema a realidade constrói-se

**C**ronista da Revolução Cubana é uma das definições com que o cineasta Santiago Alvarez se tornou mundialmente famoso, a par de «mestre do documentário» ou «inventor do vídeo clip». Em qualquer dos casos, e ao longo de uma aventureira carreira de repórter-cineasta que o levou a quatro dos cinco continentes, a vasta cinematografia documentarista de Alvarez acabou por se impor como uma referência na cultura deste século, apesar de produzida em Cuba e, por isso mesmo, postergada dentro do mercado filmico mundial por pressão norte-americana. A sua extraordinária reportagem filmando ao vivo o primeiro bombardeamento de Hanói em 1967 é apenas um, entre muitos exemplos, de documentários jornalísticos que abalaram o mundo e os próprios EUA, apesar destes controlarem ferozmente as grandes cadeias de informação e quase todos os circuitos de distribuição cinematográfica.

Graças à Cinemateca Nacional, a obra de Santiago Alvarez chegou finalmente ao nosso País, através de um ciclo que, durante cinco dias, mostrou algumas obras mais impressionantes do autor,

Realizou pessoalmente o impressionante número de 600 noticiários, num total de 1500 edições do *Noticiário ICAIC Latino-Americano*, que igualmente dirigiu.

Realizou 96 filmes e três vídeos de variada duração, integrando fundamentalmente documentários, mas também ficção (*Los Refugiados de la Cueva del Muerto*), filmes de animação, *Los Dragones de Halong*, etc.

A câmara de Santiago Alvarez percorreu as Américas, África, Ásia e Europa e filmou numerosas personalidades internacionais, em muitos casos com registos únicos e sempre numa abordagem original. Entre os seus entrevistados estão nomes como os de Che Guevara, Fidel Castro, Ho Chi Minh, João Goulart, Oscar Niemeyer, Salvador Allende, Samora Machel, Stokeley Carmichael, Vitor Jara, etc.

Considerado, inquestionavelmente, um dos maiores documentaristas da história contemporânea e deste século, Santiago Alvarez testemunhou, filmou e produziu pioneiramente numerosos episódios históricos da segunda metade deste século, onde há a destacar toda a crónica da Revolução Cubana desde 1960, num monumental fresco que chega aos dias

## A neutralidade não existe

O cinema documental de Santiago Alvarez sempre tomou partido, frontalmente e sem tergiversações, afrontando as presunções da chamada escola «neutral» que esconde por trás de uma pretensa «objectividade» da câmara a ideologia inerente a qualquer discurso. Para esses detractores, Alvarez tem uma resposta lapidária: «em cinema, a realidade não se capta, constrói-se». E cada qual constrói a sua, na incontornável subjectividade humana. Só que Alvarez fá-lo assumidamente, afirmando o seu ponto de vista histórico, político, ideológico e social, ao invés de tantos outros que, a coberto duma mítica neutralidade das imagens que captam e montam, compõem igualmente os discursos sobre a realidade que pretendem difundir, sem contudo o admitirem.

Como assinalava o Programa da Cinemateca Portuguesa na sua homenagem, «Alvarez renovou e enriqueceu o difícil domínio da propaganda revolucionária, em alguns dos filmes militantes mais célebres e originais dos anos 60, como *Now* (canto à luta dos negros norte-americanos), *LBJ* (arrasador libelo contra o presidente Lyndon Baines Johnson) ou *79 Primaveras* (homenagem a Ho Chi-Min)». «Sempre como testemunha de lutas políticas, mas também de manifestações artísticas e culturais, como a música e a dança», a obra de Alvarez é a «de um cineasta fecundo e exigente, que elevou o cinema revolucionário à categoria de obra de arte».

Foram precisamente estas três obras que abriram o ciclo, juntamente com *Hanoi Martes 13*, e quem teve oportunidade de as ver saiu deslumbrado. *Now* - uma colagem de animação de seis minutos realizada a partir de fotos tiradas por todo o lado e conduzida por uma canção - é uma denúncia tão eficaz contra o racismo e a repressão sobre os negros nos EUA, que o pequeno filme foi, na época, proibido em vários Estados do Sul do país. Quanto a *Hanoi Martes 13* é, nem mais nem menos, que a reportagem ao vivo do primeiro grande bombardeamento aéreo ordenado pelo presidente Lyndon Johnson sobre Hanói, conseguindo Alvarez o prodígio de contar, sem palavras e em 30 minutos, o que foi a resistência do heróico povo vietnamita e a selvática agressão do imperialismo norte-americano.

## «Vão ao cinema»

Tivemos uma curta conversa com Santiago Alvarez, que nos recebeu na embaixada de Cuba em Lisboa. Falou-nos do seu último documentário, terminado há semanas em Cuba e tratando do drama da SIDA, anunciou-nos o seu próximo projecto, que se chamará «*Os Homens que Conheci*» ao longo duma carreira de 37 anos de jornalismo cinematográfico e, pelo meio, foi-nos respondendo a algumas questões.

«*Gosto de viver a História*», explicou Alvarez, acrescentando que «*não vim por coincidência a Portugal filmar a Revolução do 25 de Abril. Estava em Espanha, onde se vivia uma realidade parecida com a portuguesa, em ambos os países se lutava pela sobrevivência, contra a ditadura, e deslocar-me a Portugal, sobre os acontecimentos, não foi coincidência*».

«*A decisão rotunda, total, dos vietnamitas em derrotar o imperialismo norte-americano*» foi das coisas que mais o impressionou, nas suas andanças pelo mundo como repórter e documentarista e continua a considerar que «em cinema a realidade não se capta, constrói-se». «*Quem disser o contrário mente, pois toda a gente pensa subjectivamente!*», assinalou, com um sorriso irónico. Chamarem-lhe «o pai do vídeo clip» não o incomoda, antes pelo contrário: «*É o reconhecimento de uma realidade de trabalho*».

Convocámos para a conversa a importância da banda sonora e da música nos seus filmes e documentários e a resposta veio da seguinte forma: «*Povo que não tem música, não fará jamais uma revolução. Ao contrário, os povos que têm a música dentro de si, estão aptos a percorrer os caminhos revolucionários*».

«*A necessidade aguça o engenho*», resumiu também, a propósito dos seus mecanismos de criação que, ao longo de 37 anos, se socorreu de quase tudo o que vinha à mão para cumprir a linha dramática proposta. «*O real maravilhoso*» tem lugar cativo no seu trabalho, ao mesmo tempo que considera que o documentário continua a ter um lugar fundamental na comunicação entre os homens. O documentário não está, portanto, ultrapassado: «*Tenta romper com um passado vicioso*», afirma Santiago Alvarez que entende que «*há sempre motivos para a renovação*».

A sua confiança no povo e na Revolução continua inabalável, afirmando que «*a firmeza do povo cubano não nasceu por arte de magia, foi o resultado de um processo erigido de dificuldades*», deixando aos portugueses um conselho: «*Vão ao cinema!*».

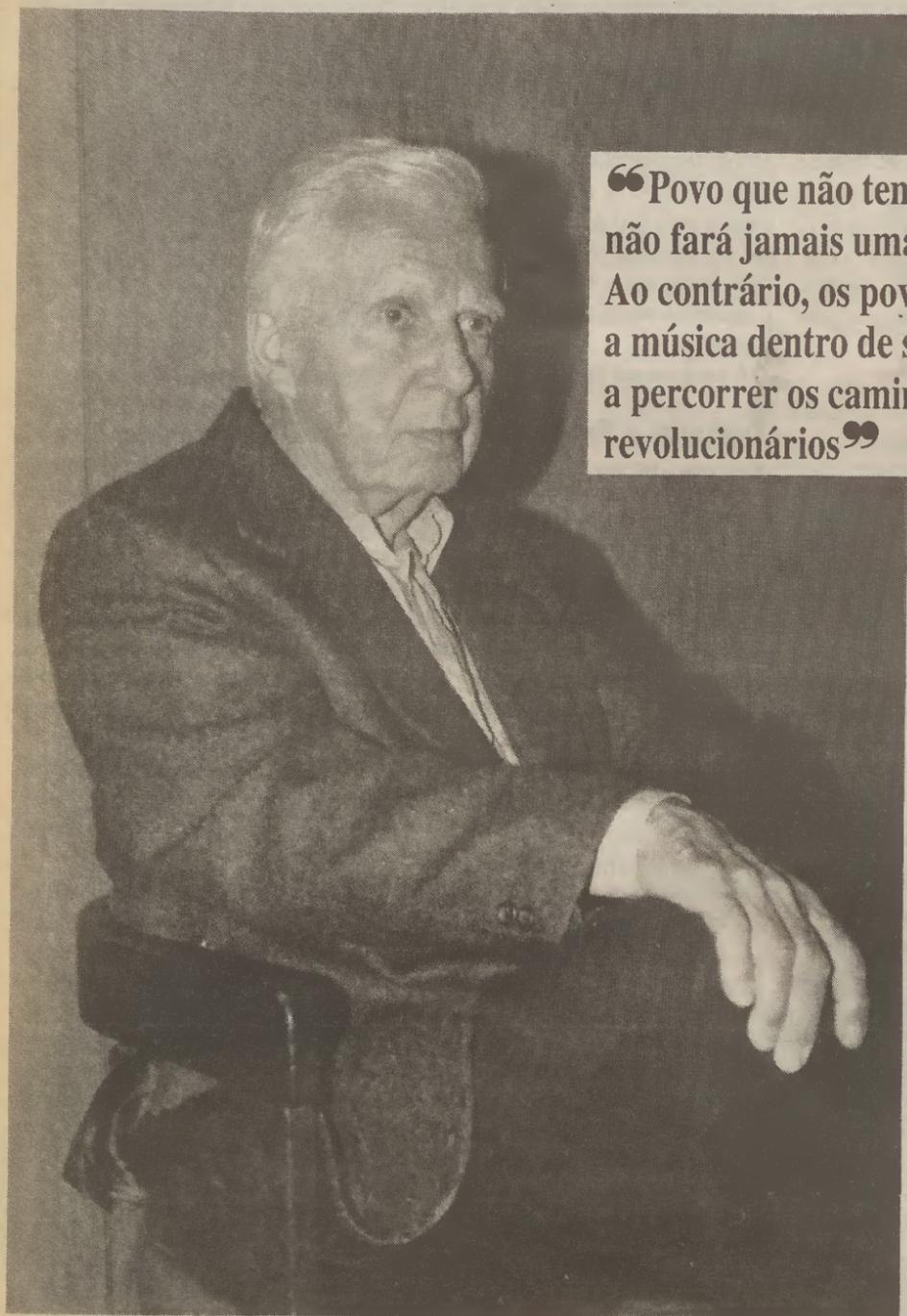
“Povo que não tem música, não fará jamais uma revolução. Ao contrário, os povos que têm a música dentro de si estão aptos a percorrer os caminhos revolucionários”

de hoje, as guerras do imperialismo norte-americano contra o Vietname, o Laos e o Camboja, a ascensão e queda da Frente Popular de Salvador Allende, no Chile, e as lutas tardias de independência em África, nomeadamente em Angola e Moçambique.

A semelhança dos melhores documentaristas deste século, Alvarez é um perito na arte da montagem, onde a imagem e a banda sonora são ambas decisivas para a construção do discurso filmico. No seu livro sobre o artista, Amir Labaki afirma que «a articulação de todos os elementos num discurso coerente, directo e panfletário, realiza-se através de um inventivo e meticuloso traba-

lho de montagem», trabalho onde Alvarez, «a partir de imagens de origem heterogénea, constrói um discurso militante homogéneo».

Aliás, Santiago Alvarez já explicou que «a razão de tanta inventiva é a necessidade». Fustigado por carências materiais e documentais de toda a ordem - fruto do monstruoso bloqueio que os EUA continuam a impor a Cuba - Alvarez cedo se habituou a contornar a falta de meios com a exuberância da criatividade. Daí que a música desempenhe, frequentemente, o papel de guia dramático nos seus trabalhos, a par de uma originalíssima montagem de imagens e planos muitas vezes desligados ou desgarrados entre si e que, graças às prodigiosas montagens de Alvarez, ganham nexos e constroem o discurso pretendido. Foi este estilo, muito pessoal, que granjeou para Santiago Alvarez a fama e o mérito de ter criado a estética e a técnica do *video clip*, hoje usado e abusado no mundo inteiro.



incluindo uma reportagem sobre o 25 de Abril filmada ao vivo e, até agora, incrivelmente inédita no nosso País... O artista esteve entre nós, presidiu à abertura do ciclo e mereceu, finalmente, a atenção dos órgãos de comunicação social portugueses. Resta saber por quanto mais tempo é que a RTP, canal público de televisão, prosseguirá o absurdo de ignorar a obra de um homem que não apenas fez escola, como marcou determinadamente a reportagem cinematográfica e televisiva em todo o mundo.

Meses depois da vitória da Revolução sobre a ditadura de Fulgêncio Baptista, foi criado em 1959 o Instituto Cubano da Arte e da Indústria Cinematográfica (ICAIC). Santiago Alvarez assumiu de imediato a responsabilidade da realização de noticiários e documentários, mantendo-se durante 37 anos consecutivos à frente do ICAIC. É ali que constrói o seu impressionante currículo, trabalhando em Cuba e pelo mundo inteiro. Ainda que resumidamente, salientemos alguns aspectos da sua obra.

■ Eugénio  
Rosa

# Um livro muito verde sobre a Segurança Social

A Comissão do Livro Branco da Segurança Social, nomeada pelo Governo, acabou de tornar público um documento a que chamou «Livro Verde». E pode-se dizer que «a montanha pariu um rato». E isto porque, como provaremos, algumas das principais questões com que se debate a Segurança Social no nosso País não mereceram, por parte da Comissão, ou, pelo menos, por uma grande parte dela, grande atenção.

Mas antes de avançar mais, interessa já chamar a atenção para a falta de consenso que existe a nível da própria Comissão, já que ela cindiu-se em dois grupos, um encabeçado pelo seu presidente, Dr. Correia Campos, e o outro liderado pelo Prof. Boaventura Santos, com pontos de vistas diferentes, para não dizer mesmo antagónicos.

Como se sabe, um dos objectivos mais importantes da Comissão do Livro Branco da Segurança Social, criada pela Resolução do Conselho de Ministros nº 22/96, era estudar as diversas alternativas e apresentar propostas de medidas que garantissem a sustentabilidade financeira futura da Segurança Social. No entanto, pode-se afirmar, sem grande margem de dúvidas, que tal objectivo não foi alcançado. E isto porque questões fundamentais, cuja resolução é vital para garantir a sustentabilidade financeira futura da Segurança Social, ou foram puramente ignoradas, ou então foram tratadas de uma forma ligeira e pouco profunda. Pelo contrário, a Comissão perdeu uma grande parte do seu tempo a estudar e debater questões que interessavam mais às seguradoras e a sociedades pertencentes a grupos económicos. Serve de exemplo a questão do «plafonamento» dos salários.

Como se sabe, os defensores do «lobby» das seguradoras têm procurado apresentar o «plafonamento» dos salários como a medida que resolveria os problemas financeiros da Segurança Social. Em termos simples e facilmente compreensíveis esta medida resume-se no seguinte: os trabalhadores e as empresas em que trabalham no lugar de entregarem a totalidade dos descontos à Segurança Social, como actualmente sucede, passariam a entregar apenas uma parte à Segurança Social, passando a ser obrigados a entregar o resto a companhias de seguros e a empresas gestoras de fundos de pensões. Como consequência, o valor da pensão que os trabalhadores passariam a ter direito a receber da Segurança Social baixaria, ficando a outra parte dependente de uma empresa orientada pela lógica do lucro.

De acordo com os cálculos feitos pelo próprio grupo liderado pelo presidente da Comissão, a implementação de uma proposta daquela natureza determinaria uma redução de encargos para a Segurança Social, num período de 40 anos, de cerca de 471 milhões de contos, a preços actuais, o que significa uma poupança média anual de 11,7 milhões de contos. É evidente que uma poupança de 11,7 milhões de contos num valor total de despesas de 1250 milhões de contos por ano, que é o valor actual, representa uma pequena gota, não resolvendo nada. Para além disso, a sua aplicação determinaria que durante os primeiros 15 anos se verificasse uma redução importante da receita sem se observar qualquer diminuição de encargos. Confrontados com esta conclusão pelo Prof. Ferreira do Amaral, um dos defensores do plafonamento acabou por confessar que o seu objectivo não era a resolução dos problemas financeiros da Segurança Social, mas sim aumentar a eficiência do mercado de trabalho e do mercado de capitais, ou seja, aumentar o mercado para seguradoras e empresas financeiras, portanto objectivos estranhos à Segurança Social. O grupo da Comissão liderado pelo Prof. Boaventura dos Santos opõe-se, e bem, ao plafonamento dos salários.

## Questões importantes ignoradas

Em contraste com a grande atenção que mereceu a questão do plafonamento dos salários, questões vitais para assegurar a sus-

tentabilidade futura da Segurança Social, ou foram pura e simplesmente ignoradas ou mereceram uma reduzida atenção por parte do grupo liderado pelo presidente da Comissão. Alguns exemplos.

No regime geral, a chamada pensão mínima inclui, como se sabe, uma parte importante não contributiva, que é a diferença entre o valor da pensão mínima e o valor que o pensionista receberia se a pensão fosse a estatutária (a calculada com base nas regras que se aplicam aos restantes pensionistas). Esta diferença custou à Segurança Social, só em 1995, cerca de 256 milhões de

contos, e tem sido paga apenas pelo regime que abrange os trabalhadores por conta de outrem. Apesar desta grave injustiça, ela não mereceu qualquer atenção por parte do grupo da Comissão liderado pelo Prof. Correia Campos.

gualdades traduzidas em múltiplas taxas e bases de cálculo, em que a manipulação de carreiras contributivas é prática corrente, em que se desconhecem os custos presentes e futuros de cada um dos sub-regimes, etc. O mínimo que se poderia esperar da Comissão do Livro Branco é que ela estudasse profundamente estes sub-regimes, que clarificasse completamente cada um deles, e que apresentasse propostas concretas para acabar com as injustiças e manipulações que continuam a existir. Serve de exemplo o aumento significativo dos salários dos administradores com idades compreendidas entre os 60 e os 64 anos, que provocou a perplexidade da própria Comissão. No entanto, o grupo da Comissão liderado pelo seu presidente pouca ou quase nenhuma atenção prestou a esta importante questão, não apresentando também qualquer proposta credível neste campo.

Outro problema que enfrenta a Segurança Social, com implicações graves na sua situação financeira, é o aumento contínuo das dívidas das empresas. O seu valor já atingia no fim de 1996 cerca de 400 milhões de contos, sem incluir juros, e esta dívida continua a crescer a uma média avaliada em cerca de 50 milhões de contos por ano. Seria legítimo esperar que a Comissão se debruçasse sobre esta problemática, que a analisasse profundamente, que estudasse a experiência de outros países neste campo, e que apresentasse propostas fundamentadas para a eliminar ou, pelo menos, para pôr cobro ao seu contínuo aumento. Infelizmente, esta questão importante não mereceu a devida atenção por parte da Comissão.



contos, e tem sido paga apenas pelo regime que abrange os trabalhadores por conta de outrem. Apesar desta grave injustiça, ela não mereceu qualquer atenção por parte do grupo da Comissão liderado pelo Prof. Correia Campos.

## Presidente da Comissão propõe perdão de dívidas

Outro grave problema no campo financeiro que enfrenta a Segurança Social é o desvio de importantes meios financeiros pertencentes ao regime geral, ou seja, ao regime que abrange os trabalhadores por conta de outrem, para outros fins, devido ao sistemático incumprimento por parte do Estado de obrigações que estão estabelecidos na própria lei. Efectivamente, com o dinheiro dos descontos do regime geral têm-se pago, ao longo dos anos, as despesas da acção social, a pensão social, o regime especial dos agrícolas, etc., ou seja, tem-se feito assistência, acção social e solidariedade apenas à custa do regime dos trabalhadores por conta de outrem, quando, de acordo com a lei, tal despesa devia ser suportado por toda a sociedade através de impostos. De acordo com o grupo da Comissão liderado pelo seu presidente, a dívida do Estado à Segurança Social resultante desse incumprimento sistemático atinge já 1200 milhões de preços correntes, portanto a preços não actualizados. A proposta do grupo do Dr. Correia Campos é que essa dívida devia ser perdoada ao Estado, porque não seria viável o seu pagamento, em nome de «imperativos de realismo» (?). O grupo da Comissão liderada pelo Prof. Boaventura Santos chega a uma dívida, a preços de 1996, de cerca de 7300 milhões de contos, e propõe que o Estado entregue anualmente os juros correspondentes a essa dívida, que seriam suficientes para garantir durante muitos mais anos a sustentabilidade financeira da Segurança Social.

Como se sabe, outro problema importante que existe a nível do regime geral é o chamado regime dos independentes, que abrange já mais de um milhão de portugueses, com grandes desi-

## Ausência de quaisquer medidas contra a fraude

Tal como acontece a nível de impostos, também em relação aos descontos para a Segurança Social a fraude e a evasão atingem valores extremamente elevados. No próprio relatório da OCDE sobre Portugal referente a 1996 se refere este grave problema. De acordo com estimativas que fizemos, esta fuga custou à Segurança Social, só em 1996, mais de 600 milhões de contos de receitas perdidas. Reduzir esta fuga representaria um importante contributo para garantir a sustentabilidade da Segurança Social. Infelizmente, também esta questão não mereceu qualquer atenção por parte do grupo liderado pelo Dr. Correia Campos.

É sabido que o sistema de contribuições das empresas para a Segurança Social, em que os chamados descontos são calculados com base na massa salarial, mostra-se cada vez mais inadequado. E isto porque a situação actual é muito diferente da que existia há cerca de 50 anos quando o sistema foi criado. Naquela altura as empresas que mais produziam e que mais lucros tinham eram as que empregavam mais trabalhadores. Actualmente, as que têm maiores lucros são as empresas de capital e de conhecimentos intensivos. Para além disso a precarização do trabalho é cada vez maior, e as empresas procuram transferir para os trabalhadores a totalidade dos encargos com a Segurança Social, como acontece com os falsos independentes. Portanto, haveria que estudar profundamente esta nova problemática, e apresentar propostas alternativas de sistemas de contribuições pelas empresas mais consentâneas com a realidade actual, e com as mudanças já previsíveis a curto e médio prazos neste campo. A Prof. Manuela da Silva, numa intervenção que fez aquando da apresentação do «Livro Verde» chamou precisamente a atenção para este ponto fundamental. É portanto com espanto que se constata que ele não mereceu qualquer atenção no chamado «Livro Verde».

Resumindo, é fundamental que no novo «Livro Branco» a sair até ao fim do ano, até para credibilizar a própria Comissão, todas estas lacunas e incongruências mereçam um tratamento diferente e sejam ultrapassadas.

## Cair no ardil

Nas suas crónicas no *Expresso* João Carreira Bom escreve geralmente bem, frequentemente tem graça e uma vez por outra até obsequia os leitores com umas acutilâncias bem farpeadas. Não foi o caso do seu último texto chamado «O ardil». Não que esteja mal escrito ou que o seu autor não se tenha esforçado no difícil território da ironia. Aliás, está lá a receita toda: parágrafos escorritos, entretrecidos a períodos curtos ligados entre si por eficazes repetições retóricas, jogo de

cintura com as aliterações, idem para as denotações, and so on, and so on.

A desgraça está na confusão entre o que diz e o que se presume querer dizer, chegando-se ao fim com a impressão de que Carreira Bom nem disse o que queria, nem queria o que disse.

O que disse - em remate e segundo a técnica do *quod erat demonstrandum* - foi mais ou menos que o PCP está com azar, pois não será ainda desta que o Governo de António Guterres lhe dará uns lugares no Governo.

Começa aqui o grande

# PONTOS CARDEAIS

equivoco: nunca será António Guterres ou quem quer que seja que «dará» ao PCP lugares no Governo. Quando isso acontecer, será o voto popular a fazê-lo, quer isso faça ou não cócegas às charlas de Carreira Bom.

Entretanto, para o demonstrar, o autor embrulha-se numa complicada «montagem paralela» entre comunistas franceses e comunistas portugueses, a quem distingue com a qualidade de participantes

no Governo, para os primeiros, versus a não participação (ou não qualidade?!...) dos segundos, no equivalente Governo português, tudo a desembocar na extraordinária propositura de que, em Portugal, o PCP só está no Governo através dos «ex-comunistas», sendo isso que doerá tanto ao «Dr. Cunhal», que a sua actual táctica consistiria em «negociar» a regionalização a troco de «comunistas sem estigma no Governo central». Valha-nos Deus, Carreira Bom!!! Olhe que isso está mal... Ou caiu nalgum ardil?!

## Surdo I

Segundo o *Expresso*, citando uma carta enviada ao director do *Público* por Sousa Franco, estão explicadas as repetidas ausências do Ministro das Finanças nas reuniões do Conselho de Ministros: **Sousa Fraco falta porque é surdo!** «Já tem havido situações caricatas, no Conselho de Ministros, de colegas que se lhe dirigem, falando alto, sem que ele consiga entender o que está a ser dito», confirmou ao *Expresso* uma «fonte governamental» (ai, as insondáveis «fontes» do *Expresso*), adiantando que «com o feitio que ele tem» se geram «situações embaraçosas e, por vezes, até humilhantes». Nada de precipitações e lembremo-nos do que costuma dizer dos surdos: «Pois, é surdo só para o que lhe convém!». Até prova otorrinolaringologicamente indiscutível (que poderá consistir na capacidade de o ouvido do ministro das Finanças apreender tão longa palavra), nada nos garante que as ausências de Sousa Franco no Conselho de Ministros se expliquem, não por surdez, mas por não querer ouvir o que por lá se diz.

## Surdo II

Todavia não deixa de ser significativo que António Guterres tenha escolhido Sousa



# PONTOS NATURAIS

## A minha terra é assim

Mário Castrius

(Para o dr. João Almeida, candidato da CDU em Ílhavo)

Mistério que um nome encerra!  
Quem o soubera explicar...  
Ílhavo é um terra  
onde a terra sabe a mar.

A infância é uma eterna estrela.  
Ando por Ílhavo, a esmo,  
para me encontrar com ela  
pra me encontrar a mim mesmo.

Do mar, sim, mas não domado,  
olha do alto e de frente.  
Cada ilhavense é um estado  
soberano e independente.

Isto de ser ilhavense  
tem muito que se lhe diga.  
Se quem até o mar vence  
o que há que não consiga?

O mar, com ar de feição,  
ouve-se em Ílhavo. Assim.  
Longe, longe, o coração  
diz-me que chamam por mim.

Em todo o mundo que fosse  
nada há melhor, vejam só,  
do que um prato de arroz doce  
feito pela minha avó.

Aquele gosto da pada...  
A bateira ao vento brando...

Há um tudo em quase-nada  
que a vida em nós vai dexando.

Ílhavo, clara manhã,  
da alma, do pensamento.  
E eu digo arrais Ançã...  
Digo Mário Sacramento...

O moliceiro, senhor  
da Ria, de parte a parte,  
já não é trabalhador  
reformou-se em obra de arte.

Amor que o seu bem socorre  
acuda à Ria, seu bem.  
Quando a Ria morre, morre  
um pouco de nós, também.

Costa Nova é um cristal.  
À luz que as manhãs nos dão  
são os olhos de Portugal  
no olhar de Raul Brandão.

Nossa Senhora do Pranto  
aquele modo de olhar  
toda a lonjura e o espanto  
de quem anda sobre o mar!

Embora vos veio, ó gente!  
Com este verso asseguro  
que vence apenas quem sente  
para que lado é o futuro.



Franco para ficar a substituí-lo interinamente à frente do Executivo, durante estas suas viagens pela América Latina. Como Guterres levou praticamente todo o Governo consigo, nada melhor que um surdo para falar com 12 ausentes...

## Surdo III

Mas não se pense que apenas Sousa Franco brinda o Governo a que pertence com a sua surdez, há quem lhe responda com a mesma moeda. Veja-se o caso do Secretário de Estado da Indústria e Energia, José Penedo. Primeiro, recusou assinar uma portaria que aumentaria a gasolina, gesto que obrigou o ministro da Economia, Augusto Mateus, a congelar o aumento, contra a vontade do ministro Sousa Franco. Agora Penedo volta ao ataque: escolhendo precisamente o período em que Sousa Franco está a desempenhar o cargo de Primeiro-Ministro substituto, vem contrariar a intenção do Ministro das Finanças em aumentar o imposto sobre os produtos petrolíferos (ISP) servindo-se, nem mais nem menos, de uma citação de

Sousa Franco. «O ministro das Finanças», recordou o Secretário de Estado, «defendeu há dias a harmonização fiscal comunitária, o que, no plano dos combustíveis, significa desagrarar o ISP». Será que Sousa Franco ouviu?

## Gémeos

«A condição de "gémeos" partilhada por PS e PSD no apoio à meta da moeda única e da União Europeia esbate, irremediavelmente, as velhas diferenças. A imagem televisiva do papel com curvas ascendentes e descendentes nas mãos do Primeiro-Ministro é disso um testemunho. «De um lado e do outro - PS e PSD -, as tentativas de estabelecer linhas de diferenciação não param, num esforço de cada um dos partidos para reforçar a sua identidade própria. Mas os resultados acabam por esbarrar muito mais em questões de estilo do que propriamente no conteúdo das políticas concretas». Quem diz isto, preto no branco, não somos nós. É um órgão de Comunicação Social tão insuspeito como o *Expresso*...



## AGENDA

## CDU apresenta candidatos

### RIO DE MOURO

Jantar de apresentação da candidatura de Maria Alice à presidência da freguesia: dia 25 às 20 horas, no restaurante

«Casal da Serra»,

(Av. Gago Coutinho, 70,

junto à Estação da CP)

com a participação

de **Lino Paulo** e de **Álvaro Cunhal**



## JUVENTUDE CDU do DISTRITO DO PORTO

### SARDINHADA NO PASSEIO ALEGRE

(Jardim do Passeio Alegre / Foz)

com a apresentação dos candidatos

da Juventude CDU no distrito

Sábado, 26, a partir das 19h30

Durante a tarde:

Jornada de propaganda da Juventude CDU

em GAIA, MATOSINHOS e PORTO

(concentrações às 15h nos CTs do PCP respectivos)

### BELMONTE

Apresentação pública de candidatura da CDU à CM e AM: no Acampamento da Juventude CDU que decorre na Quinta do Rio de Belmonte (Estrada da Quinta das Pereiras), sábado, dia 26, às 21h.

### MATOSINHOS

Apresentação pública das candidaturas da CDU às freguesias de Custóias, Leça do Balio, S. Mamede de Infesta, Sra. da Hora: dia 25 às 21h30, na Esc. Secundária do Padrão da Légua, com a participação de José Cavalheiro, candidato à Presidência da CM de Matosinhos, e de Serafim Brás.

### MIRANDA DO CORVO

Apresentação pública dos cabeças de listas à CM e AM: jantar no Restaurante «O Caniço»,

dia 26 às 20, com a presença de Sérgio Teixeira.

### SETÚBAL

Apresentação pública da candidatura de Hélio Bexiga, do Conselho Nacional da ID, à presidência da JF de S. Julião: quinta-feira, dia 24, às 18h, no Amadeus Park (Parque do Bonfim), com a participação de Rúben de Carvalho.

### SOURE

Apresentação dos primeiros candidatos da CDU a órgãos autárquicos do concelho (CM, Assembleia Municipal e Freguesia de Soure), com a presença de Sérgio Teixeira: dia 26 às 18h.

## Outras iniciativas

NOVO ESPAÇO CDU EM AMARES - Abre sexta-feira às 21h30, numa sala do 1º Andar do edifício dos Bombeiros Voluntários

«A FUGA» EM SANTA MARIA DA FEIRA - Exibição do filme de Luís Filipe Rocha, com a presença do camarada Dias Lourenço: sábado, 26, às 22h, no novo Espaço CDU (edifício do CT do PCP)

ALMOÇO DE TRABALHO EM MIRA - Sobre as eleições autárquicas, aberto a activistas e apoiantes da CDU: no Café Astro, em Videira Sul, domingo às 12h30 (Inscrições para o almoço junto de Angelino Veríssimo, tel. 471173, António Veríssimo, tel. 0931663458, Carlos Páscoa, tel. 472027, entre outros).

ALMOÇO-FESTA EM SANTIAGO DO CACÉM - nas Relvas Verdes, com jogos populares, espectáculo com Maria Alice, baile com Teresa e Luís Candeias: dia 26

CONVÍVIO EM SANTA MARINHA DO ZÊZERE - No Coreto da Música, com baile, dia 2 de Agosto. Estarão presentes os candidatos da CDU à CM e AM de Baião, Manuela Pereira e Manuel Vilas Boas, respectivamente, e os candidatos às freguesias do concelho.

CONVÍVIO EM TIRES - Jantar no Terraço do CT do PCP, dia 26 às 20h, com a presença dos candidatos Carlos Rabaçal, Vítor Silva, Maria Clementina Henriques. A partir das 22h, música para dançar (marcações: CT do PCP, tel. 4442253)

DEBATE EM VALONGO - Sob o tema «A Cultura», promovido pela Juventude CDU/Valongo com a presença da candidata à CM, Eduarda Ferreira: dia 24 às 21h, na Junta de Freguesia.

## Jornadas de trabalho do concelho de ALMADA

Da célula da LISNAVE, com sardinhada - Sábado

Da freguesia do LARANJEIRO - Domingo  
Jornada de trabalho do concelho de SINTRA

Domingo, 27

com transporte em autocarro

Mem Martins (CT) - 8h - Mercês (BP) - 8h05 - Rio de Mouro (CT) - 8h10 - Aqualva-Cacém (CT) - 8h20 - Idanha (Cafés/Nova Rede) - 8h30 - Queluz (4 Caminhos) - 8h40 - Regresso: às 18h

## CARLOS CARVALHAS

Secretário-Geral do PCP

### ● nas Festas de LOURES

HOJE, quinta-feira - Visita ao recinto a partir das 19h45, jantar no local, no Restaurante «Arraial Saloio», às 20h, seguindo-se visita aos pavilhões, acompanhado pelo presidente da Câmara e vereadores

### ● na AMADORA

SÁBADO, dia 26 - Visita ao Jardim Delfim Guimarães, agora renovado, às 10h30, e ao Eco Espaço, no Parque Central da Amadora, a partir das 11h30

### ● em SESIMBRA e SETÚBAL

DOMINGO, dia 27

Em SESIMBRA, visita à Loja de Campanha da Cooperativa «Direito ao Trabalho» (Largo do Calvário, em Sesimbra), às 12h, e almoço CDU às 13h, a bordo do «Vara Pesca» (saída do Porto de Abrigo), para apresentação de propostas e candidatos à autarquia.

Em SETÚBAL, jantar de apoiantes da CDU com a presença de candidatos e a apresentação do cabeça de lista à Câmara de Setúbal, Rúben de Carvalho: às 20h no Restaurante «O Horácio» (Largo da Fonte Nova), seguindo-se visita à Feira de Santiago.

### LOURES

Festas do Concelho

Pavilhão da CDU - Banca da Juventude CDU

Vídeos, música ambiente, bar

Junto ao Jardim de Loures, de 18 a 27 de Julho

### III ACAMPAMENTO PELA ESQUERDA

- Acampamento da Juventude CDU em Belmonte -

Dias 25, 26 e 27 de Julho, na Quinta do Rio

(Informações: CTs do PCP em Castelo Branco - Tel. (075) 25031)

### GRANDE CONVÍVIO NO DOURO

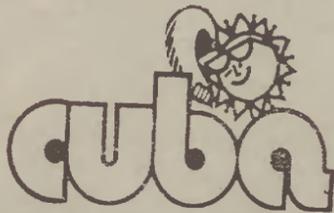
- 15, 16 e 17 de Agosto -

promovido pela Organização da Penha de França do PCP

De Lisboa a Mesão Frio e Vila Nova de Foz Côa

Figueira de Castelo Rodrigo - Cruzeiro no Douro

(Informações: CTs da Zona Oriental de Lisboa)



Associação de Amizade  
Portugal-Cuba

As melhores viagens VERÃO 97

7 noites em Havana; 7 noites em Varadero

Visita à cidade de Havana - Excursão de um dia a Pinar del Rio

Visitas de natureza social

Para informações e reservas: Tel. / Fax 385 73 05

ALMOÇO  
CONVÍVIO  
DA CÉLULA  
DO PCP  
DO ARSENAL  
DO ALFEITE

Domingo, 27, às 13 h.

no CT do PCP

da Costa da Caparica,

com a presença

de Jerónimo de Sousa



TELEVISÃO

Quinta, 24

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
09.00 Notícias
09.10 Infantil
10.05 António Alves, Taxista
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Esporas de Aço
14.25 A Louca Academia de Ski
15.30 Alondra
17.00 Notícias
17.15 Carmen
18.00 100% Natural
19.00 Pais Pais
19.40 Pais Regiões
20.00 Telejornal
20.50 Filhos do Vento
22.00 Concurso 1, 2, 3
00.05 TV Verdade
00.40 24 Horas
01.25 Magacine
02.00 Ciclismo - Volta a França
02.40 No Calor da Noite

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.50 Volta a França em Bicicleta
16.30 Poder e Traição
17.25 Agente Secreto
18.15 Aventuras do Séc. XX
18.40 Um, Dó, Li, Tá
19.50 Infantil
20.20 Euronews
21.00 Acontece
21.15 Remate
21.25 Amigos por Acaso
22.00 Jornal 2
22.35 Jardins de Pedra
23.00 O Último Governador

SIC

09.10 Buérré
11.30 Receitas do Dia
11.55 Tocaia Grande
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Walker
15.45 Buérré
18.00 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.55 Malucos do Riso
21.20 A Indomada
22.30 Paródia Nacional
24.00 Último Jornal
00.25 O Cliente
01.45 Vibrações

TVI

10.05 Animação
11.40 Esquadrão Classe A
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Laços de Amor
14.50 Dama de Rosa
15.45 Éramos Seis
16.30 O Barco do Amor
17.30 Esquadrão Classe A
18.30 Doutores e Engenheiros
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 Morto à Chegada
23.00 VR5 - Realidade Virtual
24.00 Júlia Tem Dois Amores
25.00 FX: Efeitos Mortais
26.00 VR5 - Realidade Virtual
27.00 Júlia Tem Dois Amores
28.00 FX: Efeitos Mortais
29.00 VR5 - Realidade Virtual
30.00 Júlia Tem Dois Amores

01.05 A Balada de Hill Street

Sexta, 25

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
09.00 Notícias
09.10 Infantil
10.05 António Alves, Taxista
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Olho Clínico
14.25 A Louca Academia de Ski
15.30 Alondra
17.00 Notícias
17.15 Carmen
18.00 100% Natural
19.00 Pais Pais
19.40 Pais Regiões
20.00 Telejornal
20.50 Filhos do Vento
21.45 TV Verdade
22.20 Jogos Sem Fronteiras
24.00 24 Horas
00.50 Volta a França em Bicicleta
01.05 Perigo Virtual
01.45 Perigo Virtual
02.40 No Calor da Noite

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.50 Volta a França em Bicicleta
16.30 Poder e Traição
17.25 O Santo
18.15 Aventuras do Séc. XX
18.40 Um, Dó, Li, Tá
19.50 Infantil
20.20 Euronews
21.00 Acontece
21.15 Remate
21.25 Carolina na Cidade
22.00 Jornal 2
22.30 A Colina dos Heróis
23.00 O Último Governador

SIC

09.10 Buérré
11.30 Receitas do Dia
11.55 Tocaia Grande
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Walker
15.45 Buérré
18.00 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.55 Malucos do Riso
21.20 A Indomada
22.30 Paródia Nacional
24.00 Último Jornal
00.25 O Cliente
01.45 Vibrações

TVI

10.05 Animação
11.40 Esquadrão Classe A
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Laços de Amor
14.50 Dama de Rosa
15.45 Éramos Seis
16.30 O Barco do Amor
17.30 Esquadrão Classe A
18.30 Doutores e Engenheiros
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 Morto à Chegada
23.00 VR5 - Realidade Virtual
24.00 Júlia Tem Dois Amores
25.00 FX: Efeitos Mortais
26.00 VR5 - Realidade Virtual
27.00 Júlia Tem Dois Amores
28.00 FX: Efeitos Mortais
29.00 VR5 - Realidade Virtual
30.00 Júlia Tem Dois Amores

Sábado, 26

RTP 1

08.00 Sempre a Abrir
11.50 Confissões de Adolescentes
12.30 Automobiliço
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Top +
14.45 Alta Voltagem
15.20 Amores e Rebelião
16.15 86-60-86
16.55 Companhia dos Animais
17.45 Super Bébés
18.20 Jet 7
18.55 Futebol: S. Liège-Benfica
20.50 Telejornal
21.45 Isto Só Video
22.20 Há Horas Felizes
23.35 Herman Enciclopédia
00.30 Segredos da Escuridão
01.25 24 Horas
02.20 Curso para Cavalheiros
03.00 Segredos da Escuridão

RTP 2

09.00 Universidade Aberta
12.05 Vida por Vida
12.15 Maravilhas do Mundo Mor
13.10 Segredos das Florestas Tropicais
13.30 Dinheiro Vivo
14.00 Desporto 2
18.00 Sinais do Tempo
19.00 Tournée
20.00 Foyer: «Lendas de Hollywood»
21.00 Semana ao Sábado
22.00 Onda Curta
23.20 Onda Curta
24.00 Onda Curta
25.00 Onda Curta
26.00 Onda Curta
27.00 Onda Curta
28.00 Onda Curta
29.00 Onda Curta
30.00 Onda Curta

SIC

08.00 Buérré
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Dragon Ball Z
14.50 A Sentinela
16.00 Walker
17.00 Salvem-me
18.00 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.55 Malucos do Riso
21.20 A Indomada
22.30 Paródia Nacional
24.00 Último Jornal
00.25 O Cliente
01.45 Vibrações

TVI

08.30 Animação
11.00 Vamos ao Circo
12.40 Caloiros
13.00 Notícias
13.25 Contra-Ataque
14.30 Lâmina de Gelo
15.45 Éramos Seis
16.30 O Barco do Amor
17.30 Esquadrão Classe A
18.30 Doutores e Engenheiros
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 Morto à Chegada
23.00 VR5 - Realidade Virtual
24.00 Júlia Tem Dois Amores
25.00 FX: Efeitos Mortais
26.00 VR5 - Realidade Virtual
27.00 Júlia Tem Dois Amores
28.00 FX: Efeitos Mortais
29.00 VR5 - Realidade Virtual
30.00 Júlia Tem Dois Amores

Domingo, 27

RTP 1

08.00 Sempre a Abrir
11.10 Sem Limites
11.45 Confissões de Adolescentes
12.30 Jornal da Tarde
12.55 Fórmula 1 - GP da Alemanha
15.00 Made in Portugal
16.10 O Caminho das Estrelas
17.10 Corrina, Corrina
18.00 O Professor Distráido
19.00 Pais Pais
19.40 Pais Regiões
20.00 Telejornal
20.45 Contra-Infomção
21.05 Casa de Artistas
22.25 Filhos do Vento
23.20 O Polvo VII
01.05 24 Horas
01.45 Desporto - Volta a França
02.00 Polícia em Acção

RTP 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
11.20 Os Hapsburgos
12.20 Máquinas
12.40 Em Busca de Vestígios Esquecidos
13.30 Jornal d' África
14.05 Desporto 2
18.00 Agosto
20.00 Foyer: «Lendas de Hollywood»
21.00 Semana ao Sábado
22.00 Onda Curta
23.20 Onda Curta
24.00 Onda Curta
25.00 Onda Curta
26.00 Onda Curta
27.00 Onda Curta
28.00 Onda Curta
29.00 Onda Curta
30.00 Onda Curta

SIC

08.30 Buérré
11.55 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Dragon Ball Z
14.40 Xena, a Princesa Guerreira
16.00 Cidade Escaldante
17.00 007, Operação Goldfinger
18.00 O Amor Está no Ar
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.55 Malucos do Riso
21.20 A Indomada
22.30 Paródia Nacional
24.00 Último Jornal
00.25 O Cliente
01.45 Vibrações

TVI

08.30 Animação
09.50 Vamos ao Circo
11.10 Missa
12.30 Portugal Português
13.30 Notícias
13.50 O Detective das Mil Caras
14.50 Cousteau - As Novas Descobertas
15.50 O Homem Aranha, a Clonagem e o Acompanhante para o Perigo
16.50 O Homem Aranha, a Clonagem e o Acompanhante para o Perigo
17.50 O Homem Aranha, a Clonagem e o Acompanhante para o Perigo
18.50 O Homem Aranha, a Clonagem e o Acompanhante para o Perigo
19.50 O Homem Aranha, a Clonagem e o Acompanhante para o Perigo
20.50 O Homem Aranha, a Clonagem e o Acompanhante para o Perigo

Segunda, 28

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
09.00 Notícias
09.10 Infantil
10.05 António Alves, Taxista
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 O Professor Distráido
14.25 A Louca Academia de Ski
15.30 Alondra
17.00 Notícias
17.15 Carmen
18.00 100% Natural
19.00 Pais Pais
19.40 Pais Regiões
20.00 Telejornal
20.50 Filhos do Vento
21.45 TV Verdade
22.20 Antenas no Ar
23.50 24 Horas
00.35 Entre o Amor e a Honra
01.15 As Mil Luzes de Nova Iorque

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.50 Ciclismo - Volta a França
16.35 Poder e Traição
17.30 O Santo
18.20 Aventuras do Séc. XX
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.50 Infantil
20.20 Euronews
21.00 Acontece
21.15 Remate
21.25 Murphy Brown
22.00 Jornal 2
22.30 O Destino Bate à Porta
23.00 O Destino Bate à Porta
24.00 O Destino Bate à Porta
25.00 O Destino Bate à Porta
26.00 O Destino Bate à Porta
27.00 O Destino Bate à Porta
28.00 O Destino Bate à Porta
29.00 O Destino Bate à Porta
30.00 O Destino Bate à Porta

SIC

09.10 Buérré
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Walker
15.45 Buérré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.55 Malucos do Riso
21.20 A Indomada
22.30 Paródia Nacional
24.00 Último Jornal
00.25 O Cliente
01.45 Vibrações

TVI

10.05 Animação
11.40 Esquadrão Classe A
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Dama de Rosa
15.25 Éramos Seis
16.05 O Barco do Amor
17.00 Esquadrão Classe A
18.00 Futebol de Praia (II Mundialito)
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 Sexo e Crime
23.00 VR5 - Realidade Virtual
24.00 Júlia Tem Dois Amores
25.00 FX: Efeitos Mortais
26.00 VR5 - Realidade Virtual
27.00 Júlia Tem Dois Amores
28.00 FX: Efeitos Mortais
29.00 VR5 - Realidade Virtual
30.00 Júlia Tem Dois Amores

«Tartufo», o clássico de Molière, encenado e interpretado por Gerard Depardieu: domingo à noite na RTP2

Terça, 29

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
09.00 Notícias
09.10 Infantil
10.05 António Alves, Taxista
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Um Cowboy na Água
14.25 A Louca Academia de Ski
15.30 Alondra
17.00 Notícias
17.15 Carmen
18.00 100% Natural
19.00 Pais Pais
19.40 Pais Regiões
20.00 Telejornal
20.50 Filhos do Vento
21.45 TV Verdade
22.20 Antenas no Ar
23.50 24 Horas
00.35 Entre o Amor e a Honra
01.15 As Mil Luzes de Nova Iorque

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.45 Ellen II
16.35 Poder e Traição
17.30 O Santo
18.20 Aventuras do Séc. XX
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.50 Infantil
20.00 Rotações
21.00 Acontece
21.15 Remate
21.25 A Grande Barraca
22.00 Jornal 2
22.30 O Destino Bate à Porta
23.00 O Destino Bate à Porta
24.00 O Destino Bate à Porta
25.00 O Destino Bate à Porta
26.00 O Destino Bate à Porta
27.00 O Destino Bate à Porta
28.00 O Destino Bate à Porta
29.00 O Destino Bate à Porta
30.00 O Destino Bate à Porta

SIC

09.10 Buérré
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Walker
15.45 Buérré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.55 Malucos do Riso
21.20 A Indomada
22.30 Paródia Nacional
24.00 Último Jornal
00.25 O Cliente
01.45 Vibrações

TVI

10.05 Animação
11.40 Esquadrão Classe A
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Dama de Rosa
15.25 Éramos Seis
16.05 O Barco do Amor
17.00 Esquadrão Classe A
18.00 Futebol de Praia (II Mundialito)
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 Sexo e Crime
23.00 VR5 - Realidade Virtual
24.00 Júlia Tem Dois Amores
25.00 FX: Efeitos Mortais
26.00 VR5 - Realidade Virtual
27.00 Júlia Tem Dois Amores
28.00 FX: Efeitos Mortais
29.00 VR5 - Realidade Virtual
30.00 Júlia Tem Dois Amores

01.15 A Balada de Hill Street

Quarta, 30

RTP 1

08.00 Um, Dó, Li, Tá
09.00 Notícias
09.10 Infantil
10.05 António Alves, Taxista
11.00 Praça da Alegria
11.30 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Os Deuses Devem Estar Loucos na China
14.25 A Louca Academia de Ski
15.30 Alondra
17.00 Notícias
17.15 Carmen
18.00 100% Natural
19.00 Pais Pais
19.30 Vamos Jogar no Totobola
19.40 Pais Regiões
20.00 Telejornal
20.50 Filhos do Vento
21.45 TV Verdade
22.20 Antenas no Ar
23.50 24 Horas
00.35 Entre o Amor e a Honra
01.15 As Mil Luzes de Nova Iorque

RTP 2

15.00 Informação Gestual
15.45 Ellen II
16.35 Poder e Traição
17.30 O Santo
18.20 Aventuras do Séc. XX
18.45 Um, Dó, Li, Tá
19.50 Infantil
20.00 Rotações
21.00 Acontece
21.15 Remate
21.25 A Grande Barraca
22.00 Jornal 2
22.30 O Destino Bate à Porta
23.00 O Destino Bate à Porta
24.00 O Destino Bate à Porta
25.00 O Destino Bate à Porta
26.00 O Destino Bate à Porta
27.00 O Destino Bate à Porta
28.00 O Destino Bate à Porta
29.00 O Destino Bate à Porta
30.00 O Destino Bate à Porta

SIC

09.10 Buérré
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Tocaia Grande
12.30 Imagens Reais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 O Juiz Decide
14.40 Walker
15.45 Buérré
17.30 Mulheres de Areia
19.00 O Amor Está no Ar
20.00 Jornal da Noite
20.55 Malucos do Riso
21.20 A Indomada
22.30 Paródia Nacional
24.00 Último Jornal
00.25 O Cliente
01.45 Vibrações

TVI

10.05 Animação
11.40 Esquadrão Classe A
12.40 Cassandra
13.30 TVI Jornal
14.20 Dama de Rosa
15.25 Éramos Seis
16.05 O Barco do Amor
17.00 Esquadrão Classe A
18.00 Futebol de Praia (II Mundialito)
20.00 Xica da Silva
21.00 TVI Jornal
22.00 Sexo e Crime
23.00 VR5 - Realidade Virtual
24.00 Júlia Tem Dois Amores
25.00 FX: Efeitos Mortais
26.00 VR5 - Realidade Virtual
27.00 Júlia Tem Dois Amores
28.00 FX: Efeitos Mortais
29.00 VR5 - Realidade Virtual
30.00 Júlia Tem Dois Amores

NOTA: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.



«Lendas de Hollywood» regressa à RTP2 - esta semana com Burt Lancaster (na foto, contracenando com Ava Gardner)



Jacques Cousteau voltou à TVI: aos domingos



«Cidade Escaldante», uma das séries de domingo na SIC

## TELEVISÃO

## Por isto e por aquilo...

**Esporas de Aço** (Quinta, 13.45, RTP1)

Cineasta clássico, por excelência, **Anthony Mann** ficou na História do Cinema como um dos maiores cultivadores do *western*, embora anteriormente tenha percorrido os vários caminhos da profissionalização com notável passagem pelo teatro, em que foi decorador, actor e encenador. Mas, sobretudo na realização, ele soube tocar com o seu talento quase todos os géneros. O filme *Esporas de Aço*, o qual, mesmo em reposição, não merece tal horário, é geralmente considerado como o mais perfeito *western* que **Mann** jamais realizou, tirando partido (como era seu apanágio) dos cenários naturais das Montanhas Rochosas (espantosamente fotografadas por **William Mellor**) e da poderosa intriga que envolve um grupo de personagens extremamente interessantes do ponto de vista da caracterização psicológica, evoluindo (cada qual partindo de «justificações» diversas mas «unidas» por um objectivo comum) em torno de um fora-da-lei. Com brilhantes interpretações de **Janet Leigh**, **Robert Ryan** ou **James Stewart** (num invulgar papel de «implacável»), um filme a não perder.

**Jardins de Pedra**

(Quinta, 22.35, RTP2)

Este filme de **Francis Ford Coppola** dividiu, justamente, os seus admiradores: o problema estava em saber se se tratava de um filme militarista ou anti-militarista. O argumento e muitos dos diálogos dele extraídos deixam, aliás, lugar às maiores dúvidas. No Cemitério Nacional de

Arlington, uma companhia cumpre regularmente um solene ritual, o de formar a guarda de honra no enterro de soldados mortos na guerra do Vietname. E se podem detectar-se, no sublinhar «patriótico» dessas paradas, alguns dos traços mais conservadores de um **John Ford**, por exemplo, o contraponto achado por **Coppola** (em jeito de álibi?) reside nas interrogações do sargento **Hazard** (**James Caan**) quanto à utilidade e justiça do sacrifício a que aquela guerra de agressão obrigou tantos e tantos milhares de jovens americanos. No meio das contraditórias emoções que o filme desperta, cabe em última análise ao espectador tirar as suas próprias conclusões.

**JFK** (Sábado, 02.00, SIC)

Pautando em geral a sua carreira cinematográfica pela denúncia dos aspectos mais nefastos e contestáveis da sociedade americana - para tal não recuando perante alguma demagogia - **Oliver Stone** debruça-se neste filme sobre um tema delicadíssimo: o assassinato do presidente **John F. Kennedy**. Nele é focado, sobretudo, o percurso do procurador **Garrison** (**Kevin Costner**) na investigação do papel que os *lobbies* militar e financeiro norte-americanos (e a própria *CIA* ao seu serviço) terão desempenhado nesta tragédia da História dos EUA, coisa que hoje em dia não espanta ninguém. O principal problema, em termos de deontologia, está no tratamento que o realizador dá ao material filmico (quer o que ele enuncia ficcionalmente quer aquele que é intercalado por montagem nos «documentos de arquivo» filmados a partir da realidade), usando para tal processos cinematográficos para alguns polémicos e especulativos e que acabam por condicionar toda a construção do filme. Como já aqui dissemos a propósito de outras transmissões anteriores do filme, nos vários canais, trata-se de uma obra cinematográfica a observar ao *rallenti* e, se possível, com mira telescópica...

**Corrina, Corrina** (Domingo, 17.10, RTP1)

Após o falecimento da sua mãe, uma miúda de oito anos remete-se a um silêncio completo e encerra-se no seu mundo privado, até que o seu

pai contrata uma acompanhante que consegue fazer evoluir a situação lentamente até que a criança recupera as suas faculdades de falar e de conviver com os outros. Como se vê, trata-se de um filme em tom melodramático no qual **Jessie Nelson**, a sua reali-



**James Bond** regressa com «*Goldfinger*», na interpretação de **Sean Connery**



Uma cena de «*JFK*», filme de **Oliver Stone**

zadora (e também argumentista), consegue reforçar a tónica anti-racista (a governanta é negra) e cuja qualidade é reforçada pelas boas interpretações de **Whoopi Goldberg**, **Ray Liotta** e **Joan Cusack**.

**Agosto**

(Domingo, 18.00, RTP2)

Co-produção luso-francesa, *Agosto* é a terceira longa-metragem de **Jorge Silva Melo** e debruça-se, de forma poética,

média sub-urbana do Sul da Califórnia mas fruto da ficção que o realizador foi encontrar em pequenas histórias originais de **Raymond Carver**. Quer a crítica cinematográfica quer os admiradores do escritor parece terem ficado desconfortados com o filme, seja pelo retrato das personagens em geral ser demasiado frio seja porque essa frieza resulta, do amontoar das histórias que elas protagonizam. Os visionamentos posteriores do filme vieram confirmar estas reservas.

**O Professor Distraído** (Segunda, 13.45, RTP1)

Comédia ligeira, ao jeito dos estúdios **Disney**, *O Professor Distraído* é **Fred MacMurray**, o qual inventa uma substância especial com propriedades muito particulares. Ninguém acredita nele a não ser um fulano (interpretado por **Keenan Wynn**) que tenta furta-lhe o invento. Para a época, a qualidade dos «efeitos especiais» é de realçar. A preto e branco, isto se a *RTP* não tiver optado pela versão «colorizada» por computador.

**Blonde Bombshell**

(Segunda, 22.35, RTP2)

Comédia satírica à maneira dos anos 30, este filme protagonizado por **Jean Harlow** debruça-se sobre a história de uma estrela de cinema, loira e um bocadinho estúpida, como convém... Bastante desinibida para a época (um pouco anterior, como bem recordam as referências, à campanha de «moralização» dos estúdios de Hollywood), esta comédia conta ainda com duas brilhantes participações: a de **Lee Tracy**, no papel do agente da loira vedeta, e a de um inabitual **Franchot Tone** que lhe arrasta a asa...

**O Destino Bate à Porta**

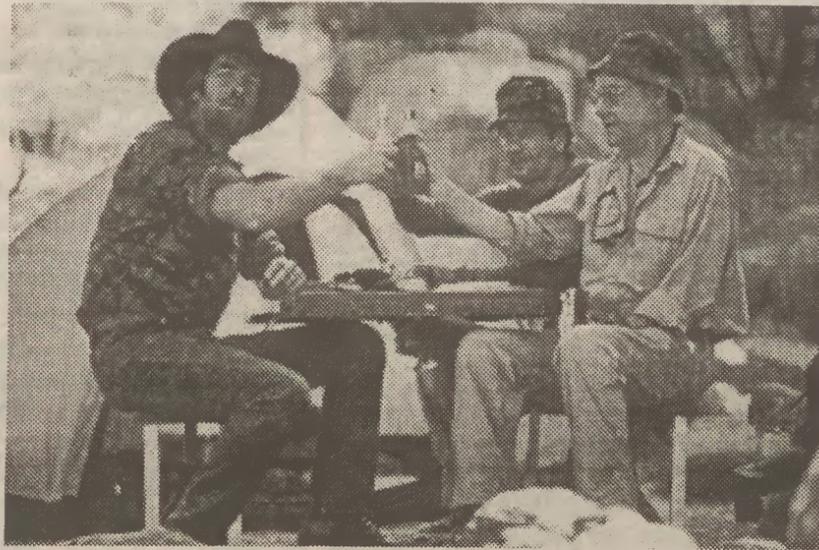
(Terça, 22.35, RTP2)

Quem apenas conhece, do pequeno *écran*, a segunda, mais divulgada (e dispensável) adaptação deste romance «sensacionalista» de **James M. Cain** - realizada por **Bob Rafelson**, com **Jessica Lange** e **Jack Nicholson** nos principais papéis - não deve agora perder a oportunidade de apreciar a primeira e inesquecível versão cinematográfica - datada de 1946 e realizada por **Tay Garnett**, com o inquietante **John Garfield** e a espantosa **Lana Turner** - desta chocante história de adultério e crime. Uma história que ainda interessou o francês **Pierre Chenal** em 1939 (*Le Dernier Tournant*) ou o italiano **Luchino Visconti** em 1942 (*Ossessione*).

**Um Vagabundo na Alta Roda**

(Quarta, 22.00, TVI)

Um vagabundo de nome **Baskin** lança-se por desespero na piscina da família **Whiteman**. Salvo em última instância, eis que se instala no seio da grande burguesia de **Beverly Hills** de tal modo que se torna «indispensável» em várias facetas, uma das quais é a arte da sedução de que beneficiam a esposa do senhor da casa, a filha e até a empregada... É provável que, aos espectadores mais maduros, a enunciação desta história recorde qualquer coisa conhecida e familiar. Sem dúvida! Trata-se de uma nova adaptação da história original que inspirou o grande cineasta **Jean Renoir** a realizar uma das suas obras-primas: *Boudou Salvo das Águas*. Mas esta «americanização» do original de **René Fauchois** (empreendida pela realizador **Paul Mazursky** de parceria com o argumentista **Leon Capetanos**) não resiste à comparação. A não perder, como é hábito, revela-se mais uma vez... **Elizabeth Peña!**



Um fotograma de «*Short Cut - Os Americanos*», filme de **Robert Altman**

sobre as reflexões de um homem que, num belo dia de Verão, encontra um amigo que há muito não via, casado com uma mulher que lhe suscita a maior das atrações. Jogando com o entrecruzamento de histórias e tempos diversos, *Agosto* é um filme cuja construção, por invulgar, constitui um permanente desafio ao espectador.

**Short Cuts - Os Americanos**

(Domingo, 23.30, TVI)

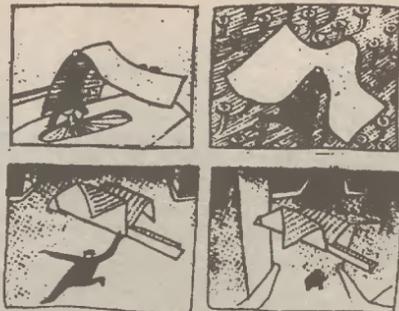
Filme no fundo inspirado por *Nashville* - uma sua obra anterior datada de 75 - esta recente película de **Robert Altman** é como que um retrato multifacetado de várias personagens arrancadas à vida real da classe



**Lana Turner** e **John Garfield** são os intérpretes principais de «*O Destino Bate à Porta*» na excelente versão de **Tay Garnett**



**Nick Nolte** (à esquerda) incarnando «*Um Vagabundo na Alta Roda*», no filme de **Paul Mazursky**



# InterMEDIações

■ Fernando Correia

## As fontes e o rigor = I

Em jornalismo, as fontes de informação, enquanto locais, entidades ou pessoas geradores de factos ou opiniões capazes de fornecerem elementos com interesse para o público, constituem um aspecto essencial da actividade jornalística.

Não há jornalismo sem fontes de informação. Mas a credibilidade e o rigor das notícias dependem decisivamente da escolha das fontes e da utilização que se lhes dá. São muito diversificadas: há fontes internas ao próprio órgão de informação, como o arquivo, ou externas, como as entidades e instituições ou os contactos pessoais estabelecidos pelo jornalista; há fontes directas e indirectas, orais ou documentais, etc.

Mas seja qual for o tipo das fontes, compete ao jornalista, primeiro, seleccionar aquelas que mais significado possam ter para a investigação e a confirmação dos factos, e depois, saber utilizar os elementos assim obtidos e produzir material noticioso isento, equilibrado e rigoroso.

O trabalho jornalístico que não tem em conta estas regras, ou deliberadamente as infringe, resulta necessariamente numa informação incompleta, parcial ou mesmo mentirosa.

## As fontes e o rigor = II

A questão das fontes não é um exclusivo do jornalismo. Na sociologia e, em geral, na investigação em ciências sociais, por exemplo, ela põe-se com igual acuidade, e muitas vezes em termos bastante semelhantes. Parece-me instrutivo evocar aqui um exemplo recente que ilustra bem - pela negativa - esta questão.

No último número da *Análise social* (nº 138, 1996, do trim.), no quadro de uma série de estudos dedicados aos partidos políticos portugueses, Carlos Cunha debruça-se sobre o PCP. Debruça-se... e cai.

O título do seu texto, desde logo, suscita alguma desconfiança, não constituindo propriamente um modelo para um trabalho que se pretende científico: «Quanto mais as coisas mudam... Os 75 anos do Partido Comunista Português». As suspeitas iniciais são depois confirmadas no desenvolvimento do tema.

Nos primeiros parágrafos o autor deixa claro o que pretende, avisando que a sua «tese central» é a de que, apesar de «uma aparência de mudança», o certo é que «as tentativas de alteração drástica falharam» e «no geral, as tácticas e a linguagem do PCP continuam tão ortodoxas como no passado».

Seria interessante conhecer quais foram essas «tentativas» de «alteração drástica» que «falharam» (será que ele pensa que o PCP tentou, e não conseguiu, deixar de ser partido, ou de ser comunista, ou de ser português, ou de ser tudo isso junto? Ou trata-se de uma mera e pouco científica confusão entre desejos e realidades?).

O certo, porém, é que o autor não nos concede a suprema graça de proporcionar o conhecimento das tais «tentativas» - o que nos priva, provavelmente, de motivos suplementares de divertimento. Sobram outros.

A «tese» do PCP - parque jurássico não tem nada de novo. Ela própria, verdade se diga, ganhou já o estatuto de dinossáurica, tão petrificada como os ovos da Lourinhã. Teoricamente, aliás, é uma tese tão legítima como qualquer outra - só que, para ter credibilidade, precisaria de ser provada.

Para este efeito, que faz o autor? Ambição não lhe falta: decide proceder à «análise» da política do PCP em nada menos do que nove áreas: «integração europeia», «assuntos sociais», «divisões internas», «competição política», «poder local», «organização interna e finanças partidárias», «actividade parlamentar», «actividade culturais», «eleições legislativas de 1995».

É então, quando o autor passa das promessas à argumentação, que o rigor da «análise» vem ao de cima - ou, para ser mais preciso, vai ao fundo, não no sentido em que aprofunda a temática mas, mais prosaicamente, no sentido em que se afoga. E é aqui que surge a questão das fontes.

Em que se baseia o autor para sustentar a sua «tese»? A que fontes recorre? Documentos do PCP, intervenções dos seus dirigentes, materiais da sua imprensa? Inquéritos, questionários ou entrevistas? Estudos de sociologia política? Nada disso: apenas, e exclusivamente, notícias e artigos de jornal.

E é assim que, como único alicerce da sua «tese», o autor cita 53 vezes o *Público*, 32 o *Diário de Notícias*, 15 o *Expresso*, 5 o *Diabo*, 4 o *Tal & Qual*, 4 o *Independente*, 2 o *Correio da Manhã* e 1 a *Visão*!

Pormenor picante: as 5 citações do *Diabo* fazem todas parte da «base documental» que o autor utiliza para a abordagem do tema «organização interna e finanças partidárias»...

E tudo isto surge (sublinhe-se: o estudo não é apresentado como uma análise do PCP através da imprensa) com pretensões de cientificidade, tanto mais que, como se sabe, a *Análise Social* é propriedade do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Na sociologia, tal como no jornalismo, pode-se afirmar: diz-me que fontes utilizas, dir-te-ei que tipo de investigação fazes.

E a que resultados chegas.

# Com a verdade me enganas...

■ Francisco Costa

Foi há precisamente oito dias, no «Telejornal» da RTP 1. Imediatamente antes deste começar - num arremedo do que poderia chamar-se uma espécie de «pré-genérico» - a manchete que José Rodrigues dos Santos escolheu como «aperitivo» habitualmente chamado a primeiro plano, num «aguçar de apetite» para o serviço noticioso daquela noite, foi a da colhida de um toureiro na Praça de Touros do Campo Pequeno (Lisboa), acompanhada de um texto que dizia: «As imagens da colhida no Telejornal, que começa às 20 em ponto!».

De acordo com o que costuma ensinar-nos uma célebre regra do jornalismo - e fazendo um paralelo com este caso relatado - notícia nunca seria aquela que Rodrigues dos Santos foi buscar para antecipar o *Telejornal*, mas sim uma outra, hipotética, que poderia rezar qualquer coisa como isto: «*Toureiro colhe novilho na Praça de Touros do Campo Pequeno!*». Aliás, vai-se a ver, e a duração da tal «notícia» em concreto pouco excedeu os 30 segundos - aproximadamente o mesmo que durara o pré-genérico! Mais: em 24 (vinte e quatro) notícias, esta foi dada em 16º lugar, embora tenha sido a despropósito antecedida por mais duas inserções reincidentes das mesmas imagens - naquelas interrupções, agora em moda, com que se anunciam tais ou tais sensações... «já a seguir, no Telejornal!».

Donde se conclui que:

- aquele pré-genérico pretendia prender o espectador ao ecrã na perspectiva (nesse sentido frustrada!) de lhe poder mostrar... sangue;

- pelos constantes exemplos diários, o «*Telejornal*» da RTP1 continua a pautar-se, nos seus alinhamentos, na artificial excitação da leitura das manchetes e nas inserções sincopadas que as acompanham, por inaceitáveis critérios de sensacionalismo;

- nada disto corresponde à tal «televisão de referência» que os responsáveis governamentais e televisivos nos anunciaram, já vai quase para dois anos, e que continua à espera de nascer.

## Uma televisão «nas tábuas»

Continuando a utilizar uma linguagem tauromáquica, tem sido esta, aliás, a «crença natural» para a qual a RTP continua remetida, julgando que, com isso, poderá vir a ser aplaudida no «meio da praça» ou eventualmente dar-lhe a volta «em ombros», recebendo de presente a recolha de «orelhas e rabo». Nada de mais errado! Não é com «tarrascadas» destas que se reconquistam espectadores.

Como não é continuando desajeitadamente a tentar imitar a SIC que a eterna crise de projecto da RTP se resolve. Uma crise que se manifesta, por exemplo, mesmo em termos de imaginação, nessa nova série, pela enésima vez repetida, de um concurso como «1, 2, 3». Como se não houvesse mais nada para inventar de novo!

Aliás, a imagem da crise e do esgotamento ainda mais se reflecte no desgosto com que o espectador surpreende o seu autor Carlos Cruz - profissional sempre capaz de demonstrar (quando quer) talento de sobra para esmagar a concorrência - à frente de um produto inenarrável como é aquele outro que dá pelo nome de «TV Verdade», recentemente estreado. Na esteira, aliás, de um semelhante, mas alcunhado de «Imagens

Reais» - este transmitido por Carnaxide com apresentação do cada vez mais decadente Artur Albarran.

A concepção destes dois programas é de tal forma idêntica que torna evidente as tentaculares estratégias multinacionais, hoje em vigor neste domínio e que, sob o ponto de vista ideológico, não podem deixar de ser consideradas como eminentemente totalitárias, consistindo em inventar e fazer proliferar «formatos» televisivos do mesmo tipo, sobretudo dirigidos aos modelos de programação das televisões privadas, nivelando-as culturalmente por baixo, exclusivamente com o fito de prender as audiências a «curiosidades» ou pretensos factos «noticiosos» do domínio do insólito, do anormal, do abjecto - e que, fundamentalmente, constituam elementos de distração face aos problemas reais do quotidiano e à crise geral e omnipresente das sociedades, geradas pelas globalizantes teorias e práticas neoliberais.

## A vigarice vem sempre à tona

Constituídos por uma série de curtos vídeos, «profissionais» ou amadores, mas em qualquer dos casos de paupérrima qualidade, estes ditos programas não ultrapassam a qualidade miserável dos piores exemplos dos espectáculos de «apanhados» ou de «vídeos caseiros». Nada de inventivo e exigente existe na produção e realização destes programas. O único gesto criativo é «desenlatar» meia dúzia de vídeos para cada programa, arranjar-lhes um genérico mais ou menos gongórico e pleonástico, escrever um texto de circunstância e pôr à frente das câmaras, como chamariz, esta ou aquela cara mais conhecida.

No caso, esses rostos pertencem a um Carlos Cruz com indistigável ar de frete e a um Artur Albarran com reconhecível ar alvar. Rostos que, a exemplo de outros, vão rodando de canal em canal, de programa em programa, de cargo em cargo - sempre a mesma dúzia e tanto de «gente» e de «caras», pelos vistos a tudo dispostas. De facto, não há dúvida que as TVs são para os amigos!

Mas um alerta final gostaria de deixar ao leitor-espectador: que pensar das mensagens que nos são subliminarmente insinuadas pelos dois apresentadores ao jurarem que se trata de «históricas fantásticas, absolutamente verdadeiras» ou que «não há reconstituições para a TV» ou que «a realidade ultrapassa a ficção» ou que «sem guiões e sem actores, esta é a TV Verdade»? E porque será que ambos insistem tanto em nos dizer que as imagens mostradas são de «pessoas normais, como os nossos espectadores» ou que estas coisas «acontecem em qualquer parte do mundo, com homens e mulheres iguazinhos a nós»?

Em boa verdade vos digo: assim se continua a vender gato por lebre...



## ÚLTIMAS

# ATALHE DE FOICE

## Realidade virtual

«Os políticos não ganham o suficiente. O exercício do Poder é uma grande responsabilidade e deve ser recompensado...»

As palavras são de Almeida Santos, presidente da Assembleia da República, em declarações ao «Tal&Qual» da semana passada, que a propósito do seu próprio vencimento mensal ilíquido - 1.339.744\$00 (um milhão trezentos e trinta e nove mil setecentos e quarenta e quatro escudos) - assevera que «se não tivesse tido uma carreira de sucesso como advogado, não dispunha agora de dinheiro para estar na política: tinha que continuar na advocacia...».

Se estivéssemos no Carnaval, poder-se-ia pensar estarmos perante uma brincadeira de mau gosto. Mas não estamos. E como não houve qualquer desmentido, resta aceitar como fidedigna a transcrição e daí retirar as necessárias ilações.

Em primeiro lugar, cabe reter que **um milhão trezentos e trinta e nove mil setecentos e quarenta e quatro escudos** por mês - ilíquidos que sejam - é pouco para Almeida Santos; em segundo lugar, infere-se das palavras de Almeida Santos que ele ainda paga do seu bolso para estar na política e exercer o Poder, ou seja, que está a fazer um favor ao País pelo qual, presume-se, se lhe deve estar grato.

É sabido que conceitos como «muito» e «pouco» podem ser relativos, e que cada um pode, no uso da sua própria liberdade de pensamento e de expressão, considerar pouco o que para outros será muito, e vice-versa. Acontece porém que Almeida Santos exerce um cargo de Poder num país que tem o nível de vida mais baixo da Europa comunitária, onde o salário mínimo não vai além dos cinquenta e seis mil escudos, as pensões de reforma são objectivamente de miséria, o desemprego e a exclusão social se estão a tornar num verdadeiro flagelo, onde mesmo as camadas médias estão a léguas das suas congéneres europeias. Pelo que é no mínimo ofensivo que o presidente da AR se queixe de ganhar pouco, quando esse pouco representa, por exemplo, 24 salários mínimos e muitas mais pensões de reforma com que sobrevivem milhões de portugueses, tão dignos quanto o presidente da AR e com tanta legitimidade como ele a verem recompensada uma vida de trabalho.

Mas a queixa de Almeida Santos - partilhada de resto por muitos dos seus confrades políticos, como António Costa, secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, que garante que «lá em casa, o orçamento é que teve de se adequar ao ordenado (717.800\$00)», ou mesmo o deputado Manuel dos Santos, cujos 657.910\$00 são «chapa ganha, chapa gasta» -, a queixa de Almeida Santos, dizia-se, é ainda mais grave pelo que representa de profundo divórcio com o país real.

Como podem pessoas como estas entender os problemas da grande maioria da população, para quem comprar um livro, ir ao cinema ou ao teatro, ou simplesmente comer decentemente todos os dias, vestir-se, ter assistência médica, continua a ser um luxo? Que sabem estes políticos da angústia de quem tem o desemprego como única perspectiva de futuro? Que sabe este punhado de gente do medo de envelhecer quando isso significa a degradação das mais elementares condições de dignidade humana, pela ausência de uma política de efectiva protecção à velhice?

Almeida Santos - todos os Almeidas Santos - vivem num mundo virtual onde o país real há muito deixou de ter lugar. Talvez seja isso que explique, afinal, os milhares de empregos virtuais que, diz-se, estão a ser criados na agricultura, quem sabe se à espera que um milagre os materialize.

■ Anabela Fino

# Jorge Sampaio recebe Carlos Carvalhas

O Presidente da República recebeu, na passada terça-feira, uma delegação do PCP composta por Carlos Carvalhas, Secretário-Geral, Octávio Teixeira, líder da bancada parlamentar comunista, e Domingos Abrantes, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central.

À saída, Carlos Carvalhas referiu-se aos temas abordados na reunião com Jorge Sampaio.

"... A evolução do País mostra que a grande preocupação do Governo não são as pessoas, mas sim as políticas de Maastricht, a política de concentração e centralização de capitais.

E esta política é a causa do descontentamento e do protesto social. A estabilidade governativa passa pela estabilidade social, pela resolução dos problemas, pela justiça social, pela estabilidade económica e pelo aprofundamento da democracia.

Vejam, por exemplo, as 40 horas. O Governo não pode continuar a fazer como Pilatos. O Governo não pode ter um discurso para as grandes confederações patronais acerca das 40 horas e outro para os trabalhadores.

O Primeiro-Ministro prometeu as 40 horas e agora com artificios jurídicos não cumpre o que prometeu. Os trabalhadores do Vale do Ave já vão na 37ª semana de greve.



A luta pelas 40 horas, pelo não trabalho ao sábado é uma luta justa. É urgente dar uma resposta positiva aos trabalhadores. (...)"

Respondendo a uma pergunta sobre a instabilidade governativa e sobre Sousa Franco, Carlos Carvalhas declarou:

"... A comunicação social informou há dias que Sousa Franco substituiria o Primeiro-Ministro, nesta sua visita à América Latina. Hoje é noticiado que António Vitorino regressa de emergência para substituir António Guterres e presidir ao próximo Conselho de Ministros...

confrontado com uma decisão, a do: "obviamente demito-me!"

A questão da revisão constitucional foi também objecto de apreciação de Carlos Carvalhas.

"... O país não precisa de nenhuma revisão constitucional. Esta é uma vergonha para o PS. Até as palavras «povo» e «traba-

Isto é uma desautorização pública de Sousa Franco.

É uma decisão que vem dizer publicamente que melhor ponderadas as coisas lá no Brasil se chegou à conclusão que Sousa Franco não tem condições políticas para chefiar o Governo interinamente...

Sousa Franco, poderá vir a ser

lhadores». os incomodam". Quanto às perguntas do PSD para o referendo sobre a Europa, Carlos Carvalhas ironizou afirmando que faltava uma quarta pergunta: "os portugueses estão de acordo em ganhar o salário de Comissário europeu?. E os eleitores certamente dirão que não...".



## PCP recebe FENPROF

Realizou-se na passada segunda-feira um encontro entre delegações do PCP e da FENPROF, no centro de trabalho da Rua Soeiro Pereira Gomes, em Lisboa. Carlos Carvalhas e Rosa Rabiais, membro do Secretariado do CC, representaram o PCP, enquanto que Mário David Soares, Melisandra Mateus, Rosário Quintero, Alzira Marcelino e Helena Rocha constituíram a delegação da FENPROF.

## Reunião de emigrantes comunistas

A reunião anual dos militantes comunistas emigrados realiza-se este ano no Algarve, mais precisamente no CT do PCP em Faro, no dia 5 de Agosto. Com efeito, é já uma tradição a realização desta reunião em Portugal, nesta época do ano, que pela primeira vez se realiza fora de Lisboa.

Retirando algumas horas das suas merecidas férias ao convívio familiar, os militantes do PCP aproveitam para uma troca de opiniões e experiências, assim como para debater os problemas com que estão confrontadas as comunidades portuguesas nos diversos países e continentes.

Este será também um momento para proceder à análise crítica da política de emigração do Governo PS. Durante a tarde as conclusões da reunião serão divulgadas em conferência de imprensa que terá lugar no mesmo local da reunião.

A reunião contará com a participação dos camaradas Henrique de Sousa, do Secretariado do Comité Central, e João Armando, da Direcção da Organização na Emigração e do Comité Central.

Nos dias 6 e 7 realiza-se em Vila Real de Santo António um encontro-convívio de emigrantes. Partindo da iniciativa de emigrantes originários deste concelho, o encontro obteve

desde logo significativo apoio da Câmara Municipal, Junta de Freguesia e da Associação de Reencontro dos Emigrantes.

Na manhã do dia 7 realiza-se um debate sobre «A Emigração nos nossos dias» que abordará os novos fenómenos migratórios, as condições de trabalho, protecção e segurança social. Também serão analisadas as situações de regresso definitivo a Portugal, bem como as poupanças dos emigrantes e o seu contributo para o desenvolvimento regional e fixação das populações. A difusão da língua e cultura portuguesas e o apoio ao associativismo são outros temas a debater.

## Debater a revisão constitucional

No âmbito das comemorações do 21º aniversário da Constituição, realiza-se hoje no Hotel Lisboa Plaza um colóquio subordinado ao tema «Porquê esta Constituição, para quê esta revisão?».

Organizada pela União dos Sindicatos de Lisboa, a iniciativa conta com a participação dos deputados constituintes Jerónimo de Sousa, Manuel Gusmão, Helena Roseta, Mar-

celo Curto e Kalidás Barre e tem como objectivo sensibilizar os trabalhadores e a opinião pública para a importância e consequências da revisão constitucional.

«A Constituição Portuguesa consagra direitos, liberdades e garantias pelos quais os trabalhadores nunca deixaram nem deixarão de lutar, nomeadamente o direito ao trabalho e à segurança no emprego, o direito a salário igual para trabalho igual, o direito à saúde, à segurança social e à protecção da maternidade e paternidade», lê-se na nota de apresentação divulgada à imprensa.

«As forças sociais têm uma importante palavra a dizer», explicam os organizadores. Isto sobretudo «num contexto em que se prepara uma revisão fruto de um acordo negociado entre o PS e o PSD, com a inadmissível marginalização da Assembleia da República», acrescentam.



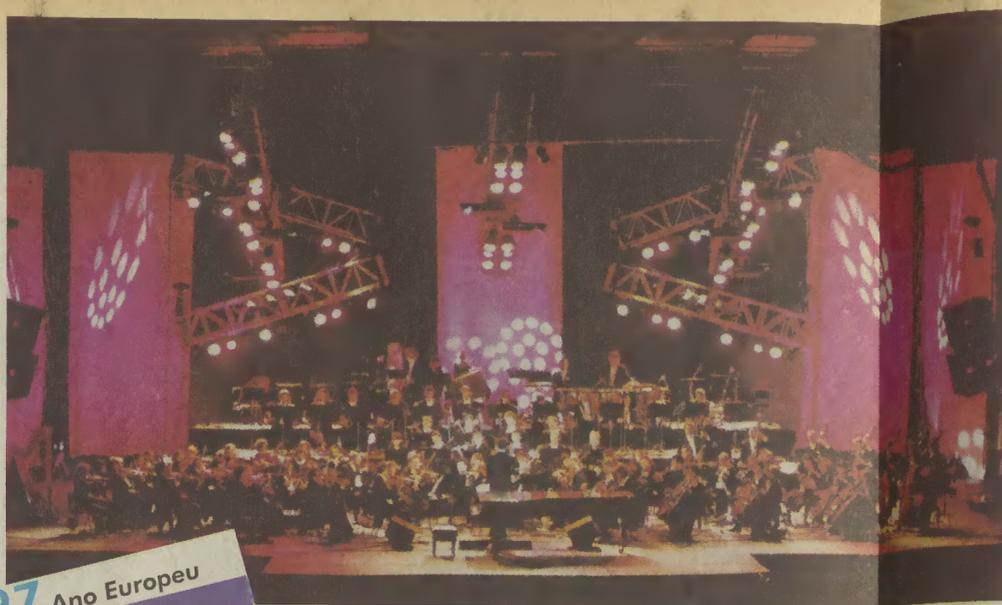
Swanee!

Director Carlos Brito  
SUPLEMENTO  
24 de Julho de 1997  
Não pode ser vendido  
separadamente

# Festa!

AMORA-SEIXAL

5, 6 e 7 SETEMBRO



## Músicas Diferentes Homens Iguais

# Orquestra Metropolitana de Lisboa

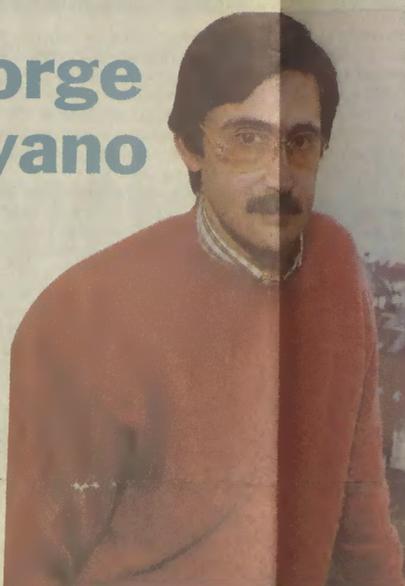
solista **Jorge Moyano**

«Danças Sinfónicas de "West Side Story" de Leonard Bernstein  
«Rhapsody in Blue» de George Gershwin

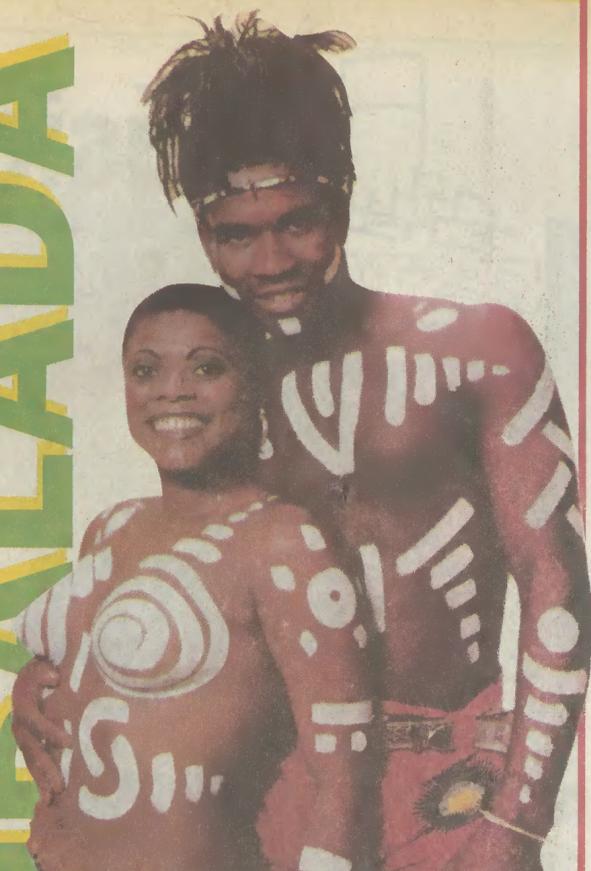


«Três peças para Blues Band e Orquestra Sinfónica» de Bill Russo

com Siegel-Schwall Blues Band



# TIMBALADA



Os ritmos da rua da cidade mais negra do Brasil:  
S. Salvador da Baía



EP Entrada Permanente  
Já à venda

# RIO GRANDE

Tim

Jorge Palma

João Gil

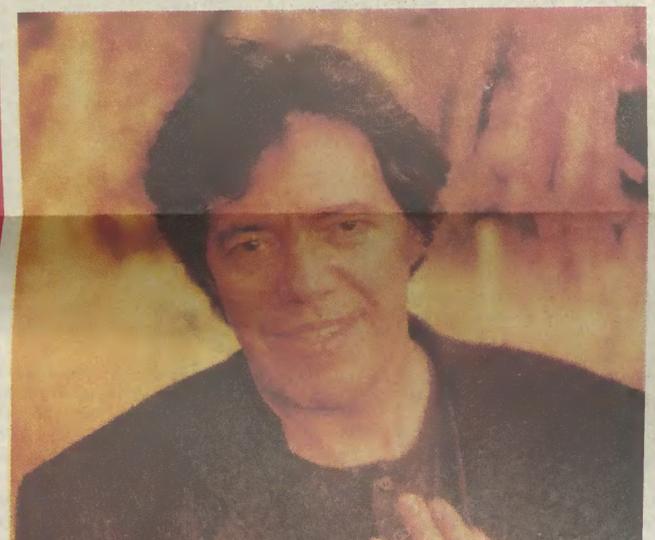


Vitorino

Rui Veloso

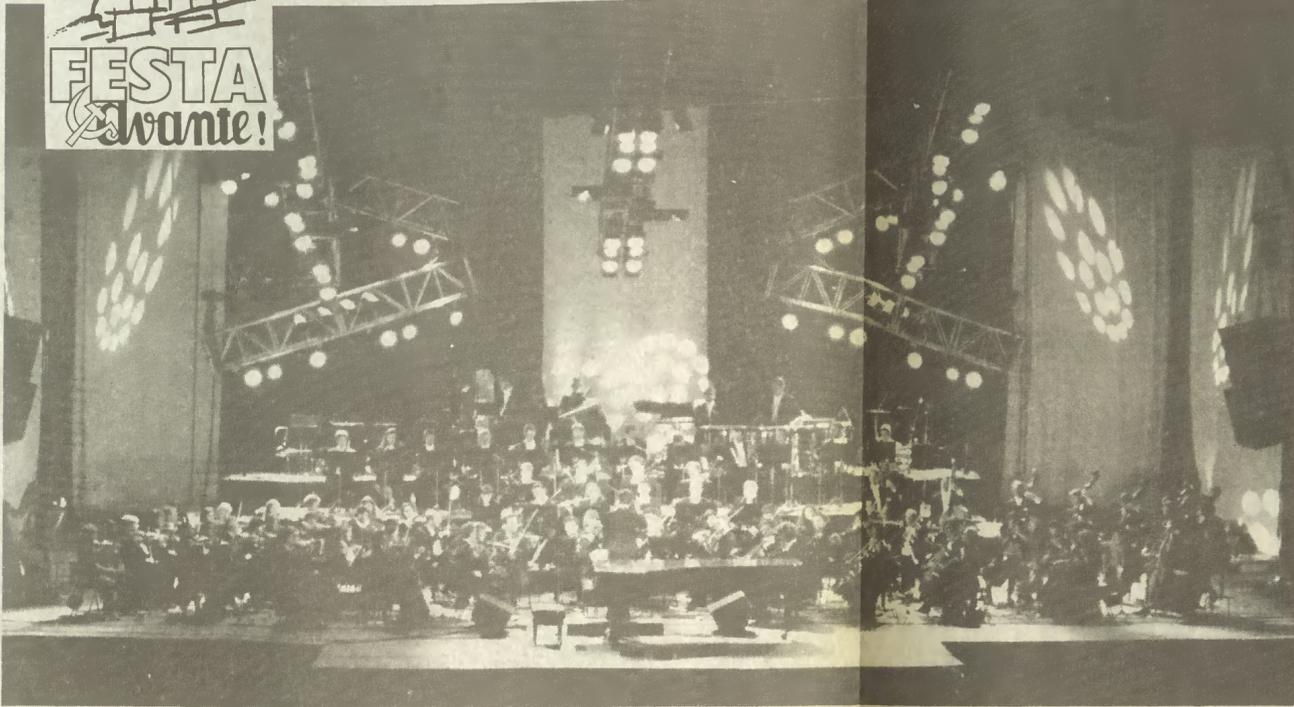
O Auditório  
1º de Maio

## Mudou de sítio!



**SÉRGIO Godinho**  
com Kalu, Manuel Faria  
Nuno Rafael (Despe & Siga) Nany e o  
violinista ucraniano Gregori Spector

# Músicas Diferentes Homens Iguais



A primeira experiência realizada na Festa do «Avante!» com a apresentação de música sinfónica no Palco «25 de Abril» comprovou como justa a confiança depositada na capacidade de levar a um grande palco e para uma grande e diversificada audiência uma orquestra clássica.

Uma parte importante do êxito de 1996 deveu-se à escolha do repertório: a obra do grande compositor russo Peter Tchaikowsky inclui peças - entre as quais as executadas pela Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigida

por Miguel Graça Moura o ano passado - não apenas de grande e universal popularidade, mas igualmente de características musicais adequadas a grandes auditórios e grandes audiências.

O programa de música sinfónica da Festa de 1997 teve uma primeira linha condutora: o tratamento pela grande música sinfónica de temas musicais da tradição popular. Do próprio Tchaikowsky a Beethoven, de Bartok a Bach, de Liza a Fernando Lopes Graça, a música popular (e particularmente a de origem folclórica) tem constituído fonte inesgotável de tratamento e desenvolvimento por parte dos mais talentosos criadores da música erudita europeia.

Um outro elemento veio entretanto acrescentar-se ao primeiro: neste ano em que a Europa comemora um Ano Europeu Contra o Racismo, por todos sentido como parte de uma batalha determinante contra a intolerância e a exclusão, impôs-se-nos o papel da grande música negra na edificação dos universos musicais contemporâneos. Transportada acorrenada às grilhetas dos escravos, a cultura musical africana impôs-se no continente americano, e ali criou as raízes da música popular do século XX.

Na grande mistura do continente americano, os compositores musicais de formação erudita igualmente compreenderam a importância, o valor, a dimensão da musicalidade criada nas ruas e nos campos pela espontaneidade e talento dos músicos populares. Por vezes, essa posição exigiu-lhes posturas intelectual e politicamente mais vigorosas do que as dos seus congéneres europeus: se aqui Bartok ou Falla tiveram de enfrentar os preconceitos das classes ricas e poderosas contra a arte dos pobres e humildes, do outro lado do Oceano a tais preconceitos se juntava um outro mais profundo: o racismo. Porque a grande música popular ali era sobretudo negra.

George Gershwin foi dos primeiros compositores brancos norte-americanos a

afirmar frontalmente a música negra, o jazz, como uma raiz essencial da cultura musical contemporânea assumindo claramente a sua dupla paixão pela cultura erudita europeia (o seu «Americano em Paris» era para ele um poema ao impressionismo francês de Renoir e Degas) e pela música popular das ruas de Nova York, das bandas de New Orleans, do delta do Mississippi. A marca musical mais negra dos EUA, os blues e as notas blues impostas pelos músicos negros ao dó-ré-mi europeu, foi buscar, em Janeiro de 1924 uma ideia: «Veio-me de repente - escreveria mais tarde. Passava a vida a dizer-se que o jazz era uma forma de expressão musical limitada, acessível só a alguns. Fartei-me de ouvir frases do género 'o jazz tem de ser estritamente limitado quanto ao tempo' ou então que 'o jazz está essencialmente ao serviço da dança'. Decidi dar cabo destes disparates todos por uma vez. Não sei se se conseguiu, mas esse foi o objetivo». Assim nasceu «Rapsódia em Blue», talvez uma das mais populares peças musicais do século XX a que Gershwin ligou, além do mais, o seu talento e paixão pelo piano de que foi grande intérprete.

Na Atalaia, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, estará um dos maiores pianistas portugueses contemporâneos, Jorge Moyano.

A 6 de Janeiro de 1949, o grande coreógrafo Jerome Robbins sugeriu ao compositor e maestro Leonard Bernstein fazer um bailado tendo como tema a história de Romeu e Julieta tal como narrada por Shakespeare, mas transpondo o conflito entre as famílias de Capuletos e Montecchios para as animosidades entre as comunidades judaica e italiana católica de Nova York. A ideia ficou em fermentação, até que em 55 voltaria, mas o eixo de trazer a paixão entre dois jovens a denúncia dos conflitos gratuitos encontrava outra conflitualidade mais próxima na complexa sociedade novayorkina: a animosidade entre os grupos de jovens portorriquenhos recém-emigrados da ilha ocupada pelos EUA e os «americanos» mais velhos, eles próprios de tantas e tão diversificadas origens.

Assim surgiria «West Side Story», um musical estreado na Broadway exactamente há 40 anos, em Agosto de 1957.

Nele Bernstein concretizou a sua sempre assumida paixão pelas músicas populares entrecruzadas nas sonoridades de Manhattan, o jazz negro, os sons latino-americanos, as melodias napolitanas. Do musical saíram as «Danças Sinfónicas de West Side Story», grito vibrante lançado contra os ódios raciais e sentido hino ao amor, composto por um homem que escreveu que «por mim, continuo a acreditar na política e na possibilidade de viver num mundo melhor. A música é a única arte que me permite acreditar-lo, e esteja onde estiver, tento comunicar esse meu estado de espírito aos meus semelhantes.»

A terceira peça do concerto de sexta-feira da Festa de 1997 nasceu da paixão de um maestro japonês, Seiji Osawa (então a dirigir a Sinfónica de S. Francisco) pelos blues de Chicago e do convite que dirigiu a um grande trombonista e compositor de jazz, Bill Russo. A composição «Três Peças para Banda de Blues e Orquestra Sinfónica», gravada em 1977 para a Deutsche Grammophon com a Sinfónica de S. Francisco e a Siegal-Schwall

Blues Band entrou no universo mítico dos bluesmen de Chicago e dos apaixonados de música clássica. Vai ser tocada na Quinta da Atalaia por uma orquestra portuguesa, integralmente composta por músicos formados na escola da grande música erudita europeia. A banda de blues, essa será exactamente a mesma que gravou com Seiji Osawa há 20 anos, a mesma para quem Bill Russo a compôs: a Siegal-Schwall Blues Band.

Uma orquestra europeia, a música clássica com raízes na música negra, músicos brancos europeus, músicos de blues norte-americanos, a inspiração de um

**Danças Sinfónicas de «West Side Story» de Leonard Bernstein**

**«Rapsódia in Blue» de George Gershwin**

**Solista: Jorge Moyano**

**«Três Peças para Blues Band e Orquestra Sinfónica» de Bill Russo**

**Solistas Siegal-Schwall Blues Band**



Miguel Graça Moura vai, mais uma vez, dirigir a Orquestra Metropolitana de Lisboa na Festa do «Avante!»

maestro japonês, os mitos renascentistas do juvenil e trágico amor dos filhos de antigos ódios. Em 1997, Ano Europeu Contra o Racismo, na Quinta da Atalaia, porque, como um dos músicos que ali ouviremos disse, como

Bernstein escreveu, «a música é a mais profunda linguagem do Homem. Graças a ela podemos sentir-nos unidos e, estou absolutamente seguro, se queremos ser verdadeiramente homens é indispensável que o sejamos unidos.»



## Jorge Moyano

Jorge Moyano, nascido em 1951, só passou a dedicar-se exclusivamente à música em 1975, ano em que entrou para o conservatório como professor de piano. Antes ficou um percurso de aprendizagem e aperfeiçoamento que começou na Fundação Musical dos amigos das Crianças e passou pelo Curso Superior de Piano do Conservatório, na classe da professora Maria Cristina Pimentel, e apuramento de técnica com a orientação de Helena Moreira de Sá e Costa, Karl Engel e Claude Helfer, entre outros. Formado em Engenharia Civil, Moyano acabou por seguir uma carreira musical que lhe deu várias oportunidades de se apresentar no estrangeiro, nomeadamente na Alemanha, Itália, Espanha, Jugoslávia, França, Bélgica e Canadá. Para além de solista a sua actividade inclui igualmente o enquadramento em grupos de música de câmara. Tem actuado

por diversas vezes com as Orquestras da RDP (Lisboa e Porto), a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Clássica do Porto, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Sinfónica de Tóquio e a Orquestra de Câmara da Comunidade Europeia. Detentor de diversos prémios nacionais, exerce actualmente funções docentes na Escola Superior de Música de Lisboa, simultaneamente com uma intensa actividade de concertista. Moyano faz parte regularmente de júris de concursos nacionais, tendo igualmente integrado os júris dos concursos internacionais Vianna da Mota, Cidade do Porto e Jovens Músicos Europeus, que se realizou em Dublin. A qualidade de execução do músico português pode ser escutada numa edição discográfica, recentemente posta à venda, onde Jorge Moyano interpreta diversas obras de Shumann.

## Leonard Bernstein

Uma biografia de Leonard Bernstein, o compositor de West Side Story que a Orquestra Metropolitana de Lisboa interpretará este ano na Festa do «Avante!», pecará sempre por defeito. Bernstein, nascido em 1918, foi um apaixonado compositor, maestro, pianista e divulgador da música.

O seu talento permitiu-lhe trabalhar com uma espantosa variedade de formas musicais, somadas em três sinfonias e nos musicais On The Town (de 1944), Wonderful Town (1953) e West Side Story (1957). Este, que seria adaptado ao cinema por Robert Wise, com os actores Natalie Wood e George Chakiris, conta a história de Romeu e Julieta num contexto de ódio racial.

Para além disso, Bernstein compôs ainda a opereta Candide, a ópera Trouble in Tahiti - mais tarde aumentada para A Quiet Place - e Chichester Psalms, uma peça para coro e orquestra. Outras composições incluem os ballets Fancy Free e The Dybbuk Variations. Mass e as canções de Arias and Barcarolles.

A obra de Bernstein conta com vários livros: The Joy of Music (1959), Young People's Concerts for Reading and Listening (texto e discos de 1962, revistos em 1970) - adaptação da célebre série televisiva que a RTP exibiu em Portugal -, The Infinite Variety of Music (1966) e The Unanswered Question (1976).

A carreira de Bernstein começou na universidade de Harvard e no Curtis Institute of Music, onde estudou composição com Walter Piston e direcção de orquestra com Fritz Reiner e Serger Koussevitsky. Em 1943 Bernstein começou a sua carreira de maestro, dirigindo a New York Philharmonic Society Orchestra, devido a uma indisponibilidade de Bruno Walter. Bernstein foi director do New York City Symphony entre 1945 e 48, ensinou no Berkshire Music Center de 48 a 55 e na Brandeis University entre 1951 e 56. Dirigiu a New York Philharmonic de 1958 até 1969, altura em que saiu e é laureado como maestro vitalício da orquestra.

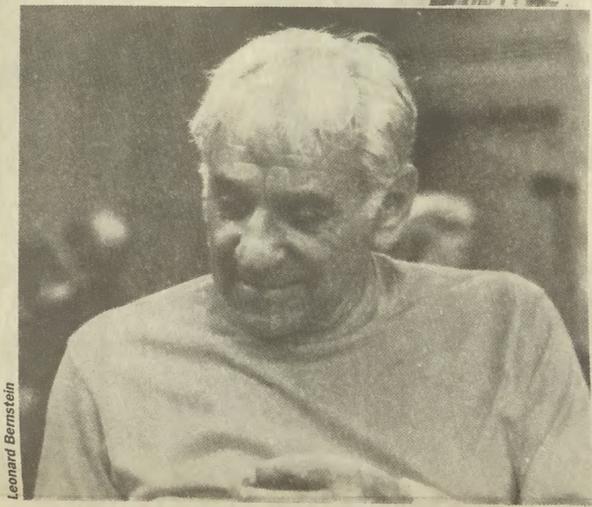
Premiado com um Grammy dedicado à sua carreira, Bernstein morreu em 1990.

## William Russo

William Russo nasceu em Chicago em 1928 e seguiu estudos para ser um dia jurista. Arrependeu-se e estudou paralelamente com Lennie Tristano e, como autodidacta, apetrechou-se de tal forma que o seu saber foi classificado como verdadeiramente enciclopédico em termos de cultura musical. Em 1943 tocou trombone num ensemble liderado por Billie Rogers após o que se sucederam passagens pelas orquestras dirigidas por Orrin Tucker e Clyde McCoy.

Em 1945 Bill Russo já escrevia os arranjos para Johnny Scat Davis para, dois anos depois, criar o seu próprio ensemble, o Experiment In Jazz. Em Janeiro de 1950 Russo é um dos responsáveis pelos arranjos da orquestra de Stan Kenton onde por vezes toca como instrumentista. Depois de uma passagem por Nova Iorque viaja para a Europa, passando por Roma e Londres, onde se dedica essencialmente à composição de obras que se tornarão importantes na música contemporânea, sempre de alguma forma relacionadas com o jazz.

Nomeado director do Center For New Music de Chicago em 1965, organizou então um grupo de jazz e, no ano seguinte, dirigiu uma das suas obras com a Neophonic Orchestra de Kenton. Figura aparentemente marginal ao jazz, Bill Russo, no entanto, já escrevia em 1951 de uma forma que antecipava muito do que se viria a ouvir anos mais tarde. Aliando às suas qualidades de músico uma rara capacidade crítica, Bill Russo adoptou um estilo musical erudito onde o jazz não é mais que uma das componentes, já que a sua obra de composição lança pontes também para outros géneros, onde se destacam o rock e o blues.



Leonard Bernstein



William Russo

## George Gershwin

O compositor norte-americano George Gershwin teve sempre a preocupação de trazer as expressões da música popular para a música dita «séria». Os seus musicais e as suas canções populares fazem algum do melhor material de sempre nos seus géneros e as suas composições do repertório erudito estão impregnadas com a linguagem do jazz e da música popular.

Gershwin nasceu em Brooklyn, Nova Iorque, em 26 de Setembro de 1898. Estudou com os compositores americanos Rubin Goldmark, Henry Cowell e Wallingford Riegger e ainda com Joseph Schillinger, um compositor e teórico nascido na Rússia. Com apenas 16 anos Gershwin tornou-se pianista e promotor de canções de uma empresa de publicação de música, mas o sucesso da sua canção «Swanee» (1918) estabeleceu-o como um compositor de Tin Pan Alley. As letras da maioria das suas canções foram escritas pelo seu irmão, Ira Gershwin, seu colaborador numa série de revistas e comédias musicais, entre as quais se incluíram George White's Scandals (1920-24), Lady Be Good (1924), Funny Face (1927) e a sátira política Of Thee I Sing (1931), a primeira comédia musical a ser galardoada com um prémio Pulitzer.

As canções de Gershwin estão marcadas por uma invulgar inventiva harmónica já que o compositor foi dos primeiros a introduzir na canção ligeira os ritmos e os acordes do jazz. Algumas das suas canções mais conhecidas, que se tornaram «standarts» do jazz, são The Man I Love, I Got Rhythm, e Someone to Watch Over Me.

A convite do líder de uma orquestra de jazz, Paul Whiteman, Gershwin escreveu a Rhapsody in Blue (1924), que será este ano interpretada na Atalaia pela Orquestra Metropolitana de Lisboa, com o solista Jorge Moyano. A Rhapsody in Blue foi originalmente escrita para piano e orquestra de jazz e, mais tarde, seria orquestrada como peça sinfónica pelo compositor americano Ferde Grofé. O trabalho influenciou profundamente diversos compositores europeus e norte-americanos a usar os padrões rítmicos e melódicos do jazz na música erudita. Outros concertos de Gershwin incluem o Piano Concerto in F (1925), o poema tonal An American in Paris (1928), a Second Rhapsody (1931) para piano e orquestra e a ópera Porgy and Bess (1935). Baseada na novela do escritor norte-americano DuBose Heyward, Porgy and Bess utiliza os idiomas musicais da folk negra, do jazz, do Tin Pan Alley e da música clássica europeia, produzindo aquela que é considerada a obra-prima de Gershwin. O compositor morreu em Beverly Hills a 11 de Julho de 1937.



## A entrada na história da Siegal-Schwall Blues Band

Texto de Pedro Tadeu

Um dia o maestro japonês, Seiji Ozawa teve num famoso bar de Chicago - o Big Joh's - a ideia de propor ao compositor norte-americano, William Russo, uma composição que integrasse uma formação de blues eléctrico. A proposta seria feita em 1966 mas só seria concretizada dois anos depois. Entre as várias peripécias que levaram à escrita de Three Pieces For Blues Band and Orchestra está a da escolha do grupo que iria tocar a composição. Russo e Ozawa decidiram-se pela Siegal-Schwall Blues Band e a própria escrita da obra foi acompanhada por longas horas de conversa e experiência com Corky Siegel. A Siegal-Schwall Blues Band virá à Festa para dois espectáculos, um deles para interpretar com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob a direcção do maestro Miguel Graça Moura, as peças que William Russo escreveu.

Blues Band é mais ou menos inevitável, já que com essas outras duas bandas se referenciam em definitivo as características do som que se reclama directo sucessor daquilo a que hoje chamamos de Chicago Blues, nascido com a electrificação do blues nos anos 50. No entanto, comparativamente com aquelas outras emblemáticas bandas, a Siegal-Schwall Blues Band tinha uma característica original a de possuir um som mais brilhante e uma forma de interpretar que dava maior realce ao virtuosismo dos instrumentistas. Ao longo dos anos 60 a popularidade da banda era notável, sobretudo por causa da «diabólica» forma de tocar harmónica de Corky Siegel. Os dois membros fundadores do grupo mantiveram-se juntos pelo anos 70 fora, apesar de várias alterações na secção rítmica.

### De Muddy Waters a Howlin' Wolf

Enquanto músicos residentes do Pepper's, o prestígio que granjearam permitiria que os tocassem com nomes fundamentais do blues eléctrico como Muddy Waters, Jimmy Reed, James Cotton e Little Walter. Mesmo Howlin' Wolf, conhecido como um músico que habitualmente se recusava a tocar com bandas que não a sua, exibiu-se regularmente com a formação de Corky Siegel e Jim Schwall. O primeiro álbum do grupo seria gravado em 1966, incluindo temas originais e interpretações de composições de Willie Dixon e Jimmy Reed. Deste disco extrai-se uma versão de «Corinna», um clássico do género, que ficaria reputada como «definitiva».

Quando no final dos anos 60 o blues eléctrico competia em popularidade com o rock, e as bandas mais conhecidas entre as juventudes norte-americana e britânica procuravam no blues as raízes da sua música e, ao mesmo tempo, a renovação do seu repertório, as colaborações de Corky Siegel e Jim Schwall em espectáculos ao vivo com gente como Janis Joplin, The Allman Brothers ou Jefferson Airplane, surgiram como consequência natural do prestígio já então granjeado pela Siegal-Schwall Blues Band.

Em 1968 aconteceria então algo de inusitado: o compositor erudito William Russo elabora para eles a obra Three Pieces For Blues Band and Orchestra. Russo fizera três cantatas rock, (The Civil War, David e Liberation) e quis experimentar a sonoridade com uma orquestra sinfónica de uma formação de blues como a da Siegal-Schwall Blues Band.

O facto coincidiria com mais uma mudança na secção rítmica da banda mas foi preciso ultrapassar alguns problemas na execução da peça, dada a invulgaridade do «casamento» entre uma orquestra sinfónica e uma banda de blues. O segundo movimento da peça de Russo é, aliás, construído a partir da linha de baixo que a banda desenvolvera para o tema «My Baby Thinks I Don't Love Her» e toda a composição dá espaço para liberdades solistas da harmónica e da guitarra. Há aliás uma parte da partitura que indica apenas os ritmos a seguir e inscreve somente algumas notas.

Diga-se que no dia seguinte à histórica primeira exibição pública da peça, em 7 de Julho de 1968, a banda de Siegel e Schwall seria dissolvida por cada um dos seus líderes seguir uma carreira a solo.

### Gravação histórica

A banda reuniu-se de novo em 1970 para executar novamente a peça de Russo com a Orquestra Sinfónica de São Francisco e, dois anos depois, o maestro japonês Seiji Ozawa - que dera a ideia a William Russo para a composição - é novamente interpretada, desta vez para gravação em disco. Esse, aliás, seria o único registo fonográfico da peça até hoje efectuado.

Para a Festa do «Avante!», a Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob a direcção do maestro Miguel Graça Moura, interpretará Three Pieces For Blues Band and Orchestra no Palco 25 de Abril, com a mesma formação da Siegal-Schwall Blues Band que tocou naquela histórica gravação, inclusivamente com o mesmo baterista, exterior à banda dada a necessidade de alguém que soubesse ler música. Para outro momento da Festa ficará um espectáculo de puro Blues, com toda a formação habitual da Siegal-Schwall Blues Band

# A TRIBO DO CANDEAL PERCUTE NA FESTA

Sabe como é sentir-se filha de uma terra que você nunca pisou? A pergunta está lançada na Internet\* pela presidente do clube de fãs da Timbalada e, na sua retórica, quase explica tudo o que há a saber acerca desta música. A Timbalada é um projecto cultural. Social também. A sua expressão é a música. O ritmo é agitado. O mentor é Carlinhos Brown. O seu espaço é a rua. A cidade é Salvador, Baía. A raiz é africana. E, claro, é negro no coração.

## Timbalada baiana

Texto de Pedro Tadeu



A dança domina há alguns anos o actual ciclo de gosto dos mais diversos mercados de consumo de música popular. Bastará, para o verificar, listar os géneros de música que neste momento mais tempo se aguentam nos lugares cimeiros das tabelas de vendas de discos em todo o mundo. Não será por isso estranho o êxito internacional de uma música que consegue uma fusão feliz de vários ritmos dançantes, a partir de elementos rock, funky, reggae e jazz, subordinados a uma matriz afro-brasileira construída, por seu lado, da miscigenação do samba duro, do ijexá, do samba de roda, da capoeira e do candomblé.

O nome «Timbalada» surge a partir do nome de um instrumento de percussão, o timbau. Trata-se de um instrumento que para os negros da Baía simboliza o continente africano e que, até há bem pouco, era apenas utilizado pelos grupos percussionistas que acompanham o candomblé.

A revolução sonora dos timbaleiros começou no final da década de 80, e teve como embrião a banda Vai Quem Vem, que se caracterizava pela sonoridade dos surdos virados com marcação de uma ou duas baquetas. O cenário era, é, e será, o bairro do Candeval, em Salvador, o local onde nasceu e ainda vive Carlinhos Brown. Aliás a música é conhecida também pela designação: «Tribo do Candeval». Brown resolveu fazer a experiência de adicionar numa formação com ambições profissionais, para além dos timbaus e dos surdos, objectos do quotidiano que «fizessem» música, como panelas, baldes e latas. Uma ideia que partiu daquilo que ele próprio via acontecer nas ruas.

Brown criou então um agrupamento de percussões onde juntou cantores e compositores de várias idades da comunidade do Candeval e de outros bairros de Salvador. A ideia inicial foi sobretudo a de encontrar uma expressão organizada da própria vivência musical dos negros das ruas do Candeval e a de dar uma oportunidade de divulgação - a mesma, aliás, que foi dada ao próprio Brown quando Caetano Veloso gravou temas compostos por ele - a inúmeros artistas «anónimos». O músico apadrinhava assim um agrupamento em que não participava directamente, mas a que ficou para sempre associado.

### Tá Rebocado

Essa ligação ao quotidiano, ao modo de vida das ruas de Salvador, está na base não só de um projecto estritamente musical mas de todo um esforço que procura, através da realização de inúmeros trabalhos comunitários, dinamizar cultural e socialmente a população mais pobre da capital baiana.

É o próprio Carlinhos Brown que explica esse trabalho onde se empenham centenas de pessoas, designado por «Tá Rebocado»: «O que se pretende é dar melhor condição de vida às pessoas. O que é isso? Não é ter casa com risco de desabamento, sujeita a insectos ou doenças tropicais. É manter o ambiente com mais limpeza, trazer a comunicação e a educação por meio da música, do vídeo, de livros». A música está sempre na base da intervenção do Tá Rebocado.

«Lactomia», é outra das componentes desse projecto: trata-se de uma banda criada no bairro do Candeval, formada por crianças de idades compreendidas entre os seis e os 14 anos, que tocam apenas instrumentos de lata.

«Bolacha Maria» é outra formação musical, só para meninas, que tocam rap, hip-hop e funk. Aí mistura-se a guitarra e o baixo eléctrico

com toda a parafernália de percussões a que os baianos estão habituados. Um instrumento muito curioso desse grupo, é o «atibule», que é um timbau misturado com um bule de café. «Que saiu da cozinha, justamente para significar a independência da mulher», explica Carlinhos Brown, numa entrevista ao clube de fãs da Timbalada.

Brown é um músico autodidacta que interrompeu a escola no 2º ano do primário, tal como muitas outras crianças do seu bairro. Aliás o seu primeiro disco a solo intitula-se «Alfagamabetizado» como forma de rejeição à palavra analfabeto, que considera preconceituosa.

negros. E essa mistura bem brasileira, veio pra mudar essa opinião de gostar apenas de músicas internacionais. Essa mistura veio justamente para resgatar as nossas origens e culturas».

Os primeiros ensaios do grupo Timbalada aconteceram no Verão de 1989. A música era de rua e os ensaios foram (e ainda são) na rua. A barulheira atraiu a atenção de turistas, artistas e do público baiano e, desde então, passou a ser hábito assistir-se a autênticas romarias ao Candeval, domingo à tarde, de gente a procurar aquela novidade. Aliás foi criada uma rua própria para o ensaio da Timbalada, a Candyall Guetho Square, agora um dos principais espaços culturais

de Salvador e um ponto de atracção turística aos domingos, às 17 e 30, quando a Timbalada e os seus amigos ensaiam no período pré-camavaleco. As coisas evoluíram e aconteceram as gravações de discos:

«Timbalada», em 1993, «Cada Cabeça é um Mundo», em 1994 e «Andei Road», no ano seguinte. Em 1996 seria a vez de uma gigantesca digressão fora de portas e que passou pela Europa, América Latina, Estados Unidos e Japão. Os discos venderam o suficiente para ganharem ouros e platinas e os seus méritos

seriam reconhecidos pela crítica com a atribuição dos «grammys» brasileiros, os «aimmys».

As preocupações culturais do projecto vão ao ponto de se ter criado um elevado padrão de exigência para as capas dos discos, também elas premiadas, graças aos trabalhos do fotógrafo publicitário David Glat e do artista plástico Ray Viana. Este, aliás, é autor da pintura que é emblema do grupo e que inspira os desenhos que alguns dos músicos pintam no corpo, como «farda» das suas actuações.

Para a Festa do «Avante!» a formação de 17 músicos que vem tocar a timbalada significa o regresso da música brasileira depois de alguns anos de «jejum» que se sucederam ao ciclo que trouxe a Portugal nomes tão importantes como Chico Buarque (de quem aliás Carlinhos Brown é género), Alceu Valença, Gonzagão e Gonzaguinha, Elba Ramalho, Simone, Ivan Lins, entre muitos outros artistas de primeira grandeza do Brasil. Esgotado esse ciclo, atravessou-se um período que correspondeu a uma certa repetição de fórmulas da música popular brasileira, apesar da popularidade em Portugal de alguns artistas - sobretudo os chamados «cantores românticos» - que, com frequência, vêm ao nosso país em digressão.

A Timbalada é uma coisa nova, e decerto vai reconciliar muitos de nós com a verdadeira música popular do Brasil.



## 17 músicos em cena

Depois de anos a escrever para Caetano Veloso, Marisa Monte, Paralamas do Sucesso, Sepultura, entre outros, o mestre da Timbalada resolveu iniciar carreira a solo. Alfagamabetizado seria lançado simultaneamente no Brasil e nos Estados Unidos. É que Brown transformou-se numa estrela, ocupa lugares de destaque na secção de música latina da Billboard e escreve com regularidade bandas sonoras para a indústria de Hollywood.

### Política

Exposto isto, alguém terá dúvidas sobre o enquadramento político de esquerda que está na génese da Timbalada? Se ainda houver, reconheça-se e repare-se nas preocupações extra-musicais da formação: um dos músicos mais populares do Brasil (um «gato», dizem as brasileiras) criados em torno da Timbalada e que entretanto iniciou uma carreira a solo, Xexé de seu nome, define aquela música como sendo uma «batida tribal». E quando se refere a tribal, é uma coisa africana, indígena, é uma coisa do Nordeste, como o Xaxado, o Baião, o Samba de roda, que é muito autêntica... e essa mistura toda é que dá o Swingue Tribal. Então quando a gente fala em tribal, a gente tá falando no Índio, nos escravos, nos

Corky Siegel e Jim Schwall iniciaram o trabalho em duo no ano de 1965 com uma série de espectáculos em clubes nocturnos de Chicago. A harmónica do primeiro e a guitarra do segundo atingiram suficiente notoriedade para que surgisse a ocasião de tocar numa das mais famosas casas da cidade: o Pepper's. Acompanhados por uma secção rítmica provisória composta por Bob Anderson (no baixo eléctrico) e Billy Davenport (bateria) passaram a ser uma das bandas residentes do clube quando adoptaram o acompanhamento definitivo de Jos Davidson e Russ Chadwick. Nesses primeiros anos da Siegal-Schwall Blues Band, a comparação com outros agrupamentos como a Paul Butterfield Blues Band ou a Charlie Musselwhite's South Side

George Gerstwin



# A melhor música portuguesa de volta

A música portuguesa na Festa do «Avante!» apresenta-se, uma vez mais, com um programa diversificado, onde os estilos, influências e ritmos criam momentos de prazer, contam histórias de mulheres e

homens sempre em mudança, de amores terrenos e de tradições à beira do esquecimento... Os espectáculos musicais mantêm-se programados para os dois espaços de eleição, o Palco «25 de Abril» - a maior

estrutura cénica permanente do País - e o Auditório «1º de Maio». Ali, naqueles dois palcos e durante os três dias de festa, os milhares de visitantes e militantes não ficarão indiferentes à música popular, aos sons

quentes e inebriantes das terras de Cabo Verde, Moçambique e Guiné, além dos do jazz e do rock, que não faltarão ao encontro com os cultores destes estilos. Na 21ª edição da Festa do «Avante!», à

semelh... serão... convid... do par... amost... artísti...

## Rio Grande Uma visita a um destino



Um projecto discográfico! Um espectáculo. Uma mensagem. Uma visita a um destino partilhado por muitos, onde o fundamental passa a ser a música e a palavra. A ideia de Rio Grande, enquanto trabalho discográfico, pode dizer-se que «partiu de uns, foi continuada por outros

para depois se dirigir aos demais». Mas, é como espectáculo que se realiza enquanto história viva, onde o pulsar de uma personagem imaginária se adivinha em palco, vagueando de voz em voz. Em Rio Grande há, de acordo com os seus mentores, apenas a leitura de um real

muitas vezes esquecido, mas aberto às interpretações de cada indivíduo, sendo que em termos artísticos «a cada um caberá receber a música e encontrar nela a sua própria tonalidade». Para aqueles que na Festa do «Avante!» os escutarem, ficará o retrato de uma vivência de muitas

caras, ali protagonizadas por João Monge, João Gil, Rui Veloso, Jorge Palma, Vitorino e Tim, numa partilha plena de intencionalidade, em que sobressaem «as canções cristalinas e uma certa rudeza característica das coisas simples». Afinal, tudo nasceu da observação do

concreto, pelo menos, assim o defende João Monge, que foi fazendo cada canção, sem pressas, enquanto João Gil procurava sem pressões o acento que desejava para a sua música. O terceiro cúmplice, encontraram-no em Vitorino e na sua postura vocal. E, isto, porque naquele

contexto o Alentejo marca presença ao representar todas as regiões que paulatinamente se vão esvaziando de gente. A necessidade de outras vozes, porém, viria a juntar Tim, Rui Veloso e Jorge Palma. Com eles Rio Grande completou-se e partiu estrada fora.

## Sérgio Godinho O despontar de novas experiências

O autor, compositor e intérprete Sérgio Godinho, já uma presença de tradição na Festa do «Avante!», em Setembro, volta ao Palco «25 de Abril», mas com uma nova proposta. Desta vez, o alicerce que sustenta o núcleo do espectáculo é o seu recente trabalho

«Domingo no Mundo», onde despontam novos universos, como o rock, que alguém afirmou «sempre estiveram presentes na sua obra, mas de forma subterrânea». Tido pela crítica como o melhor exemplo de abertura e diversidade, «Domingo no Mundo», editado em Junho do corrente ano,

será aqui o mote para um concerto pleno de modernidade, onde pontificarão, igualmente, alguns sucessos, bem conhecidos, que tantos gostam de rever e até cantar. Para este espectáculo, Sérgio Godinho contará com a presença da sua banda habitual e ainda

com a colaboração de alguns músicos convidados que, por sinal, foram intervenientes importantes na elaboração do CD. Tal é o caso de Kalú (Xutos e Pontapés), Nani Teixeira (baixista), Manuel Faria (também responsável pela direcção musical),

Nuno Rafael e Gregori Spector (violinista ucraniano), entre outros. Assim e uma vez mais, para ver ou rever, a magia da palavra, da música e, porque não dizer, desse poder intransmissível das diferentes interpretações de Sérgio Godinho.



## Né Ladeiras O reencontro com as raízes tradicionais

Lapidar diamantes em bruto tem sido o trabalho de Né Ladeiras, pelo menos, desde 1994, altura em que lançou no mercado discográfico «Trás-os-Montes», a sua primeira recolha de temas tradicionais efectuada naquela região, onde, curiosamente, encontrou raízes familiares. Né Ladeiras é hoje, indiscutivelmente, uma referência

obrigatória quando se fala de música popular portuguesa, o que se deve em parte ao seu historial de participação e colaboração com alguns grupos portugueses, nomeadamente, «Brigada Vitor Jara», «Trovante» e «Banda do Casaco», além de registar também uma participação no álbum «Galinhas do Mato», de José Afonso.

Mas, para o espectáculo que na Festa do «Avante!» irá apresentar importa, além de «Trás-os-Montes», o seu mais recente trabalho «Todo este céu», editado em Maio de 1997, que tem como elemento fundamental um olhar sobre o lado mais místico e mitológico do cantor e compositor Fausto. O resultado desta fusão será uma agradável

apresentação em que temas como «Sarandilheira» ou «La Molinera» saíram abrilhantadas pela voz límpida de Né Ladeiras. Para os mais curiosos é de referir que há mais dois discos a solo para descobrir: «Alhur» onde Né Ladeiras canta textos de Miguel Esteves Cardoso e o álbum «Corsária», este produzido por Luis Cília.



## Pedro Jóia e Ciganos de Ouro

A execução de Pedro Jóia, na guitarra flamenca e a sonoridade cigana defendida pelo grupo Ciganos de Ouro levarão à Festa do «Avante!» um dos momentos mais intensos e plenos de ritmo. Por um lado, estará o prazer de assistir à capacidade de interpretação de

Pedro Jóia, que extrai da sua guitarra os ritmos da fúria, da sensualidade e da alegria tão característicos do mais genuíno flamenco de que em Portugal é, sem dúvida, o cultor mais sério. Do outro lado, num entrecruzar de posturas, estarão os

Ciganos de Ouro, cheios de el duende (força ou alma de uma melodia), traço essencial da música cigana. Em termos musicais, a proposta deixada para este espectáculo é, então, uma agradável fusão entre a sonoridade flamenca e aquela que se usa chamar

cigan... Uma... que, ... muito... dizem... desta... música... próprio... cigan... profu... marc... caract... região... integ... Por e...

## A festa da música

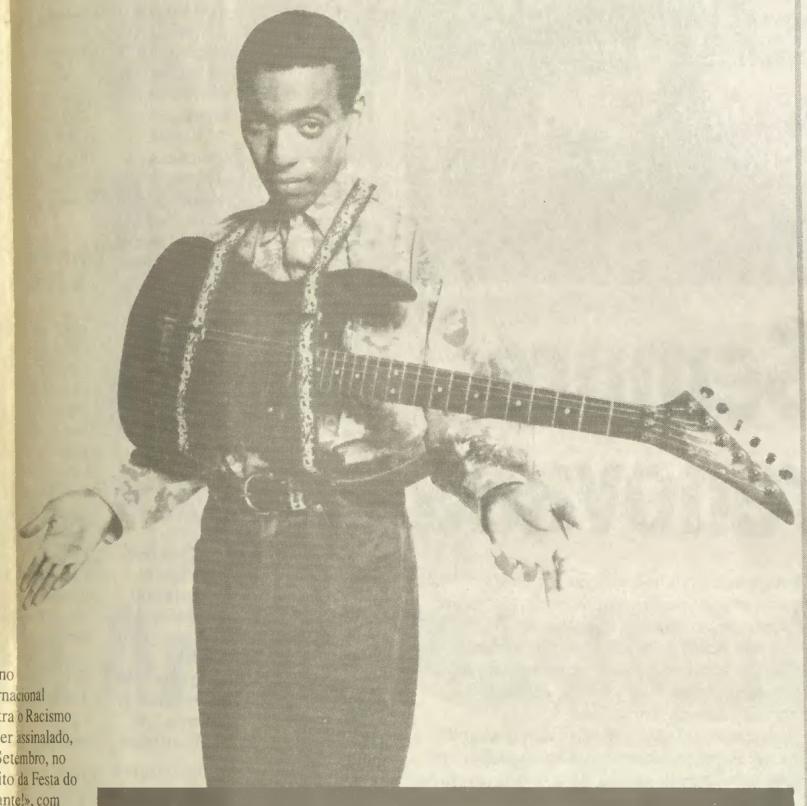
# volta à Atalaia

semelhança de outros anos, muitos serão os músicos e interpretes convidados que acompanharão nomes do panorama musical nacional, numa amostragem de solidariedade e partilha artística. Um fenómeno, que evoluiu nas

sucessivas edições desta mega festa multicultural, sem dúvida, fruto das características do evento e das inesquecíveis trocas de experiências entre todos: organizadores, criadores e visitantes.



# Tito Paris e convidados Os ritmos quentes de África



O Ano Internacional Contra o Racismo vai ser assinalado, em Setembro, no âmbito da Festa do «Avante!», com um grande concerto de música africana.

As vozes serão, além da de Tito Paris, a de Maria Alice, André Cabaço, Filipe Mukenga, Guto Pires (cantor dos Issabari) e Juca. Os ritmos serão quentes, inebriantes e, como não podia deixar de ser com um espectáculo com estas características, muitos dos presentes não resistirão a um pezinho de dança ou a um bom «abandar de esqueleto». A viagem imposta pela música começará em Cabo Verde e passará por Moçambique, Angola, Guiné e São Tomé, sendo os estilos mais conhecidos e identificáveis o das mornas, coladeras, funánas, marrabentas e, claro, os temas de índole urbana de raiz tradicional em crioulo da Guiné, por exemplo, ou de Luanda, onde por vezes despontam laivos do imaginário musical português. O simbolismo deste concerto não deixará de constituir, para muitos, um forte motivo de reflexão sobre questões tão reais e preocupantes nas sociedades actuais como o racismo e a xenofobia. É que aqui, a música cumprirá, afinal, uma das suas mais nobres funções enquanto linguagem universal...



# Mísia O fado em busca de cumplicidade



Mísia encontrou no fado o elo fundamental entre si, a sua identidade e as suas origens e desse fascínio da juventude veria a nascer um projecto cuja essência é a valorização desta expressão musical, onde as características da intérprete se foram sobrepondo aos códigos e ao género. Para o espectáculo da Festa do «Avante!» e para os apreciadores do fado, Mísia mostrará, uma vez mais, a sua singularidade artística, apresentando em palco uma leitura renovada do universo dos grandes sentimentos retratados ao longo dos tempos pelo fado, como por exemplo a saudade, a solidão e «a angústia vital». Do repertório farão parte oito novos temas do seu próximo trabalho - gravado em França, pela Erato e distribuído pela Warner Music - onde o fado tradicional e outros com poesia de Lídia Jorge, Agustina Bessa-Luis, Natália Correia, Fernando Pessoa, António Botto e Mário de Sá Carneiro, contribuirão com a força das palavras. Além das novidades, Mísia entoará ainda músicas de trabalhos anteriores, nomeadamente de «Tanto menos tanto mais» e de «Fado», como por exemplo: «Fado Adivinha», com letra de José Saramago e música de António Vitorino de Almeida ou «Liberdades Poéticas», com letra e música de Sérgio Godinho, ou ainda, «Veste de noite este quarto», com letra de António Lobo Antunes e música de Vitorino. A acompanhá-la nesta actuação vão estar Custódio Castelo (guitarra portuguesa), Carlos Manuel Proença (viola), Ricardo Dias (acordeão) e Marino (baixo).



# Telectu e Kientzy A aposta num concerto multimédia

Ouvir os portugueses Telectu e o internacional Daniel Kientzy, saxofonista francês, que prendeu às cadeiras o público em salas como as do Scala ou do City Hall Theatre de Hong Kong pode ser uma boa aposta para esta Festa do «Avante!» e no Auditório «1º de Maio». Para já e para fomentar alguma curiosidade, diremos que este espectáculo espera-se, - além de alguns ingredientes visuais que surpreenderão todos - uma prestação notável de Kientzy, que deslumbrará com a sua criatividade e sabedoria técnica, as quais fazem dele um dos mais prestigiados saxofonistas europeus de música contemporânea. Com Daniel Kientzy o saxofone é rei e senhor, dividindo-se o protagonista com mestria por quatro das oito variantes do instrumento inventado por Adolph Sax: o soprano, o soprano, o alto e o tenor. Neste contexto, não poderia existir melhor parceria que aquela que Daniel Kientzy encontrou nos Telectu, que completam a paleta de sons deste espectáculo, exibindo também as suas qualidades artísticas, tocando um piano acústico, uma vasta panóplia de instrumentos de percussão ou uma guitarra electrónica. Do encontro entre estes artistas resultará, então, uma actuação superactiva e de grande magia sonora, que deleitará o público e homenageará o



compositor Jorge Peixinho. A homenagem ao músico e amigo. A homenagem a Jorge Peixinho colaborador e amigo de longa data de Kientzy, que em 1995, aos 55 anos, partiu rumo a uma viagem sem retorno, impunha-se aqui e agora. Depois de ambos terem programado para 1996 recitais de saxofone e piano para Paris e Lisboa, quis o tempo que Peixinho deixasse nas memórias as marcas de uma

sensibilidade e, porque não dizer, de uma obra de sonoridade, às vezes frágil, às vezes, vulnerável, quase sempre «tridimensional, onde florescem e evoluem os objectos musicais». Muito se poderia dizer de Jorge Peixinho, mas da sua experiência viva, bastaria que ficasse para a História o facto de, em 1970, ter criado o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, o qual rangeou o estatuto de grande difusor da música contemporânea, sobretudo da portuguesa, explorando em simultâneo as problemáticas teóricas e práticas da nova música e das novíssimas tecnologias instrumentais.

# ro Jóia os de Ouro

cigana ou gitana. Uma classificação que, talvez, não seja muito precisa, pois dizem os estudiosos desta matéria que «a música, o traje e a própria língua dos ciganos, são profundamente marcados pelas características da região em que estão integrados». Por esta razão, afirmam ser mais correcto falar da música cigana como alma cigana - cujo significado é capacidade de dar vida, de virtuosidade - sendo esta que caracteriza a sua actividade artística. Nesta perspectiva, os Ciganos de Ouro portugueses e lisboetas, juntamente com Pedro Jóia apresentarão na Atalaia, em Setembro, o produto de uma expressão musical já de tom urbano, mas, de certeza, arrebatador, onde a força do dedilhar das guitarras e o magnetismo pessoal dos executantes a todos contagiarão.

# música cigana

# Iris Um estilo «pop-rock» de sotaque algarvio

Os Iris surgiram em 1979, no Algarve. E, aí, criaram uma banda que, como vem sendo usual em Portugal, começou por criar cariz em bailes e festas. Hoje, senhores de uma inerência que os caracteriza e de uma sonoridade que cruza, à vez, os sons das violas com o tradicional acordeão, agradam e encantam as plateias de fas, que entusiastas contribuem para alguns dos momentos mais acalorados. Protagonistas de uma verdadeira proeza - dez mil cópias vendidas em duas semanas e o equivalente disco de prata - os Iris prometem para o

Palco «25 de Abril» um espectáculo endiabrado e com sotaque algarvio, entoando temas como «Atira-te ao mar», «Mal dizer», «O Passarinho» e «O Corridinho», que sempre

provocam o delírio do público. E, como todo o sucesso tem um segredo, podemos dizê-lo sem rodeios que o dos Iris está na mistura da música «pop-rock» com temas de inspiração algarvia e, claro, num conjunto de letras de pendor mais picante. Seja como for, o resultado de tais ingredientes é um espectáculo pleno de boa disposição.



... e mais, muito mais na Revista Programa!



# Milhares de atletas em dezenas de modalidades



## Sempre renovada

Sempre mais bonita, mais verde, mais organizada, a Festa tem todos os anos uma imagem renovada aos olhos do visitante. Para isso muito contribui a imaginação e criatividade das organizações e sectores do Partido na construção e decoração dos seus pavilhões, bem como os grandes investimentos que de uma forma cuidada e planeada têm transformado a Quinta da Atalaia num dos locais mais aprazíveis da baía do Seixal. Depois da construção do lago artificial, no ano passado, e do consequente alargamento do recinto da Festa à agradável zona ribeirinha, criou-se um novo espaço, afastado do movimento da Festa, propício ao lazer e à realização de certos espectáculos que exigem isolamento sonoro. Na edição anterior, foi ali instalado o Avanteatros, bem como efectuadas projecções de cinema ao ar livre. As várias obras que agora estão em curso irão certamente provocar uma renovada sensação de surpresa aos visitantes. Este ano, a grande novidade é a transferência do AUDITÓRIO para a zona ribeirinha, proporcionando a músicos e público um ambiente mais calmo e «purista», sem interferências de ruídos produzidos por outros palcos.

O PALCO 25 DE ABRIL está a ser ampliado de modo a permitir a realização de espectáculos com grande número de músicos, como é caso de uma orquestra sinfónica... A actual estrutura irá avançar cerca de quatro metros, sendo o prolongamento feito em betão.

Será criado um espaço delimitado para TEATRO DE RUA, com bancadas para os espectadores, onde diversos grupos apresentarão os seus espectáculos. Outra aposta dos organizadores é a DISCOTECA. Junto à tradicional feira do livro irá surgir um área coberta, de grandes dimensões, onde estará disponível uma cuidada selecção de discos, que incluirá desde os grandes éxitos nacionais e estrangeiros até sonoridades musicais menos ouvidas, mas nem por isso menos populares, caso da música celta, ou das novas tendências da música latino-americana.

O tratamento da zona da mata (oposta à entrada da Medideira), com a abertura de um caminho, a colocação de bancos e mesas para piqueniques, e o revestimento vegetal do solo cria uma nova área de LAZER. Os melhoramentos para este ano incluem ainda a melhoria dos sanitários.

O acesso dos milhares de visitantes ao recinto da Festa será também facilitado com remodelação da ENTRADA da Medideira, em que se destaca o asfaltamento da estrada entre a zona do estaleiro e o posto de saúde.

Na Festa do «Avante!» é tudo em grande. Espectáculos, exposições, gastronomia, artesanato e, é claro, o desporto. Muito antes das portas abrirem, já milhares de atletas participaram nas provas e torneios promovidos na fase de divulgação. Depois, nos dias da Festa, praticantes e adeptos enchem os espaços da Atalaia dedicados às diversas modalidades. No passado dia 5 de Julho, realizou-se mais um edição do Avantejo, prova de canoagem que envolveu dezenas de embarcações que cumpriram o percurso entre Alhos Vedros e Amora. O torneio de futebol de salão, promovido em várias regiões do país, teve a sua final

no passado dia 12 de Julho, no Centro Cívico de Manteigas. Ao todo, participaram no torneio 13 equipas e cerca de 130 atletas. Igualmente sob o patrocínio da Festa do «Avante!», foram ainda realizados três torneios de futebol de salão feminino, dois no distrito de Setúbal e um em Beja, bem como durante o mês de Julho decorrem convívios de futebol de cinco nas freguesias lisboetas do Beato, Ameixoeira, Chameca, Ajuda, Campolide e Mercês. Nos dias da Festa, haverá jogos de futebol das modalidades de masculinos e femininos. A malha-chinquilho é outra das modalidades já em marcha, com torneios a decorrer

em Lisboa, Setúbal, Almada, Moita, Seixal, Barreiro e Sesimbra. No mês de Agosto, realizam-se a Prova de Cicloturismo (31) e o 3º Convívio de Pesca entre a Ponte 25 de Abril e a Torre de Belém (31).

### Nos dias da Festa

Está já confirmada a realização de uma simultânea de xadrez, que contará com a participação do mestre Álvaro Pereira. Ainda neste pavilhão, decorrem dois torneios, um de semi-rápidas (15 minutos) e um outro de rápida (5 minutos), bem como uma sessão de ensino do xadrez para os visitantes da Festa. As Damas terão mais uma vez a participação de



nomes consagrados que animarão os diversos torneios previstos. Para o espaço do Desporto estão programados vários torneios de Tiro com chumbo com carabina; um torneio de Basquetebol 3x3 dirigido aos

visitantes; um sarau de ginástica, dirigido pela professora Anabela Bicho, com demonstrações de Dança Jazz e Ginástica Rítmica; uma sessão especial de aeróbica para visitantes; demonstrações de Kick Boxing, Karaté, Judo, Full-contact e Taekendo.

### A Corrida

No domingo, dia 7 de Setembro, será dado o tiro de partida da Corrida da Festa, que registou no ano passado mais de duas mil inscrições individuais. Mantendo-se

essencialmente como uma prova de estrada destinada a participantes de ambos os sexos, representantes de clubes federados ou não, e a atletas individuais, a Corrida distingue-se pela sua organização cuidada que, tal como nas edições anteriores, irá assegurar todas as condições necessárias a uma competição deste tipo.

A partida será dada junto às bombas da CIPOL e a meta estará no campo da Amora. Os vencedores absolutos terão a possibilidade de participar na corrida do «L'Humanité».



em Paris, sendo entregues às primeiras 15 equipas taças ou troféus. Estes últimos prémios serão igualmente atribuídos aos quatro primeiros classificados de cada escalão. Aos restantes, até ao número limite de 1100, a organização oferece camisolas da Corrida da Festa. Por fim, todos os atletas que



terminarem a prova podem solicitar a entrada gratuita no recinto da Festa. As inscrições são efectuadas entre 25 de Julho e 29 de Agosto, devendo os pedidos ser enviados para «Corrida da Festa do Avante!», Av. António Serpa, nº 26 3º Dº - 1050 Lisboa. Tel. 7969141, ou fax 7969139.

## Cidade internacional

É um percurso pelo mundo, onde no cruzamento das línguas e culturas sobressaem os problemas e as lutas dos povos, mas também as suas conquistas e a sua confiança num futuro melhor. A Cidade Internacional é pois um local especial dentro da Festa que oferece a oportunidade rara de contactar diferentes realidades, trocar ideias e experiências, admirar peças de artesanato, abrir um

jornal de um outro continente, ou arriscar sabores desconhecidos de comidas e bebidas. Ali respira-se a solidariedade internacionalista dos comunistas com todos que combatem contra as ditaduras e repressão, pela liberdade e democracia, por uma sociedade mais justa. Mais uma vez este ano, vão estar representados numerosos partidos e movimentos



progressistas de vários países, estando neste momento confirmados os seguintes stands, bares e restaurantes: Partido do Socialismo Democrático (PDS) da Alemanha, Partido Comunista Alemão (DKP), Partido Comunista de Cuba, Partido Comunista da China, PAICV de Cabo Verde, Partido do Trabalho da Coreia, PT-Brasil, Partido Comunista de Espanha, Partido dos Comunistas da Catalunha, Bloco Nacionalista Galego, Partido Comunista

Iraquiano, Partido Comunista Francês, Partido da Refundação Comunista de Itália, Frente de Libertação Nacional do Kurdistan, da Organização de Libertação da Palestina, do Partido Comunista Peruano, da FRETILIN de Timor Leste, de Moçambique e da Frente Polisário. Confirmada estava também a vinda das delegações do Partido dos Trabalhadores da Turquia, do Movimento dos Cidadãos de França e do Partido Agrário da Rússia.

## Novos valores

Proseguindo o sucesso do ano passado, a Festa do Avante! promove pela segunda vez o Palco dos «Novos Valores». Trata-se de uma iniciativa que visa divulgar novos agrupamentos de várias regiões do país que trabalham em diferentes géneros musicais: música popular ou de intervenção, rock «puro e duro», pop, hard rock, heavy metal. Entre outros, poderemos ouvir durante os três dias da Festa os X-Posed (Barreiro), Estado Sónico (Marinha Grande), Jardins de Pedra (Almada), Dog Bone (Maia), LSD (Viana do



Castelo), Canto Moço (Beja), Grupo de Cantares «O Sincelo» (Viseu), Portuscalem (Sintra), As Endyabradas (Abrantes), União de Loucos e Projecto de Intervenção (ambos de Lisboa).

## Palco Arraial

Dedicado a quem prefere música tradicional portuguesa, o Palco Arraial apresenta diversos grupos populares de todos as zonas do país, durante os três dias que a Festa do Avante! decorre. Entre outros, o palco vai ser ocupado com grande animação pelo Grupo Folclórico das Bordadeiras da Casa do Povo de Cardielos (de Viana do Castelo), Grupo Típico de Danças e

Cantares do Afonsoiro (do Montijo), Grupo de Baile «Pró-SAT» (de Santarém), Orquestra Ligeira do Clube Recreativo da Cruz de Pau e o Rancho Folclórico «Camponesas de Montessão» (de Coimbra). Outros agrupamentos actuarão, nomeadamente no domingo, durante a tarde alentejana dedicada às diversas expressões musicais da região.



## Feira do Livro

Cerca de meia centena de editoras (mais dez do que no ano passado) participam na Feira do Livro da Festa deste ano que oferece aos visitantes publicações recentes com grandes descontos. Dezenas de milhares de títulos de poesia, romance, história, direito, informática, ciências sociais, novas tecnologias, ensaios ou ficção infantil podem aqui ser adquiridas. Os descontos dos preços de capa variam entre os 20 (livros publicados depois de Novembro de 1996 e abrangidos pela lei do

preço fixo) e os 25 por cento. À disposição dos visitantes estão também milhares de títulos com mais de 18 meses com 50 por cento de desconto, agrupados em escalões de preços que variam entre os 300 e os três mil escudos. Aqui encontram-se títulos muito procurados, mas entretanto já quase desaparecidos das livrarias. Estão previstas diversas sessões de autógrafos de grandes autores da literatura lusófona, onde os leitores podem conviver com os seus escritores preferidos.

## É fácil ir e voltar da Festa

### Transportes, Parqueamento, Acampamento

À semelhança de anos anteriores a Festa vai continuar bem servida de transportes públicos. Em articulação com a Transtejo, serão asseguradas várias Carreiras Rodoviárias:

- entre Cacilhas e a Quinta da Princesa;
- entre Cacilhas e a Medideira;
- entre a Baixa da Banheira e a Medideira;
- entre a Amadora e a Medideira;

Funcionará ainda um vaivém especial que será coordenado com os horários dos

barcos Transtejo no Seixal, com paragens na Ponte da Fraternidade, Mundet e Parque do Seixal.

Para os que preferem o transporte individual, existem vários parques de estacionamento no interior da Amora.

Serão tomadas medidas adequadas, conjuntamente com as autoridades, de forma a garantir o escoamento do trânsito. Para maior comodidade o visitante encontra ainda junto ao terreno da Festa um parque de campismo onde poderá montar a sua tenda.



## Teatro na rua

Com espectáculos especialmente concebidos para serem representados na rua, o Teatro na Festa está este ano concentrado num espaço ao ar livre onde haverá um palco

e bancadas para o público. Comédia, drama, música, acção são ingredientes desta variante teatral, que certamente irá entusiasmar o público. Para já, está

confirmada a presença do Grupo de Teatro «O Olho», Teatro Art'Imagem e Teatro ao Largo. Este último, apresenta um espectáculo para crianças no domingo de manhã.



# O país de Norte a Sul

Percorrer o país na Festa do «Avante!»? Trata-se de um caminho já habitual. De norte a sul, Portugal está presente na Quinta da Atalaia com as suas características

únicas reflectidas na música, gastronomia, tradições e artesanato. Através de exposições e debates estarão ainda em evidência os problemas sociais

e económicos, as lutas dos trabalhadores e populações, a actividade e as propostas do PCP para o desenvolvimento regional.

Na habitual passagem pelos pavilhões das organizações regionais, encontramos amigos que já não víamos há meses - talvez desde a última Festa.

A conversa é posta em dia, as tradições são revividas, o gosto culinário é reposto. As crianças deliciam-se com a técnica do barro e a feitura do vidro, os adultos encantam-se

com os pratos tradicionais. Os pais compram brinquedos aos filhos iguais aos da sua meninice, os avós mostram aos netos fotografias antigas das suas zonas.

Portugal, repartido por regiões no terreno, mistura-se num convívio crescente desde a tarde de sexta-feira até ao encerramento no domingo. O país é um só, apesar das

particularidades de cada zona. A Festa faz-se festa na troca de sotaques, hábitos e costumes. E cada um sai sempre muito mais rico da Atalaia, em conhecimentos e amigos.



## Juventude

São os problemas dos jovens e as suas lutas que ganham destaque no Espaço da Juventude. A educação, o emprego precário, a habitação social - numa palavra, o direito a um futuro com segurança numa sociedade mais justa. Espaço plural para a intervenção política e debate de ideias, é também local privilegiado para diversas manifestações culturais. Das artes plásticas à música, o programa para este ano promete



não deixar ninguém indiferente. Atenção ainda ao Comboio da Juventude. As informações podem ser pedidas nos centros de trabalho do PCP e da JCP.

## Espaço Central Os trabalhadores e as propostas do PCP

As eleições autárquicas e exigência da regionalização do país, a denúncia do Governo e da onda de privatizações, as lutas sociais e as propostas do PCP - eis alguns dos temas que vão dominar as

exposições, instalações e os debates do Espaço Central da Festa do «Avante!». É também aqui que estará o espaço da **Imprensa do Partido** e a **Banca Central**, onde será dado grande destaque à

**Campanha de Fundos 200 mil contos**, contributo indispensável para fazer face às despesas das eleições autárquicas. Grande relevo terá ainda a passagem do 80º aniversário da Revolução Russa de Outubro de 1917,

que permitiu a instauração, pela primeira vez na História, de um Estado socialista. Concebido pelo arquitecto Justino Morais, o Espaço Central alberga ainda o Fórum de debates, a 10ª Bienal e o Café da Amizade.



## Mais discos mais música



Uma das novidades da Festa de 1996 foi a autonomização da zona de venda de discos. Ao longo de praticamente todas as suas edições, a Festa contou com a Cidade do Livro e do Disco, um dos pontos obrigatórios de passagem dos visitantes, animado não apenas com a venda de novidades e saldos a bons preços, mas também com a animação e os debates proporcionados pela presença de autores, sessões de autógrafos, etc. Durante longos anos, o equilíbrio entre a presença de discos e livros na Cidade favoreceu o livro, não apenas pela natural circunstância do mercado discográfico não ter atingido a dimensão que hoje atingiu, mas também por questões de ordem inteiramente prática: as precárias condições de conservação dos discos de vinil na Festa, com tardes de calor intenso e condições de armazenamento e acondicionamento inerentes ao carácter provisório que durante sucessivas edições fomos obrigados a dar às construções. O aparecimento do CD e a compra da Quinta da Atalaia modificaram esta situação. Para além do exponencial alargamento do mercado, o CD facilitou o transporte, armazenamento e protecção, enquanto o trabalho mais planificado que se tem vindo a realizar num terreno que nos pertence permite gerar melhores instalações. Nas últimas edições da Festa e nomeadamente o ano passado avançou-se assim para melhorar esta área: o espaço foi aumentado, assegurou-se uma mais larga selecção do material à venda mediante o

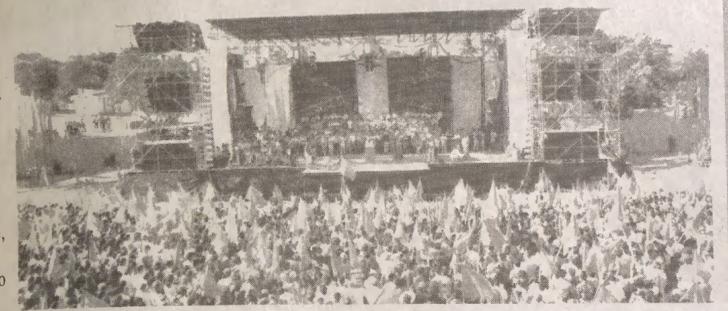
trabalho com profissionais do sector e iniciou-se um programa de animação que contou com a presença de artistas e sessões de autógrafos e alguns pequenos espectáculos. Este ano, a transferência do Auditório «1º de Maio» para a zona do lago, além de lhe assegurar condições de maior sossego e menor vizinhança de ruídos, proporcionou igualmente à discoteca-loja de discos (instalada no mesmo local do ano passado, perto de onde se situava o Auditório) um maior à vontade quanto à sua programação e animação. Assim, para além de uma área mais vasta de que consta um pequeno palco para apresentações mais significativas que as do ano passado, esta área contará em 1997 com o resultado da colaboração na selecção e comercialização de duas entidades de créditos firmados no sector: o «Mundo da Canção» do Porto, de há muito ligado à música popular e directamente ao Festival Intercéltico, e a Farol, uma das novas editoras independentes portuguesas. Através da Farol e da sua colaboração com outras etiquetas, será assim possível encontrar o que há de mais recente na edição de bandas portuguesas, das consagradas às que se vêm afirmando. Pelo seu lado, o «Mundo da Canção», para além de uma espectacularmente cuidada selecção de folk, blues, world music, etc, promove uma secção inteiramente dedicada às 21 edições da Festa do «Avante!» exclusivamente com artistas que desde 1976 actuaram nos palcos da Festa!

## Abertura e Comício

A Festa abre as suas portas aos visitantes ao fim da tarde de sexta-feira. momento em que do palco montado na Praça da Paz, o secretário-geral do PCP fará uma intervenção política. Na abertura contam também com a actuação da Banda de Grândola. No domingo, por volta das cinco da tarde, a Festa culmina com o grandioso



comício. Da tribuna, para além de Carlos Carvalhas, intervirão o director do Jornal «Avante!», Carlos Brito, e um membro da Direcção Nacional da JCP.



## 10.ª Bienal de Artes Plásticas

A Bienal da Festa do «Avante!» é definida pela própria organização como «um lugar de encontro entre a obra de vários artistas e um público muito vasto e heterogéneo na sua composição social, regional, cultural e estética».



Mais uma vez, estarão patentes obras de vários artistas convidados e de muitos outros que manifestam interesse em divulgar os seus trabalhos. Para estes últimos, iniciados ou artistas menos conhecidos, a organização formou um júri constituído por sete elementos, dois dos quais indicados pelos próprios participantes, e os restantes nomeados pela Comissão Consultiva da 10ª Bienal. Foram aceites todas as disciplinas das artes visuais, desde a pintura à escultura, passando pelas instalações, gravura, desenho, cerâmica artística, etc. A estrutura da exposição é da

responsabilidade da Comissão Executiva da Bienal que se ocupa ainda dos aspectos logísticos e de instalação. Os espaços onde se realizam as Bienais da Festa são sempre construídos com carácter efémero. Contudo, a organização fez esforços no sentido de garantir as condições necessárias de instalação e segurança das obras. Com este objectivo foram adquiridas tendas espaçosas e pavimentos de madeira que resolvendo alguns problemas de instalação tornam o local mais agradável ao visitante. A sede da 10ª Bienal encontra-se na Av. António Serpa, 26 3º Dº. 1050

Lisboa. Telefone 7969141. Fax 7969139.

### Artistas convidados

A mês e meio da abertura da 10ª Bienal, está confirmada a participação de mais de quatro dezenas de artistas plásticos. Contudo, prevê-se que até Setembro, o número de convidados aumente para o dobro. Para já, divulgamos os seguintes nomes: **Albertina Sousa; Alberto Gordillo; Alice Jorge; Alvaro Carneiro; Américo Silva; Ana Cassiano; Ana Galvão; Ana Teixeira; António Carmo; António Domingues; Carlos**

**Dutra; Carlos Eirão; Célia Bragança; Eduardo Lima Teixeira; Eduardo Neves; Ema Berta; Eurico Gonçalves; Fátima Neves; Fernando Cruz; Hernâni Marcelino; Inês Wijnhorst; Isabel Cabral; Isabel Garcia; Jeny Carvalho; João Duarte; João Ribeiro; José Augusto; José Paulo Ferro; Luís Ralha; Margarida Tengarrinha; Maria Antónia Santos; Maria Gabriel; Maria Irene Ribeiro; Marília Viegas; Paulo Carmona; Rogério Ribeiro; Sofia Medeiros; Teresa Balté; Teresa Magalhães; Tiago Batista; Virgílio Domingues.**

## Rogério Amaral



A 10ª Bienal de Artes Plásticas promove uma exposição sobre Rogério Amaral, pintor português que colaborou em várias campanhas e criou murais, painéis e cartazes do PCP, nomeadamente o cartaz da Festa do Avante! de 1978. Nascido em Lisboa em 1917, Rogério Amaral frequentou a Escola António Arroio. Em 1959 e 1973 recebeu o Prémio Silva Porto e, em 1976, o primeiro lugar da Nika Grand Prix de Nikakai e da Associação de

Artistas de Tóquio. Além das suas exposições individuais em Lisboa, Porto e Funchal, Rogério Amaral participou em exposições colectivas realizadas em várias cidades do país, em Caracas, Tóquio, Praga, RDA e Suécia. O pintor está representado no Museu de Arte

Contemporânea (Lisboa), no Museu de Mirandela, na Fundação Calouste Gulbenkian, no Museu de Sófia, nos Museus Municipais de Lisboa, Loures e Almada e em diversas colecções particulares.

**FESTA**  
Sábado  
5, 6 e 7  
SETEMBRO  
BARRAL - AMORIM - BARRAL

1997 Ano Europeu  
contra o racismo



# Tito Paris

com **Filipe Mukenga**

Angola

**Gutu** Guiné

**Juca** S. Tomé  
e Príncipe

**André  
Cabaço**

Moçambique

e **Maria Alice**

Cabo Verde

**IRIS**



**Né**

**Ladeiras**



**Ciganos de Ouro e Pedro Jóia**

# FADOS NO AUDITORIO

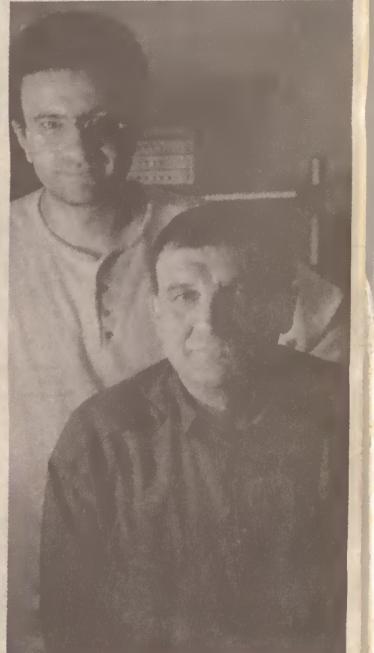
Programa  
a anunciar



**Mário  
Gramação**



**Mísia**

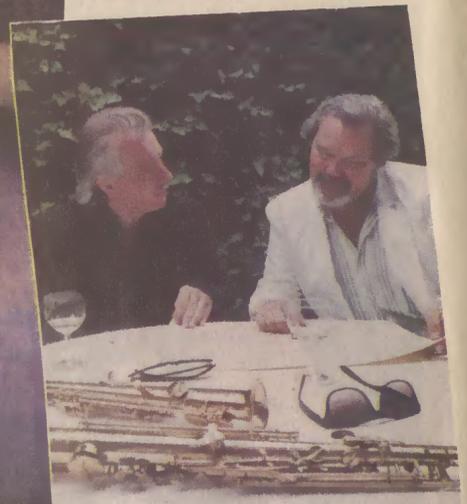


**Telectu**  
com **Daniel  
Kientzy**

Homenagem  
a Jorge Peixinho



**Carlos Bica**



Daniel Kientzy (esquerda) com Jorge Peixinho,  
em Junho de 1995

**Programa definitivo na Revista da Festa**

**... e muito  
mais!**